



AMAR É SEMPRE CERTO

Josh McDowell e Norman L. Geisler

**Título do original em inglês:
LOVE IS ALWAYS RIGHT**

Uma Defesa do Único Absoluto Moral

A Resposta para:

Dilemas Éticos/Situações Desafiadoras/Decisões Difíceis

© 1996 de Josh McDowell e Norman Geisler

Tradução: Neyd Siqueira

1ª Edição: **janeiro 1998** - 3.000 exemplares

EDITORA E DISTRIBUIDORA CANDEIA

Rua Belarmino Cardoso de Andrade, 108

Interlagos - São Paulo, SP CEP.: 04809-270

[CONTRACAPA:]

Qual o segredo de fazer sempre escolhas morais certas? Você tem de enfrentar centenas de escolhas morais, algumas importantes e outras aparentemente inconseqüentes; todavia, todas com algum tipo de efeito. Existe uma verdade secreta que virtualmente garante que você possa fazer as escolhas morais certas sempre? No livro ***Amar É Sempre Certo***, Josh McDowell e Norman L. Geisler apresentam um princípio abrangente que pode guiar você em suas decisões ao fazer as escolhas morais certas na vida. Através de cenários da vida real e ilustrações práticas, os autores tratam de dilemas éticos complexos em relação às decisões morais diárias. Em cada caso, você descobrirá como avaliar cada escolha em relação ao absoluto moral de Deus – o amor. *Amar É Sempre Certo* se alicerça neste fundamento do amor para desenvolver

um processo de tomada de decisões passo-a-passo. A aplicação desse processo à vida pode dar-lhe uma diretriz firme para fazer a escolha moral certa em todas as situações.

Josh McDowell, patrocinador da Campanha Certo e Errado em todo o território americano, é um orador internacionalmente conhecido e representante itinerante da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo. Escreveu mais de quarenta livros, inclusive Certo ou Errado e o Handbook on Counseling Young (Manual para Aconselhamento de Jovens). Josh e sua esposa Dottie têm quatro filhos. Dr. Norman L. Geisler é reitor da Graduate School do Southern Evangelical Seminary de Charlotte, Carolina do Norte. Ele serviu integralmente no ministério por mais de quarenta deles, muitos anos como pastor e trinta e sete anos como professor de faculdade e do seminário. O Dr. Geisler é autor de mais de quarenta e três livros. Ele e sua esposa Barbara têm seis filhos e sete netos.

ÍNDICE

Prefácio	4
Agradecimentos	4
1. Fabricando Histórias de Amor	5
2. O que Há de Errado – ou Certo – com esta Cena?	15
3. É sempre a Coisa Certa a Fazer	31
4. Você não Ama se não Conhece a Deus	45
5. O Amor na Linguagem Diária	59
6. O Amor em Contraste	70
7. O Imperativo do Amor	81
8. Amando a Pessoa diante do Espelho	94
9. Amando o Próximo de Longe e de Perto	102
10. A Lei do Amor	114
11. Amor Encarnado	126
12. Amor em Conflito	135
13. Princípios de Valor para Resolver os Conflitos de Amor	148
14. Questões de Vida e Morte	163
15. Quando o Amor não Acontece	180
Notas	188

Prefácio

A ética, especialmente a ética do dilema, pode ser uma questão controversa sobre a qual os bons cristãos discordam sinceramente. Meu co-autor e eu desejamos, porém, tratar dessas questões às vezes controversas a respeito do certo e do errado *de um ponto de vista genuinamente bíblico*. Nosso alvo principal é resolver alguns desses assuntos difíceis e usar princípios bíblicos como uma estrutura para responder a muitas perguntas complexas.

Gostaria de pedir que, ao ler este livro, você ponha de lado qualquer idéia preconcebida do que possa ser a sua resposta certa ou errada nas várias situações examinadas. Peço-lhe também que aborde cada item numa nova perspectiva fornecida pelos princípios colhidos na Palavra de Deus.

Apesar de pretendermos ser sinceros com respeito à interpretação bíblica, você talvez discorde de nossas suposições ou conclusões. Agradecemos a sua resposta. Sinta-se livre para escrever-nos e compartilhar suas preocupações ou comentários bíblicos. Embora não possamos prometer resposta a todas as cartas, asseguro que vamos considerar cuidadosamente cada preocupação que venha a expressar.

Norman L. Geisler 471974 Charlotte, NC 28247

Josh McDowell P.O. Box 1000Q Dallas, TX 75221

Agradecimentos

Queremos agradecer às seguintes pessoas:

Ed Stewart, pela sua capacidade em reorganizar o manuscrito original e inserir as várias e novas idéias e materiais de ambos os autores.

Javier Elizondo e Edward Pauley, por sua crítica profissional e completa do manuscrito terminado. Seu discernimento e seus esclarecimentos foram extremamente úteis.

Dave Bellis, agente de Josh McDowell e associado há dezenove anos, por orientar o projeto desta obra desde o início até o seu término.

E, finalmente, Joey Paul e Word Publishing, nossos editores, pelo encorajamento e entusiasmo que mostraram na publicação deste trabalho.

FABRICANDO HISTÓRIAS DE AMOR

Sem lar e faminto. Rabiscadas num pedaço de papelão com lápis de cera, as palavras prendem sua atenção mesmo antes de parar ante semáforo de um cruzamento movimentado. Você não pode evitar ver o homem na esquina, bem perto da janela do carro, aparentemente voltando o cartaz e o olhar tristonho diretamente para você. A camisa dele, de flanela e em farrapos, é pequena demais. As calças estão rasgadas e sujas. O cabelo é oleoso e despenteado, e o rosto coriáceo está sombreado por uma barba de vários dias. Os olhos, que você tenta evitar, parecem vazios por causa das privações e da negligência. Ele certamente tem um ar de desabrigado e faminto.

Na mesma hora a sua mente transborda de uma ladainha de respostas, como se um comitê de conselheiros internos estivesse gritando sugestões todos ao mesmo tempo. A cada pensamento surge um protesto do outro lado do seu cérebro, insistindo em que você ignore os conselhos.

Tenha uma atitude amorosa. Dê ao pobre homem essa nota de cinco reais que está em sua carteira. Não, não lhe dê dinheiro. Ele provavelmente irá gastá-lo na mesma hora com bebidas. Esse homem não passa de um vigarista e beberrão tentando enganar as pessoas com

sua farsa de desabrigado e faminto. Os seus cinco reais ajudarão mais os sem-lar e esfomeados se forem empregados na missão de resgate local.

Ofereça levá-lo a uma lanchonete para almoçar ou compre algum alimento no supermercado. Isso é perigoso demais. Ele pode estar justamente à espera de um motorista ingênuo como você para roubá-lo ou seqüestrá-lo. Além disso, o seu dia está cheio hoje – não há sequer uma brecha pala a caridade. De toda forma, ele iria manchar demais o estofamento do carro com suas roupas sujas.

Entregue um folheto e fale a ele de Cristo. Está brincando? A última coisa na mente desse sujeito é religião. Se estiver realmente sem casa e com fome, precisa de algo para comer, e você não pode ajudar nisso. Se foi um mentiroso pedindo dinheiro para beber ou drogar-se, você *não deve* ajudá-lo. De qualquer modo, ele não está interessado num sermão na esquina sobre céu e inferno.

A atitude amorosa a tomar é confrontá-lo em relação à preguiça. Diga a ele que arranje um emprego e se alimente. Mas talvez ele não seja preguiçoso; quem sabe é um homem trabalhador que está passando por um período difícil... Ao confrontá-lo injustamente, você pode piorar ainda mais a situação já negativa desse homem, e que amor há nisso?

Depois de menos de um minuto – que pareceu meia hora – a luz fica verde e você passa. Antes de dois quarteirões, os seus pensamentos já voltaram à sua agenda repleta, como se você nunca tivesse visto o homem miserável de roupas esfarrapadas.

Você acabou de sair e está a caminho do hospital, minutos depois de ter desligado o telefone. Kathy, sua vizinha do lado, acabou de telefonar contando que Jarrod, o filho de 10 anos de outra vizinha, Alise, levou um tombo da árvore e caiu de cabeça. "Ele corre risco de vida", disse Kathy, "e Alise está sozinha. Ela é mãe solteira e não tem família na cidade. Alguém deve fazer-lhe companhia". Seu coração volta-se para

Alise, e você percebe que tem uma oportunidade para compartilhar o amor de Cristo nesta súbita e triste emergência. Decide ir.

A caminho do hospital, seus pensamentos dão uma volta curiosa. *Isto não teria acontecido, Alise, se você controlasse Jarrod melhor. Ele está sempre fazendo loucuras, movimentos perigosos na casinha da árvore, andando descuidadamente de bicicleta ou brincando com ferramentas elétricas. Mas você não se importa. É por isso que não deixo meu filho Michael brincar na sua casa. Talvez você estivesse com os sentidos amortecidos demais pela bebida. A vizinhança inteira sabe que você bebe. As garrafas na lixeira da esquina todas as semanas denunciam a triste história. Essa é outra razão pela qual não deixo Michael visitá-la. Se não acordar é possível que também perca sua filha de seis anos.*

Ao chegar ao hospital, você reúne seus pensamentos perdidos e volta a atenção para Alise, a fim de cuidar dela da melhor forma possível. A voluntária na recepção informa que Jarrod está na sala de cirurgia, e você sabe como Alise deve estar sentindo-se. Mas, quando você entra na sala de espera, em lugar de cair em seus braços estendidos, a mãe aflita de Jarrod a encara friamente. "Que surpresa!", diz ela, enxugando os olhos com um lenço de papel. "Eu não sabia que vocês, os vizinhos 'mais santos', se importavam conosco. Você não deixou que seu filho brincasse com o Jarrod quando ele tinha saúde. Por que veio agora que ele está quase morrendo?"

Você fica atônita com as palavras de Alise. Tenta dizer a si mesma que ela, desesperada e aflita, não consegue pensar claramente. Mas o olhar frio e as palavras hostis dela parecem apagar a compaixão que você sentia. *Não está vendo que tomei tempo do meu dia ocupado para ficar aqui com você, Alice?* Você responde em silêncio. *Estou aqui para ajudá-la e não para julgá-la.* Parte de você quer olhar para além das palavras indelicadas dela, tocando o sofrimento que há por trás delas, e perguntar como pode ser útil. Outra parte quer virar-se e deixar para trás

sua vizinha ingrata. *Por que algumas pessoas são tão difíceis de amar?*, você se pergunta.

Você adivinhou o que a superintendente ia dizer antes que ela abrisse a boca. Era uma questão de tempo até que ela a colocasse contra a parede. "Você tem freqüentado a Igreja Comunitária há uns oito meses, não é? Soube que deu algumas aulas na outra igreja. Está disposta a ficar com a classe da terceira série neste outono? Estamos realmente precisando de professores experientes."

Você se encolhe por dentro. Os últimos oito meses na nova igreja foram celestiais – nada de responsabilidades ou reuniões, só aparecer nos cultos se e quando quiser. Você tentou permanecer anônima o maior tempo possível, enquanto se restabelecia de uma dolorosa experiência ministerial. Deus a restaurou, mas pareceu ótimo não se envolver e você evitou todos os pensamentos de apresentar-se como voluntária para o ministério. Alguém descobriu seu segredo e a superintendente da escola dominical está agora esperando sua resposta, sendo aparentemente impossível dizer um não.

Pior ainda, no seu coração você sabe que está na hora de retornar à obra. Você é uma cristã há longo tempo e sabe que os bastidores são apenas um lugar para descansar por certo período e não para aposentar-se. Você não pode negar o seu dom de ensino ou a satisfação que teve ao ajudar crianças a entender os preceitos da Bíblia e aplicá-los à vida diária. Também não pode esquecer o trabalho árduo e o comprometimento de tempo envolvidos no ministério de ensino bem feito; você nunca se conformou em fazer menos do que o seu melhor. Você sabe que dizer sim à superintendente trará de volta tanto a alegria como a tensão de ser professora.

Só mais alguns meses de folga, Senhor, você suplica silenciosamente. *É tão gostoso dormir um pouco mais nas manhãs de*

domingo e não estou disposta a desistir de várias noites por mês para reuniões de professores, eventos sociais da classe e visita pessoal aos alunos. Será que posso dar aula somente aos domingos e deixar de lado tudo mais? Servir ao Senhor pode ser trabalhoso às vezes. Vai aliviar-me um pouco desta vez? Eu O amo, Senhor mas será que o amor tem sempre de custar tão caro?

CONVIVÊNCIA

É possível que nenhuma das cenas anteriores descreva exatamente a sua experiência pessoal, mas você pode identificar-se com alguns dos elementos em uma ou em todas elas. Até nas melhores fases, a vida parece ser uma série interminável de situações desafiadoras, pressões pessoais, pequenas crises e decisões difíceis. A maioria desses problemas envolve de alguma forma as pessoas. De fato, os relacionamentos estão no centro de muitas de nossas tensões e conflitos. Amamos nossa família, mas os cônjuges ocasionalmente não se entendem e deixam de cumprir as expectativas. Os filhos consomem a nossa energia e sobrecarregam a nossa paciência com suas exigências de tempo e atenção. Os filhos adultos se afastam e os pais envelhecidos se intrometem ou exigem cada vez mais atenção e cuidado.

O círculo de relacionamentos fora de casa também pode ser exigente. A atmosfera no trabalho pode ser tensa por causa da competição entre os colegas, das exigências dos superiores e decepções com os empregados. Os líderes de igreja parecem estar sempre insistindo conosco pela maior envolvimento pessoal no ministério. Vizinhos barulhentos nos incomodam. Os empregados das lojas nos ignoram ou confundem os nossos pedidos. Os professores não entendem as necessidades dos alunos. E de todos os lados alguém – grupo de desabrigados, associações de caridade, comitês da igreja, liga de futebol e outros – está sempre pedindo algo. Concordamos com um ministro que disse ironicamente a outro: "Estar no ministério seria ótimo se não fosse

pelas pessoas". E simpatizamos com a dona-de-casa mal-humorada que se perguntou: "Em que momento a mãe pode pedir demissão? Algumas vezes pensamos que a vida seria muito mais fácil sem as pessoas e os desafios estressantes que elas apresentam.

Até mesmo o relacionamento pessoal com Deus tem seus momentos difíceis. Deus evidentemente não é ingrato, injusto ou superexigente como alguns indivíduos. Mas Ele também não se compraz em ficar afastado do Seu povo, pois deseja que tenhamos comunhão com Ele mediante a adoração e a oração. Ele nos encoraja a crescer à Sua semelhança, aprendendo a sua Palavra e abrindo espaço para o Seu Espírito que habita em nós. O Senhor ordena que contemos a outros a diferença que Ele faz em nossa vida. Na realidade, é a nossa associação com um Deus que nos ama que impede o nosso afastamento das Pessoas que mais criam problemas em nossa vida.

Algumas vezes nos consideramos inaptos para andar com Cristo e lidar com esses problemas. Gritamos para Deus quando as pressões aumentam. "Não agüento mais. Não sou à prova de pessoas." Todavia, Deus continua testando-nos, rodeando-nos de todos os tipos de gente. Deus não nos fez para sermos ilhas solitárias. Ele nos fez sob medida para nos relacionarmos com pessoas de toda espécie, até mesmo as que esgotam a nossa paciência. Nenhum de nós, nem mesmo os mais mal-humorados e introvertidos, pode demitir-se, fechando-se em sua concha. Conviver com as pessoas, ajudá-las, resolver suas dificuldades, consolá-las e guiá-las a Cristo, é para isso que fomos feitos. O amor requer um objeto. E Deus nos deu então uns aos outros.

UMA CHAVE MESTRA OFERECIDA PELO MANUAL

Devemos alegrar-nos com o fato de Deus não nos destinar a um ministério pessoa-a-pessoa sem nos dar instruções para isso. Na Sua Palavra – o "manual do fabricante" que nos ensina a viver segundo o propósito que nos foi designado neste mundo – Deus forneceu a chave

mestra para nos relacionarmos com Ele e convivermos com pessoas de todos os tipos. De capa a capa, a Bíblia demonstra o amor de Deus pela criação humana; convida-nos a experimentar pessoalmente o amor dEle por meio do Seu Filho amado, Jesus; ordena-nos a praticar o amor em todos os níveis de relacionamento – humano e divino; e providencia instrução e exemplo para o exercício diário da ética do amor cristão em nossos relacionamentos. Amar é colaborar com o objetivo ímpar de Deus para a criação humana e conhecer a satisfação resultante da vida segundo Deus. Não amar é perder de vista o propósito da nossa existência e conhecer pouco mais que frustração e sofrimento em nosso trato com as pessoas.

O livro *Amar É Sempre Certo* foi escrito para ajudá-lo a compreender melhor e a aplicar com mais sucesso esta chave especial na sua interação diária com Deus e com as pessoas. Os capítulos seguintes abordarão deste modo o assunto:

O amor é um absoluto moral e universal. Amar é sempre certo; não amar é sempre errado. Os Capítulos 2 e 3 estabelecem o fundamento para a discussão do amor, mostrando a realidade dos absolutos morais e do; valores objetivos num mundo inclinado ao relativismo e ao subjetivismo moral.

Amar é mais do que corações, flores e músicas sonhadoras. Amor é uma ação e uma reação consciente. Os Capítulos de 4 a 6 associam uma definição prática de amor à natureza de Deus e contrastam o verdadeiro amor com os conceitos errados e as caricaturas populares.

O amor não é uma opção para o cristão. O supremo mandamento da Escritura, como resumido por Jesus, é amar a Deus e amar os nossos semelhantes. Os Capítulos 7 a 11 apresentam o imperativo do amor, esboçam os vários níveis e responsabilidades do amor e ancoram o amor na lei de Deus e na vida exemplar de Cristo.

Amar é muitas vezes difícil. As responsabilidades do amor chegam a sobrepor-se e provocar conflitos, dificultando uma atitude

amorosa. Os Capítulos 12 a 14 tratam do amor em conflito e oferecem princípios para exercer o amor quando os dilemas morais escurecem a nossa visão.

O amor nunca falha, mas nós falhamos às vezes em amar a Deus e aos outros. Apesar de nossas melhores intenções, agimos ocasionalmente sem amor. O Capítulo 15 fornece diretrizes úteis para voltarmos ao ponto central quando não amamos como devíamos e quando outros deixam de amar-nos como deveriam.

O amor tem um número infinito de aplicações. É impossível prever todas as questões sobre como o amor reage nos vários relacionamentos, situações e conflitos. Tentamos, porém, prever várias dessas perguntas. Cada um dos capítulos termina com uma seção de "perguntas difíceis e respostas diretas", em que várias das aplicações mais complexas do amor são consideradas.

Que diferença o amar pode realmente fazer? Para Sid e Lani, o amor de estranhos significou a diferença entre a vida e a morte. A "história de amor" deles é verdadeira.

Certa manhã de sexta-feira, na primavera de 1970, um jovem casal *hippie* de uma cidade grande apareceu na porta de uma pequena igreja rural. Sid e Lani viviam juntos há dois anos, e Lani estava grávida de seis meses. "Queremos casar-nos o mais breve possível", disseram eles no escritório do ministro. O ministro ficou bastante indignado com a invasão daqueles "filhos das flores" esfarrapados, que consideravam sua bonita igreja como pouco mais que uma capela de beira de estrada para casamentos de emergência. Esperando que uma demora os desanimasse, ele disse: "Se vierem à igreja no domingo, eu os caso depois do culto". O ministro tinha certeza de que nunca mais os veria.

Mas, na manhã de domingo, o ministro viu o casal na congregação. Um verdadeiro espetáculo, com seus cabelos compridos e calças boca-de-sino rasgadas. Quando o santuário foi-se esvaziando, Sid e Lani aproximaram-se do altar para uma cerimônia simples. No momento em

que os membros da congregação perceberam que iria haver um casamento, cerca de trinta pessoas se apressaram em voltar ao prédio, contentes por participar da festa dos estranhos. "Por que vieram?" perguntou Lani, espantada. O ministro respondeu: "Acho que se interessam por vocês".

Depois da rápida cerimônia, Mildred, uma das mulheres da congregação, perguntou ao casal: "Onde vão passar a lua-de-mel?". Mildred e Jack tinham celebrado suas bodas de prata alguns dias antes. "Não sei", respondeu Sid com um encolher de ombros. "Talvez acampar nas montanhas." "Olhem, vocês primeiro precisam de um almoço e de um bolo de casamento", ela anunciou com um sorriso cordial. "Irão almoçar conosco. De fato, todos estão convidados para almoçar em nossa casa." Enquanto o ministro ocupava o casal para assinar as certidões, Mildred organizou depressa uma refeição do tipo "contente-se com o que houver".

Quando o casal e o ministro chegaram à casa de Mildred vinte minutos mais tarde, a mesa estava coberta de sanduíches e saladas. No centro da mesa estava a parte de cima do bolo de aniversário de Mildred e Jack. A celebração durou seis horas. O almoço e o bolo foram consumidos, e os noivos foram aclamados e abraçados. Eles partiram à noite, felizes com a hospitalidade amiga da pequena congregação.

Duas décadas e meia depois, um casal de meia-idade chegou de carro à mesma pequena igreja rural. Eles explicaram ao ministro encarregado que se tinham casado naquele santuário 25 anos antes e haviam sido recebidos pela amorosa congregação no dia do seu casamento.

O ministro nunca ouvira a história, mas uma mulher que trabalhava no escritório escutou a conversa. "Lembro-me de vocês", disse ela ao casal. "Estava aqui naquele dia e assisti ao seu casamento." Mildred continua na cidade. Vocês precisam almoçar conosco.

Sentados à mesa com as duas mulheres idosas, Sid e Lani contaram sua história. Os onze primeiros anos de casados haviam sido desastrosos.

Sid era viciado em drogas e Lani, alcoólatra. Certo dia, com a vida à beira de um colapso, Sid disse: "Só fomos à igreja uma vez em nossa vida: no dia em que nos casamos. Foi uma experiência boa para nós. Acho que devemos voltar". Eles começaram a frequentar uma igreja perto de onde moravam, entregaram a vida a Cristo e foram transformados. "Este é o nosso vigésimo quinto aniversário de casamento", contou Sid às mulheres, "e tivemos de voltar para uma visita à igreja que significa tanto para nós".

Sid e Lani são hoje conselheiros no ministério que lida com os viciados da cidade. Eles admitem francamente que o amor e a aceitação de um casal de hippies sujos por parte de um grupo de cristãos da zona rural é que, em última análise, transformou a vida deles e salvou o seu casamento.

Ao nosso redor, há pessoas como Sid e Lani que necessitam de um amor genuíno, transformador. Cada um de nós tem a oportunidade de ser uma Mildred para pessoas assim todos os dias. Que as páginas seguintes possam inspirá-lo e prepará-lo para uma antologia de histórias de amor cada vez mais ampla entre as pessoas com quem você entra em contato.

O QUE HÁ DE ERRADO – OU CERTO – COM ESTA CENA?

Chad entrou no escritório de Denny às quatro da tarde, exatamente na hora que o supervisor marcara para a entrevista. Desenhista de ferragens da Comcraft Corporation, Chad suspeitava ter sido chamado para uma sessão de reforço positivo. Denny gostava de elogiar os empregados bem-sucedidos e, nos últimos quatro anos, o esforçado Chad dera ao chefe várias razões para elogios.

Denny estava ao telefone e fez um gesto para que Chad fechasse a porta e se sentasse. Escorregando na poltrona estofada perto da mesa, Chad olhou para o chefe com ar apreciativo. Denny não era só um bom patrão, mas estava tornando-se também um amigo. Os dois homens tinham ido juntos a alguns jogos de futebol, e Chad planejava convidar Denny e Barb para irem à igreja quando chegasse a ocasião oportuna. Chad não falara ainda sobre fé com ele, mas esperava fazê-lo em breve. A perspectiva de um dia trabalhar para um chefe *cristão* o entusiasmava.

Denny terminou a conversa e desligou o telefone. Ele pressionou os dedos sobre a testa, como se lutando com uma forte dor de cabeça. Não parecia feliz. Chad aguardou. Finalmente, Denny disse: "Recebi instruções do pessoal para nos matricular num curso".

Chad e seu chefe haviam assistido a várias conferências e seminários profissionais juntos, pagos pela Comcraft. Eles sempre se divertiam, geralmente encontrando tempo para uma rodada de golfe pelo menos. Mas Denny não parecia nada satisfeito com a idéia desta vez.

"Que curso? Onde?", sondou Chad.

Denny deu um longo suspiro e pressionou novamente a testa. "Bertelli disse que você tem de fazer um curso de treinamento da sensibilidade e eu tenho de acompanhá-lo", disse ele, evitando fitá-lo nos olhos.

Chad entortou a cabeça, repentinamente perplexo. "Treinamento da sensibilidade? Eu?"

Denny fez que sim com a cabeça.

"Não entendo, Denny. Esse treinamento é para os empregados que não se estão ajustando – os esquentados, os preconceituosos, os sujeitos que atormentam as secretárias. O que há?"

Denny continuava não encarando Chad. "Você se lembra de uma conversa que teve há cerca de duas semanas com Bob Romano do departamento de Peças de Precisão de Silicose?"

"Que conversa?", respondeu Chad com um sorriso. "Falo com Bob Romano duas ou três vezes por semana – no escritório dele, no meu, pelo telefone. O PPS é um dos meus melhores fornecedores. Como posso lembrar-me de uma conversa?"

"Estou falando de uma conversa específica", pressionou Denny, olhando finalmente para Chad, "aquela em que você e Romano discutiram o... estilo de vida alternativo dele."

Chad arregalou os olhos. "Como soube disso?"

Denny ignorou a pergunta. "Você disse a Romano que não aprovava o fato de ele ser homossexual?"

Chad piscou duro, chocado com a pergunta. "Do que está falando? O que é isto, afinal?"

Denny mostrou um maço de papéis, um longo memorando da seção de pessoal. Depois perguntou outra vez: "Preciso saber, Chad. Você disse ou não a Romano que reprovava a sua homossexualidade?"

Chad levantou as mãos num gesto de inocência. "Bob mencionou naquele dia que era gay, o que eu já suspeitava. Conversamos um pouco a respeito e depois eu disse mais ou menos isto: 'Eu o aceito como pessoa e gosto de trabalhar com você. Mas não concordo com o estilo de vida homossexual'. Não o chamei de bicha, maricas, ou qualquer outra coisa – jamais faria isso. Só dei minha opinião sobre o estilo de vida dele. Alguém tem algum problema com isso?"

Denny recostou-se na sua cadeira de executivo e olhou para o teto. "Sim, alguém tem um problema com isso. Romano fez uma denúncia ao seu chefe na PPS e..."

"*Denúncia?*", interrompeu Chad, elevando a voz. "Parece que você está falando sobre um crime. Nós só estávamos conversando e eu simplesmente expressei minha opinião. Bob não me pareceu nada perturbado."

Denny levantou a mão, fazendo um sinal para Chad deixar que continuasse. "O chefe do PPS chamou Evans, Evans telefonou para Bertelli na seção do pessoal, e eu recebi este memorando."

"E o memorando diz...?"

"O memorando diz que você deve fazer um curso de treinamento da sensibilidade. Como está na minha equipe e eu aparentemente não o ensinei suficientemente sobre a tolerância, devo acompanhá-lo."

Chad endireitou-se. "Tolerância?", retrucou, evidentemente irritado. "O que quer dizer com tolerância? Sou uma das pessoas mais tolerantes que já conheceu. Sou cristão. Aceito todas as pessoas do mesmo jeito, até mesmo as que são diferentes de mim, até Bob Romano."

"Mas você não aprova o estilo de vida dele", interrompeu Denny.

"Claro que não", disse Chad "A homossexualidade é um estilo de vida pervertido."

"Segundo quem?"

"A Bíblia diz que é errado, pura e simplesmente. E o senso comum afirma que é anormal. Você sabe, a anatomia masculina e feminina..."

Denny balançou vagarosamente a cabeça. "Isso é intolerância. Não pode dizer essas coisas, especialmente no lugar de trabalho. É por essa razão que terá de fazer esse curso, o qual, provavelmente, será ensinado por uma lésbica."

"Uma lésbica?", lamentou-se Chad, incrédulo. "Não posso acreditar!" A seguir ele ficou de pé e começou a andar pelo amplo escritório. "De onde você e o departamento pessoal tiraram a sua definição de tolerância?"

"Do novo manual de regulamentos da empresa. Você não leu ainda?"

Chad desviou os olhos. "Está num arquivo em minha sala."

"Bertelli cita uma seção no seu memorando", disse Denny. Depois leu em voz alta: "Os proprietários e a gerência da Comcraft afirmam que todos os valores, crenças e estilos de vida de seus empregados, vendedores ou clientes são iguais e não serão desafiados. Qualquer empregado da Comcraft que mostre atitudes de discriminação ou intolerância em relação a outros empregados, vendedores ou clientes ficará sujeito a uma ação disciplinar ou demissão".

Chad parou onde estava e disse: "Isso significa que posso ser demitido simplesmente por expressar minhas convicções?"

"Não, significa que poderia ser demitido por alegar ou inferir que suas crenças são mais dignas de crédito do que os de outrem."

Chad levantou novamente as mãos para defender-se. "Tudo o que eu disse é que não concordo com o estilo de vida de Bob Romano."

Denny inclinou-se para a frente na cadeira, pegou um lápis e apontou o lado da borracha para o colaborador. "Você não pode fazer isso, Chad", disse com uma firmeza que Chad raramente vira no chefe. "É politicamente incorreto, como dizem. É uma humilhação. Isso faz o indivíduo sentir-se diferente, inferior, oprimido. Precisamos prestigiar a diversidade, elogiar as peculiaridades dos outros."

"Não posso acreditar no que estou ouvindo", disse Chad, sacudindo a cabeça. "Não basta aceitar Bob Romano como pessoa; tenho de elogiá-lo por ser gay, embora acredite que a homossexualidade é errada?"

Denny acenou com autoridade, confirmando.

Chad explodiu. "Isso é ridículo!"

"Não, isso é tolerância", disse Denny, apertando o lápis sobre o lado da borracha para dar ênfase.

"Olhe, acho que é loucura", argumentou Chad. "O que você chama de tolerância é apagar as linhas entre o certo e o errado."

"Espere aí", interrompeu Denny, parecendo também irritado. "Quem fez de vocês, cristãos, uma autoridade sobre o que é certo e errado para todos?"

"Não somos só nós, cristãos. Algumas coisas são certos e outras erradas. Sempre foi assim. O homossexualismo é errado. O aborto é errado. A eutanásia..."

Denny deu um pulo, ficando de pé, e interrompeu zangado. "Que direito você tem de dizer que o aborto de Bárbara foi errado? O feto tinha um problema no cérebro; o exame amniótico provou isso. Poupamos à criança uma vida curta, penosa, sem significado e poupamos a nós mesmos o prolongado sofrimento que essa vida traria. Ninguém pode dizer-me o que é certo para mim – nem você nem a sua cultura fundamentalista. Eu decido o que é certo ou errado para mim. Quanto a mim, estou contente por ver que a sociedade está acordando para a intolerância desumanizadora dos valores judaico-cristãos."

Chad ficou sem fala por alguns segundos, depois disse: "Você concorda então com os regulamentos e com a decisão do departamento pessoal sobre mim e Bob Romano?"

"Cem por cento. É assim que as coisas são, Chad. Se você não puder acompanhar isto, a sua carreira na Comcraft pode ser mais curta do que planejava."

OPTANDO QUANTO AO CERTO E ERRADO

A história precedente é fictícia. Mas, se o encontro de Chad com Denny parece estranho demais para ser verdade, você talvez vá ter uma surpresa. Se pensa que confrontos graves de valores como esse não estão acontecendo diariamente nos negócios, governo, educação e relacionamentos, você está vivendo fora da realidade. Se você supõe que o certo e o errado sejam perfeitamente discerníveis para todos, como são para você, não passa de um ingênuo. Se acredita que a consciência do mundo ocidental continua sendo guiada pela verdade objetiva, honestidade, pureza moral e pela Regra de Ouro* precisa examinar mais de perto como as pessoas ao seu redor estão vivendo. Se os seus valores cristãos não foram desafiados ou ridicularizados como sendo arcaicos ou irrelevantes por um vizinho, colega, professor ou aluno, ou a sua luz está escondida ou as pessoas com quem você se relaciona diariamente são cegas e surdas.

Os tempos mudaram. Até os anos 60, a América era predominantemente cristã. A frequência à igreja era socialmente aceitável. A fé em Deus e na Bíblia era comum. Havia oração em público nos jogos de futebol, no início das aulas e nas reuniões da prefeitura. Os valores judaico-cristãos eram considerados certos e os valores opostos, errados. Cerca de três décadas atrás, passamos então para o que o falecido pensador cristão, Dr. Francis Schaeffer, chamou de "era pós-cristã". A população não-cristã tornou-se apática com relação à igreja, às afirmações da Bíblia e aos valores sociais derivados de ambas. A frequência à igreja declinou, mas os cristãos continuaram a ser tolerados pelos que se desviaram. "A criação do Gênesis é um mito, a ressurreição de Cristo uma fábula e o estilo de vida cristão uma muleta para os que têm a mente fraca", declararam eles. "Vocês, cristãos, acreditem nessas bobagens se quiserem, mas não nos forcem a isso, porque não aceitamos mais."

*Regra de Ouro: o preceito do Evangelho (fazer aos outros como desejamos que nos façam).

A atitude "viva e deixe os outros viver" do mundo em relação aos cristãos e aos seus valores continuou através dos anos 70 e 80. Mas, na última década do século vinte, caímos a um nível ainda mais baixo. A sociedade americana entrou num período que pode ser chamado de "era anticristã". Como ilustrado pelo encontro de Chad e Denny, a apatia em relação aos cristãos e sua fé está-se transformando em antagonismo. O ponto de conflito está mudando do conteúdo para o estilo. Não é *aquilo em que* cremos que perturba os não-cristãos hoje. Estamos sendo atacados por considerarmos que nossas crenças e valores são universais e por não aceitar os valores e estilos de vida escolhidos por outros, mesmo quando estejam em conflito com a Escritura. O mundo pergunta, cheio de ira, como Denny perguntou ao seu subordinado: "Quem fez de vocês, cristãos, autoridade sobre o que é certo e errado para todos?"

No âmago do conflito estão os absolutos morais, porque os absolutos formam a base do que é certo ou errado. Todavia, nem todos aceitam a existência de absolutos hoje, e alguns que os aceitam não crêem que sejam universalmente aplicáveis, como Chad descobriu durante a sua troca acalorada de palavras com Denny.

Qual a sua experiência? Você tem dificuldade em aceitar a realidade dos absolutos morais na sua vida? Tudo depende do momento, da situação ou das pessoas envolvidas? Ou existem constantes eternas que governam a experiência humana e guiam as suas decisões? Pode um comportamento ser certo para uma pessoa e errado para outra? Pode um comportamento que era errado numa ocasião ou numa situação ser certo em outra? É apropriado usar palavras como *nunca* e *sempre* ao discutir certo e errado? Estas perguntas e as suas respostas são essenciais para a sobrevivência do cristão numa cultura cada vez mais anticristã. E elas são vitais para o estabelecimento das bases da ética do amor cristão apresentada nos capítulos seguintes.

É ABSOLUTAMENTE IMPOSSÍVEL NEGAR OS ABSOLUTOS

O ceticismo com relação aos absolutos não é um fenômeno recente. Cerca de 500 anos antes de Cristo, o filósofo grego Heráclito teorizou: "Ninguém entra no mesmo rio duas vezes, pois águas frescas estão sempre correndo nele". Ele argumentou que tudo não passa de um fluxo: nada é permanente e duradouro; nada é imutável senão a própria mudança. O sucessor de Heráclito, Cratilo fez avançar um pouco o argumento. Ele afirmou que ninguém entra no mesmo rio sequer uma vez. Não há absolutamente essência ou substância na vida, apenas movimento. Quando lhe perguntaram se ele existia, Cratilo simplesmente balançou o dedo, indicando que ele também se encontrava num estado de fluxo constante.

Em épocas mais recentes, duas influências apoiaram a opinião de que vivemos num vácuo moral, sem absolutos. Os antropólogos concluíram que muito poucos comportamentos humanos, se é que existe algum, são considerados errados por todos em toda parte. Roubar, mentir, enganar e trair são coisas consideradas erradas pela maioria das culturas, mas exceções foram observadas e comunicadas. Até mesmo tabus morais de longa data, tais como assassinato e incesto, são considerados certos por algumas tribos. Difícilmente algo aceito como errado por um grupo de pessoas não é aceito da mesma forma como certo por outro grupo. Acrescente a este relativismo aparentemente cultural a relatividade científica do tempo e do espaço proposta por Albert Einstein, e é fácil compreender por que as pessoas hoje se opõem à idéia dos absolutos universais.

A negação de que qualquer comportamento é absolutamente certo ou errado por si mesmo também fica evidente na ampla aceitação da ética situacionista, popularizado por Joseph Fletcher nos anos 70. Para Fletcher, a moral não era estática, mas relativa a cada situação. Ele ensinou aos seus discípulos: "Em cada situação moral, faça o que o amor ditar". Parece maravilhoso, não é? Todavia, na mente de Fletcher, agir com amor não era algo absoluto, mas relativo. Ele explicou que, em certas situações, o adultério é a resposta amorosa e roubar é o bem

maior. Até matar pode ser justificado em certas circunstâncias, segundo Fletcher. Nenhum ato é intrínseca e absolutamente certo ou errado para todas as pessoas, em todo tempo e em todas as circunstâncias. A moralidade pessoal é mais semelhante ao barro molhado do que ao mármore; ela está sujeita a ser moldada e talhada pala ajustar-se a cada ocasião.

Grande parte da sociedade atual, de acordo com as descobertas antropológicas e a ética situacionista, concorda em que não existem absolutos morais para governar o comportamento humano. Todavia, há uma inconsistência sutil e reveladora em tal negativa. Não é possível negar os absolutos sem usar um absoluto. É como dizer: "Nunca use a palavra *nunca*" ou "'É sempre errado dizer *sempre*". Quando alguém insiste em que os absolutos não existem, essa pessoa admite involuntariamente pelo menos um deles! Na verdade, não há meios de evitar os absolutos.

Até Heráclito reconheceu a existência de uma lei imutável – que ele chamou de $\pi\pi\pi\pi\pi$ – subjacente ao fluxo constante da vida. Einstein reconheceu que nem todas as coisas podem ser relativas. Ele pressupõe o Espírito (Deus) absoluto, com respeito ao qual tudo mais é relativo. Afinal de contas, não faz sentido dizer que A é relativo a B e C é relativo a D, a não ser que haja um padrão com respeito ao qual A, B, C e D são todos relativos. A mudança absoluta não é mais possível do que levantar a Terra no espaço usando uma tábua e um suporte. Até a mudança é impossível a não ser que exista uma base imutável em relação à qual essa mudança possa ser medida.

O dilema do relativista pode ser ilustrado por uma das histórias de Winnie the Pooh. Winnie, o ursinho encantador, tem um apetite voraz que o leva à porta do Coelho para obter comida. Quando Winnie bate, o Coelho, que não pretende alimentar o urso, grita: "Não há ninguém em casa". O sábio Winnie responde: "Deve haver alguém em casa, senão não se poderia dizer: 'Não há ninguém'."

Winnie está certo. O Coelho não pode negar a sua presença, a não ser que esteja presente para negá-la. Do mesmo modo, os que negam a existência das absolutos não podem afirmar que todas as coisas são relativas a não ser que haja algum ponto imutável sobre o qual sua afirmação possa apoiar-se. É insensato dizer que tudo é relativo, quando não se permite que até essa posição seja também relativa. Na verdade, o relativista está firmado no pináculo do seu absoluto, a fim de declarar que tudo mais é relativo.

A VERDADE SOBRE A VERDADE ABSOLUTA

Chad declarou confiantemente ao chefe: "Algumas coisas são certas e outras são erradas. Sempre foi assim". Mas quais são essas "algumas coisas"? Uma vez que admitimos, e temos de fazer isso, que os absolutos existem, onde os procuramos? Quem ou o que determina o que é certo ou errado? Existem padrões alternativos para as diferentes culturas, diferentes épocas e diferentes lugares? A crença na verdade absoluta é uma opinião subjetiva ou um padrão objetivo? Se você não lutou com essas perguntas, terá de fazê-lo, à medida que a nossa cultura continuar a desviar-se dos absolutos e dos valores cristãos aceitos. Se você ainda não teve oportunidade ainda de dialogar ou discutir com não-cristãos, como aconteceu com Chad e Denny, sua hora está alegando, especialmente se defender a fé nos absolutos.

Responderemos a essas perguntas básicas muito rapidamente. Se estiver interessado em aprofundar-se no assunto, recomendamos o livro *Certo ou Errado* (Editora Candeia) de Josh McDowell e Bob Hostetler. Outro livro útil sobre o tema é *Christian Ethics (Ética Cristã)* de Norm Geisler.

A Verdade Absoluta é Objetiva, Não Subjetiva

Durante a Guerra do Vietnã, eu (Josh McDowell) fui entrevistado por uma repórter do *Boston Globe*, depois de uma conferência gratuita.

Ela era decididamente contra a guerra e a matança e decidi então desempenhar o papel de advogado do diabo, a fim de descobrir onde estava baseada a sua fé.

"Qual é o problema com a idéia de matar?", perguntei.

"Matar é errado", insistiu a repórter.

Continuei: "Por que é errado?"

"Porque sim", respondeu ela, parecendo frustrada com a minha pergunta óbvia.

Mantive a pressão. "Quem lhe disse isso?"

"Meus pais me ensinaram que a guerra e a matança são erradas."

"E onde seus pais aprenderam sobre os chamados males da guerra e das mortes?"

"Com os pais deles", respondeu ela. "Minha família sempre acreditou que as guerras são erradas."

Fui direto ao assunto. "Está querendo dizer para mim que é errado ir à guerra só porque seus avós ensinaram a seus pais e seus pais ensinaram isso a você? E as pessoas que aprenderam que a guerra e as mortes são justas e certas? E os pais nazistas que ensinaram a seus filhos que matar judeus era certo? Se a guerra é realmente errada, não seria errada em todas as culturas?"

A repórter não soube responder. Sua forte convicção tem uma base frágil: opinião subjetiva em vez de um padrão objetivo. Quando o certo e o errado são determinados subjetivamente, a idéia de moral de uma pessoa é tão boa quanto a de outra. O raciocínio humano, o condicionamento e as emoções levam algumas pessoas a crer que um ato é errado, enquanto outras estão igualmente convencidas de que ele é certo. Sem diretrizes externas de comportamento, as pessoas podem induzir a si mesmas a crer que qualquer coisa é certa ou errada.

A verdade absoluta é um padrão objetivo, algo fora de nós. Certo e errado não são itens que aceitamos com base no voto da maioria, nem eles surgem ou desaparecem de acordo com o que as pessoas pensam ou sentem que é certo na ocasião. As diretrizes morais e éticas básicas,

procedentes da verdade absoluta, devem manter-se independentes da opinião pessoal.

A Verdade Absoluta é Universal Não Limitada

Quando algo é absolutamente certo, é certo para todas as pessoas, em todas as épocas, sob todas as condições. A verdade absoluta não muda de pessoa para pessoa, ou de lugar para lugar. Se algo for considerado certo para uma cultura, mas errado para outra, isso não é um absoluto. Se algumas pessoas são julgadas certas por cometerem determinado ato, enquanto outras são julgadas erradas, não é um absoluto. Se algo é certo em algumas situações e errado em outras, não é um absoluto. Se for certo neste país, mas errado naquele, não é um absoluto. As diretrizes morais não podem ser alteradas para ajustar-se a certas culturas ou lugares geográficos. Pelo contrário, as pessoas e lugares devem mudar para ajustarem-se ao que é absolutamente certo e errado.

A Verdade Absoluta é Constante, Não Muda

Certo e errado são valores eternos. O que era certo *era* certo no passado, *é* certo no presente e *será* certo no futuro. Esses valores não mudam de dia para dia, ano para ano, década para década, ou século para século. O certo e o errado não se alteram com as estações nem mudam para ficar na moda. A verdade continua constante e confiável.

A PERSONIFICAÇÃO DA VERDADE ABSOLUTA

Onde encontramos diretrizes morais e éticas absolutas que sejam certas para todas as pessoas, todos os tempos e todos os lugares? Os seguintes parágrafos do livro *Certo ou Errado* nos levam ao âmago da resposta:

"É impossível chegar a um padrão objetivo, universal e constante de verdade e moralidade sem colocar Deus em cena. Se um padrão objetivo de verdade e moralidade existe, não pode ser produto da mente humana (pois não será então objetivo); ele deve ser produto de outra Mente. Se uma verdade constante e imutável existe, ela deve ultrapassar os limites de tempo humanos (ou não seria constante); deve ser eterna. Se uma regra universal de certo e errado existe, ela deve transcender a experiência individual (ou não será universal); ela deve estar acima de todos nós. Todavia, a verdade absoluta deve ser algo – ou Alguém – que seja comum a toda humanidade, toda a criação.

"Estas coisas – essas exigências para um padrão de verdade e moralidade – são encontradas apenas em uma pessoa: Deus. Deus é a Fonte de toda a verdade. 'Eis a Rocha!', disse Moisés, 'Suas obras são perfeitas [...] não há nele injustiça: é justo e reto' (Deut. 32:4). A natureza e o caráter de Deus é que definem então a verdade; definem o que é certo para todas as pessoas, todos os tempos, todos os lugares... A verdade é objetiva porque Deus existe fora de nós; é universal porque Deus está acima de tudo; é constante porque Deus é eterno. A verdade absoluta é absoluta porque tem origem no original.¹

A verdade absoluta não é principalmente uma ideologia ou um código moral impiedoso. A verdade absoluta é, em primeiro lugar e antes de tudo, uma Pessoa. A base de tudo o que chamamos de moral, bom e certo é o Deus eterno que nos criou. A verdade não é algo que Ele decide; a verdade é algo que Ele é. Jesus disse: "Eu sou... a verdade" (João 14:6). Certas atitudes e atos específicos são corretos porque refletem a natureza de Deus. De modo contrário, atitudes e atos que estejam em conflito com a natureza de Deus são errados.

Por exemplo, todo indivíduo possui um senso interior do que é justo ou injusto, porque o Deus que nos criou é um Deus justo. O amor é apreciado e o ódio é desprezado porque Deus é um Deus de amor. A honestidade é certa e o dolo é errado porque Deus é certo e verdadeiro. A pureza sexual é certa e a promiscuidade é errada porque Deus é puro e

santo. Sempre que decidimos crer ou agir em harmonia com a natureza de Deus, escolhemos o que é verdadeiro e certo. Sempre que decidimos envolver-nos em algo oposto à natureza de Deus, escolhemos o que é falso e errado.

Existe outro modo de examinar as questões da verdade e do que é certo ou errado, no que se refere às suas aplicações às áreas críticas da vida cristã diária e dos relacionamentos. O que você daria por uma chave mestra que revelasse a resposta certa em cada dilema moral que terá de enfrentar? Nas Escrituras, Deus nos deu essa chave: o amor. O amor é a suprema diretriz, fluindo da natureza de Deus, que nos ajuda a diferenciar o certo do errado num nível prático e diário. No capítulo seguinte vamos explorar esta chave maravilhosa para fazer a escolha certa em toda e qualquer situação.

PERGUNTAS DIFÍCEIS E RESPOSTAS DIRETAS SOBRE A VERDADE ABSOLUTA

[E as pessoas que não acreditam em Deus e na Bíblia? Como podemos convencê-las a aceitar Deus como a fonte da verdade absoluta?](#)

Primeiro, raciocine com elas. Toda legislação tem um legislador. Não pode haver uma lei moral absoluta sem um Legislador Moral absoluto, e esse é Deus. Se quiserem uma explicação mais detalhada, faça com que leiam a obra *Mere Christianity (Cristianismo Básico)* de C.S. Lewis, o ex-ateu de Oxford.

Segundo, viva a verdade. Você tem de viver o que é certo se quiser que as pessoas creiam no que é certo. Se os membros incrédulos de sua família, amigos, colegas de escola, colaboradores e vizinhos não puderem ver amor e comportamento certo em ação na sua vida, se não puderem ver uma diferença na maneira como você enfrenta as dificuldades e os dilemas da vida, não aceitarão o que disser.

Por exemplo, você pode falar quanto quiser sobre a importância da integridade e da honestidade; mas, se não agir nessa conformidade ou

esconder a verdade em seus negócios diários, afastará seus colegas e clientes de Deus como a Fonte da verdade em vez de aproximá-los. Se colar nos exames da escola ou burlar a declaração de imposto de renda, ou mandar seus filhos dizer que você não está em casa quando na verdade está, não pode esperar que os membros da sua família respeitem a verdade. Se valores absolutos não forem manifestados em suas experiências diárias, você jamais convencerá os outros a recebê-los em sua vida deles.

Terceiro, desafie as pessoas a serem sinceras e receptivas, a lerem a Bíblia e a considerá-la. A Palavra é poderosa (Heb. 4:12), e Deus pode operar por meio dela mesmo quando o indivíduo não tem fé.

Acho que sei o que é melhor para mim. Por que devo procurar valores absolutos fora de meu conhecimento e experiência? Por que os valores objetivos são superiores aos subjetivos?

Os *valores subjetivos* são um oxímoro – um conflito de termos. *Subjetivo* refere-se ao pequeno círculo do entendimento, experiência ou sentimentos pessoais de um único indivíduo. Os *valores* não podem ser limitados por um indivíduo. Como já demonstrado neste capítulo, certo e errado são valores que existem independentemente da opinião pessoal. Os valores supremos estão fora de nós, acima de nós e além de nós. Não julgamos o que é certo de acordo com o que pensamos, sentimos e agimos; julgamos o que pensamos, sentimos e agimos de acordo com o que é certo e verdadeiro. Os valores morais não são *determinados* por nós, eles são simplesmente descobertos por nós.

Qual a papel da consciência na determinação do que é certo?

A consciência desempenha o papel de ajudar-nos a discernir o certo e o errado, mas nem sempre esse é o papel que lhe atribuímos. A consciência humana é um sistema de orientação interna instalado por Deus na criação, para nos dar um sentido básico de certo e errado. A consciência, porém, pode ser condicionada e reformulada pela maneira como respondemos ao que é certo. Paulo indicou a fragilidade da

consciência quando escreveu: "Minha consciência está limpa, mas isso não me torna inocente" (I Cor. 4:4, tradução livre). Algumas pessoas têm a consciência "cauterizada" (I Tim. 4:2), sendo incapazes de determinar claramente o que é certo ou errado. Não obstante, Deus revelou a Sua lei moral para todos. De fato, ela está escrita em nosso coração (Rom, 2:15).

Idealmente, à medida que busca a Deus e se abre para a Sua Palavra, cada indivíduo tem a consciência moldada pela verdade, a qual o capacita a fazer as escolhas certas. A reunião de indivíduos forma a cultura, e a cultura ocidental foi originalmente condicionada pelos valores judaico-cristãos ensinados nas Escrituras. Mas os indivíduos e culturas podem ficar com a consciência cauterizada ou embotada, ignorando a verdade ou seguindo deliberadamente o que é errado. Esta é a razão de os Estados Unidos terem passado da era cristã para a pós-cristã e finalmente para a anticristã.

Permitimos que nossa consciência nacional e individual ficasse endurecida pelo orgulho e pelas buscas materiais. Nossos valores se inverteram em muitos aspectos. O certo é errado e o errado, certo. Veja o aborto, por exemplo. Centenas de milhares de mulheres na América acreditam que é certo eliminar a vida de uma criança por nascer. O sistema de orientação interna originalmente programado contra o homicídio foi extinto pelo egocentrismo e pela cobiça. Uma consciência cauterizada é mais um prejuízo do que uma ajuda para discernir o certo do errado.

A única maneira de a sua consciência ajudá-lo a discernir entre o certo e o errado é permitindo que ela seja moldada pela lei moral absoluta de Deus, que está escrita em nosso coração e na Sua Palavra. É claro que a melhor maneira de ser moldado pela lei de Deus é expor continuamente o seu coração à verdade da Bíblia. Só quando a consciência estiver adequadamente informada é que ela irá funcionar a seu favor em vez de contra você na busca da verdade.

É SEMPRE A COISA CERTA A FAZER

O Sr. Benson, novo professor dos meninos da sétima série da classe da escala dominical, decidiu que sua primeira aula seria sobre a vontade de Deus. Depois de ensinar o que pôde durante 45 minutos, ele concluiu a lição com uma pergunta prática: "Como podemos saber qual a vontade de Deus para a nossa vida hoje?". A maioria dos alunos olhou para os pés ou ficou revirando as folhas de trabalho em silêncio, como já haviam feito durante toda a aula. Mas um menino com um sorriso confiante levantou a mão, animado.

"Muito bem, Donny ", disse o Sr. Benson, esperançoso.

"Acho que a melhor maneira de descobrir a vontade de Deus é ler a Bíblia e orar", respondeu Donny muito seguro de si.

"É isso mesmo, Donny!", exclamou o Sr. Benson. O professor foi alegre para casa naquele dia, porque pelo menos um de seus alunos havia entendido a lição.

No domingo seguinte, o Sr. Benson ensinou sobre a tentação, questionando: "Qual a melhor maneira de os cristãos reconhecerem a tentação e a rejeitarem?" Ninguém parecia ter prestado atenção, mas a mão de Donny se levantou novamente.

"Sr. Benson, se lermos a Bíblia e orarmos todos os dias, não cederemos á tentação."

O professor sorriu, jubiloso. "Obrigado, Donny. Você acertou outra vez." O professor saiu da classe exultante com o seu sucesso.

O tema da semana seguinte era a fé. "Como podemos crescer na nossa fé?", indagou o professor, olhando para o seu aluno-estrela. Donny não o decepcionou.

"Lendo a Bíblia e orando, Sr. Benson; é assim que a fé cresce."

O Sr. Benson se convenceu silenciosamente de que, depois de apenas três semanas, ele era provavelmente o melhor professor da escola dominical em toda a igreja.

Depois da aula, o Sr. Benson chamou Donny para um lado. "Quero agradecer-lhe, Donny, por prestar atenção à aula e responder às perguntas importantes."

"Oh, eu não presto atenção à aula", respondeu Donny, com a franqueza de um garoto da sétima série. "Fico pensando na minha coleção de cartões de beisebol e nos jogos de futebol, como os outros meninos."

A expressão do professor mudou para um ponto de interrogação. "Mas você sempre dá uma resposta adequada. Deve estar ouvindo alguma coisa."

"Sr. Benson, freqüento a escola dominical desde criancinha", replicou Donny. "A única coisa que sei é que 'ler a Bíblia e orar' é sempre a resposta certa."

Algumas vezes você deseja que a vida seja tão simples para você como a escola dominical era para Donny? Não seria ótimo se em todos os nossos tratos, deliberações e dificuldades com as pessoas, houvesse sempre uma resposta certa, uma coisa certa a fazer, que funcionasse sempre? Não queremos simplificar demais um assunto tão vital, mas existe realmente uma coisa certa a fazer que é aplicável e apropriada em todos os nossos relacionamentos. O amor é essa resposta certa.

O amor é sempre a coisa certa a fazer. Tanto a cultura como a Escritura confirmam que todos os absolutos morais podem ser reduzidos a um único: **Amar é sempre certo; não amar é sempre errado.**

E ENTÃO RESTOU UM SÓ

No livro *Mere Christianity (Cristianismo Básico)*, C.S. Lewis cita vários princípios morais que não têm exceções na história. Por exemplo, nenhuma cultura em parte alguma afirmou que a crueldade com crianças ou o estupro sejam certos. Embora muitas culturas aprovelem a guerra e a pena de morte, nenhuma civilização jamais aceitou como certo matar indiscriminadamente qualquer pessoa com ou sem razão. Nem cultura alguma aprovou que um homem possuísse uma mulher a qualquer tempo, segundo o seu desejo. Sempre houve limites nos relacionamentos e comportamentos humanos, mesmo nas culturas não-cristãs. Além do mais, Lewis argumenta que os princípios morais são muito semelhantes de povo para povo.

Esta semelhança levou vários pensadores a tentar reduzir todos os princípios morais comuns a um absoluto moral básico, uma coisa certa fundamental a ser feita. O filósofo alemão Immanuel Kant identificou este principio moral absoluto como "imperativo categórico", um dever incondicional obrigatório a todos. O imperativo categórico refere-se à moralidade. A coisa certa é aquilo que você desejaria que todos fizessem nas mesmas circunstâncias. Em suma, é algo que você pode universalizar para todos.

A maneira de descobrir este primeiro dever, disse Kant, é perguntar sobre cada ação: "Quero que a diretriz subjacente ao meu ato se torne uma lei universal?". Se a resposta for *Não*, esse ato é então errado. A mentira, por exemplo. Não devemos mentir, diria Kant, porque, se a mentira fosse universal, então não haveria mais verdade sobre a qual mentir, e a mentira seria então impossível. A mentira universal seria autodestrutiva. Da mesma forma, o homicídio é autodestrutivo e errado.

Se o homicídio fosse uma lei universal, eventualmente – em hipótese – não haveria mais pessoas para serem mortas.

Kant também afirmou que fazer um empréstimo sem ter meios ou intenção de pagá-lo infringe o imperativo categórico. Se todos seguissem esta prática, toda a instituição das promessas humanas entraria em colapso. Ele deduziu ainda que recusar ajuda aos que passam dificuldades é imoral para os que têm meios. Caso contrário, se você entrasse em crise financeira, disse Kant, não receberia ajuda.

No âmago do imperativo categórico de Kant encontra-se uma lei moral irreduzível: *Trate sempre as pessoas como um fim em si mesmas, nunca como apenas um meio*. Tratamos os outros de várias maneiras como um meio para alcançar objetivos pessoais. Algumas maneiras são egoístas, mas outras não. Você vai ao Banco e o caixa completa uma transação para você. No supermercado o funcionário verifica a sua lista de compras e um ajudante empacota seu pedido. Você vai a um concerto sinfônico em que dezenas de pessoas que não o conhecem pessoalmente o entretêm com música belíssima. Ao suspeitar de um ladrão em sua vizinhança, você chama um policial que garante que sua casa esteja a salvo. Mesmo nesses encontros com provedores de serviços sem nome, sem rosto, diz Kant, devemos tratar as pessoas como fins, como tendo valor em *si mesmas* e não como simples meios. Devemos agir com cortesia, respeito, afeto, admiração ou qualquer das inúmeras atitudes que chamamos de amor.

Martin Buber, filósofo judeu do século XX, também mantinha como absoluto moral que as pessoas devem ser tratadas como fins e não apenas como meios. Devemos manter com os outros relações de pessoa-a-pessoa, e não uma relação de pessoa-com-coisa. Buber deu a isso o nome de "Eu-Você" versus "Eu-Coisa". Seu chefe não é um distribuidor automático de cheques, uma máquina que você precisa afagar, adular ou beijar para obter sua segurança financeira. Seu chefe é uma pessoa que necessita de compreensão e amor. Seus empregados não são degraus para o seu sucesso; são pessoas que têm também famílias, alvos e

sonhos. O auditor do imposto de renda não é um monstro ávido por dinheiro, mas alguém que precisa de reconhecimento, amizade e afirmação, do mesmo modo que você. As pessoas devem ser amadas, e as coisas devem ser usadas. Jamais devemos usar as pessoas e amar as coisas. Buber afirmou que a norma Eu-Você é universal para o comportamento humano, e que não deveria haver exceções com relação a ela.

UMA REGRA ETERNA

Você não precisa ser filósofo ou teólogo para compreender que o imperativo categórico de Kant e o Eu-Você de Buber assemelham-se ao princípio eterno conhecido popularmente como a Regra de Ouro. Jesus disse: "Como quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles" (Luc. 6:31).

É importante notar que, no contexto desta declaração, Jesus estava ensinando sobre o amor, especialmente amor pelos menos dignos de amor. "Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam; bendizeis aos que vos maldizem, orai pelos que vos caluniam [...] Se amais os que vos amam, qual é a vossa recompensa? Porque até os pecadores amam aos que os amam [...] Amai, porém, os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai, sem esperar nenhuma paga" (Luc. 6:27,28,32,35). Matar, enganar e usar outras pessoas não é absolutamente amor, porque ninguém quer ser tratado desse modo. Mostrar desdém pelas pessoas, levantar calúnias, xingar um motorista por cometer um erro no trânsito, ou passar para trás um cliente difícil não reflete amor porque não apreciaríamos tal tratamento. A Regra de Ouro é o grande mandamento bíblico do amor, a essência da ética cristã do amor.

Só há um candidato viável para o absoluto moral irreduzível, a coisa certa a fazer em todas as circunstâncias. É uma diretriz que abrange o imperativo categórico de Kant, o conceito Eu-Você de Buber e outras tentativas de resumir a essência do comportamento moral. Em termos

simples, *devemos amar sempre*. O amor é o que nos permite tratar os outros como fins em lugar de meios. O teste final da moralidade é: "Agi com amor?" O amor não é uma manifestação da Regra de Ouro; a Regra de ouro é uma manifestação do amor. Amar é sempre a coisa certa a fazer. Além disso, o amor é um absoluto sem exceções. Ele se aplica a todas as pessoas, em todos os tempos, em todos os lugares. Jesus respondeu: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mat. 22:37-39).

Embora não haja exceções ao imperativo moral de amar, há certamente alternativas, tais como indiferença e ódio. Todavia, estas alternativas revelam-se autodestrutivas. Até as pessoas que praticam a indiferença e o ódio protestam quando outros as tratam do mesmo modo. Em outras palavras, podemos sentir-nos às vezes justificados em desdenhar os outros ou espalhar boatos sobre eles, ou xingá-los. Mas, se fizerem algo desse tipo contra nós, nos sentiremos injustiçados quer tenhamos ou não provocado essa atitude.

Além do mais, se todos praticassem a indiferença e (ou) o ódio, os relacionamentos humanos significativos seriam completamente anulados. Tais ações não só falham no teste da Regra de Ouro, mas também violam o imperativo categórico de Kant e o Eu-Você de Buber. O amor é o único absoluto moral que não é autodestrutivo. Todos querem ser amados, portanto todos devem amar.

O amor é também o único absoluto moral universalmente reconhecido. Note que não dissemos universalmente *praticado*. A moral não é determinada pelo que as pessoas *fazem*, mas pelo que *deveriam fazer*. Nem sempre é possível determinar o que as pessoas crêem que deveriam fazer observando o que elas fazem. Por exemplo, você pode crer sinceramente que deve amar seu vizinho, mas será que pratica essa crença? Muitas vezes talvez, mas certamente nem sempre, e

provavelmente não com frequência suficiente para satisfazer nem a si mesmo.

Portanto, é um erro julgar as crenças morais do indivíduo pelo seu comportamento. Um assassino serial condenado, à espera da morte, pode concordar em que o homicídio é errado. O homem que frauda no imposto de renda ou a mulher que mente sobre a sua idade podem admitir que a honestidade e a verdade são virtudes que todos devem praticar. Você pode estar a favor da lei e da ordem e mesmo assim infringir o limite de velocidade cada vez que dirige na estrada. O comportamento moral só revela o que a pessoa *faz* e não necessariamente o que ela pensa que *deve* ser feito.

"Se não podemos determinar as crenças morais pelo comportamento, como então isso pode ser feito?", você pergunta.

Há duas maneiras.

Primeiro, você pode identificar o que a pessoa acredita ser a coisa certa a fazer pelo que ela diz que é a coisa certa a ser feita. Já notamos que os grandes credos e declarações morais da história são muito similares e podem ser reduzidos ao absoluto do amor. C.S. Lewis escreveu um livro inteiro sobre o assunto. Em *The Abolition of Man (A Abolição do Homem)*, Lewis descreve vários códigos morais que estudou nas grandes culturas mundiais. De modo notável, esses códigos se assemelham bastante à segunda tábua dos Dez Mandamentos, as instruções de Deus para o relacionamento com outros. As pessoas na extremidade cultural oposta declararão que os princípios morais estabelecidos nos Dez Mandamentos e na Regra de Ouro são o código básico das relações humanas. Quando se pergunta a alguém como deveríamos viver, essa pessoa geralmente dá a resposta certa: Faça aos outros o que quer que façam a você.

Até a maioria dos não-cristãos afirmará que o amor é essencial. O imperativo categórico de Kant e o Eu-Você de Buber estão em harmonia com a Regra de Ouro. Bertrand Russell, famoso pelo seu livro *Why I Am Not a Christian (Por que Não Sou Cristão)*, escreveu mais tarde: "O que

o mundo precisa é do amor ou compaixão cristãos". O conhecido psicanalista Erich Fromm declarou que a falta de amor está na raiz de todos os problemas psicológicos. Confúcio tinha o mesmo princípio básico, embora afirmado negativamente: "Não faça aos outros o que não quer que façam a você." Os moralistas disseram basicamente a mesma coisa ao longo dos anos sobre o que é absolutamente certo e errado: Amar é certo e não amar é errado.

Segundo, você pode determinar o que as pessoas crêem que devem fazer pelo que *esperam que os outros* façam para elas. O teste mais básico da moralidade de uma ação está arraigado nas expectativas morais da própria pessoa. Não é como o indivíduo trata os outros, mas *como o indivíduo quer ser tratado por outros* é que revela o que ele realmente acredita ser certo. Mais fundamentais do que os atos e expressões morais são as expectativas morais. A expectativa universal de ser tratado com decência e justiça é a evidência mais clara de que o amor é o único absoluto moral irreduzível.

Um dos ex-alunos de Norm Geisler, que agora ensina filosofia, apresentou esta realidade a um de seus estudantes da maneira mais óbvia possível. O professor passou um trabalho sobre ética para seus alunos fazerem, dizendo que eles tinham liberdade para escolher o tema. Um jovem brilhante decidiu defender seu ponto de vista pessoal, segundo o qual não haveria absolutos morais, e tudo seria relativo. Depois de ler o trabalho bem escrito e bem documentado, o professor deu uma nota baixa e acrescentou: "Não gosto de pastas azuis".

Ao receber a nota desapontadora, o aluno entrou como um furacão na sala do professor. "O que há de errado com o meu trabalho?", quis saber.

"Não há nada de errado com ele", explicou calmamente o professor. "De fato, está muito bem feito."

"Por que então me deu nota vermelha?", gritou enraivecido o rapaz.

"Porque o colocou numa pasta azul e não gosto de pastas azuis"; disse o professor.

"Isso não é justo! Não está certo! Devia ter dado a nota de acordo com o conteúdo do trabalho e não com a cor da pasta!"

O professor respondeu: "Você não afirmou no trabalho que os pontos de vista morais são uma questão de gosto ou opinião, tal como algumas pessoas gostarem de chocolate e outras de baunilha?"

"Sim", concordou o estudante.

"Então", disse o professor. "Não gosto de azul e a sua nota é vermelha."

A luz se fez de repente na cabeça do jovem. Ele compreendeu que caíra na armadilha do seu próprio argumento. Sua expectativa de ser tratado com justiça revelou uma crença nos absolutos éticos que não quisera admitir antes.

Vamos testar esta teoria em dois cenários mais conhecidos.

Você está na pista da direita de uma avenida com quatro pistas de trânsito pesado. Um sinal anuncia que a pista da esquerda está fechada logo adiante e dá instruções aos motoristas para que eles se dirijam à direita. Você permite que um carro entre à sua frente, mas depois fica colado nele para impedir que outros façam o mesmo, especialmente o motorista pé-de-chumbo que dirige o Camaro vermelho e corre pela pista esquerda vazia, esperando para cortar a frente dos outros pouco antes de chegar aos cones laranja colocados na avenida.

Ele deveria ter entrado vinte carros antes quando viu o sinal, você pensa presunçosamente enquanto o sujeito pede em vão licença para passar. O Camaro finalmente entra logo atrás de você – depois de esmagar uns dois cones laranja. Quando a pista da esquerda se abre novamente, ele o ultrapassa a toda velocidade, lançando-lhe um olhar gelado.

Alguns quilômetros adiante, a sua pista está fechada. Os carros à sua frente obedientemente diminuem a marcha e entram para a esquerda. Você geralmente faria o mesmo. Mas tem um compromisso e acha que pode ganhar tempo seguindo pelo acostamento e entrando na pista à

frente de um caminhão ou de um motorista mais lento. É um compromisso importante e você não hesita.

Meio quilômetro adiante, quando se aproxima dos cones laranja, você procura um claro, mas não encontra. A pista esquerda está lotada, pára-choque com pára-choque, e ninguém o deixa entrar. Você faz sinal com a lanterna, esperando que uma alma bondosa abra espaço. "Vamos pessoal, sejam justos!", você murmura entre dentes. É claro que eles devem compreender que você está com pressa e geralmente não faz isso. Não é um demônio da velocidade como o sujeito do Camaro vermelho – que também passou sem permitir que você entrasse. Você fica ali sentado, na frente dos cones laranja, irritado com os motoristas insensíveis.

O que você acha que deve acontecer nessas situações? Embora não tivesse sido o mais compassivo dos motoristas quando outros precisaram entrar à sua frente, obviamente acredita que a coisa certa a fazer é permitir que a pessoa entre na sua pista quando pede passagem. Você provou o seu código moral mediante o que disse sobre justiça e mediante as suas expectativas, como demonstrado pela sua reação irada contra os motoristas que não abriram espaço. As suas expectativas revelaram as suas verdadeiras crenças. Amar nesta situação significa permitir que os outros motoristas entrem à sua frente no trânsito – até mesmo os pés-de-chumbo em Camaros vermelhos porque espera que eles também façam o mesmo quando você precisar.

Vamos examinar outra situação. Durante a avaliação do seu desempenho pessoal para o ano, você pressiona o seu supervisor a fim de obter o máximo de aumento permitido para sua função. Você lista as suas muitas realizações durante o ano e refere-se aos padrões da indústria para a sua posição. A empresa não teve tantos lucros como todos

esperavam neste ano, mas você fez a sua parte e merece ser recompensado por isso.

Você também participa do conselho da igreja para decidir sobre o aumento do salário anual do pastor. O orçamento está novamente apertado este ano e alguns programas vão ser cortados. Você gostaria de votar um bom aumento para o pastor, mas outros programas vão sofrer com isso. Você raciocina que ele é um servo e pode completar a sua renda realizando casamentos e funerais. Sugere então um pequeno aumento e promete orar fielmente para que Deus supra todas as necessidades dele.

O que você acredita que é a coisa certa a fazer para um bom empregado? Naturalmente acredita que os empregados devem ser bem recompensados por seus esforços, porque é isso que espera do seu empregador. Seguir a Regra de Ouro no caso do pastor significa aplicar a sua crença moral à situação dele. Ou significa mudar a sua opinião e sacrificar-se financeiramente pelo seu empregador como você espera que o seu pastor faça.

O que esperamos que os outros façam por nós e nossos entes queridos é a chave para nossas crenças mais reais. Como Jesus disse, o que quiser que os outros lhe façam é a base para o que deve fazer a eles. Nossa moral deve ser julgada pelo que dizemos que é certo e esperamos que seja feito por nós. Pois com a nossa boca dizemos o que deve ser feito e em nosso coração sabemos o que esperamos que os outros façam para nós.

FAÇA A ÚNICA COISA CERTA

É realmente o amor o supremo absoluto moral, transcendendo as linhas da cultura e até da fé? A resposta é vista na experiência humana.

Primeiro, a simples observação da natureza humana indica que todas as pessoas em toda parte esperam ser amadas. Todos querem ser tratados com justiça, respeito, cortesia e honestidade. As pessoas mental e emocionalmente estáveis não ficam felizes quando são atacadas,

injustiçadas, caluniadas, enganadas, roubadas, depreciadas ou ignoradas. Pelo contrário, quando maltratadas, a maioria das pessoas reage negativamente. Elas ficam iradas, desesperadas, desiludidas ou magoadas, revelando que o tratamento pouco amoroso foi uma intrusão desagradável em vez de uma expectativa apreciada. As pessoas agem universalmente como se merecessem o respeito e a dignidade inerentes ao amor, sendo portanto certo amar.

Segundo, pense em si mesmo. Você não espera geralmente um tratamento positivo, amoroso, em todos os seus relacionamentos e contatos com outros? As suas emoções negativas não gritam quando você deixa de receber o tratamento que espera? Por exemplo, você não espera que seu cônjuge e seus filhos apreciem o que você faz por eles, como evidenciado pelo seu desapontamento e mágoa quando acham que isso não é mais do que a sua obrigação? Você não espera que os balconistas o sirvam rápida e cortesmente, como evidenciado pela sua indignação quando o consideram uma interrupção na vida deles? Você não espera que o seu chefe seja sensível às suas necessidades, como evidenciado pela sua frustração quando ele parece preocupado com lucros mais altos, custos mais baixos, e mais clientes?

Parece seguro concluir que todos esperam ser amados e, portanto, devem amar os seus semelhantes. Recusar-se a amar os outros ou deixar de fazê-lo nega que eles sejam pessoas ou revela nossa incoerência em relação às nossas expectativas morais. A Regra de Ouro simplesmente resume o que o comportamento humano e as expectativas pessoais testemunham convincentemente. Desde que esperamos ser amados, devemos amar os outros. Negar amor aos outros é negar a sua personalidade. Se todos querem amor, então o amor não pode ficar sempre limitado a algumas pessoas ou a uma só pessoa – você. Se você reconhece que espera um tratamento amoroso por parte dos outros, então as suas expectativas exigem que você também ame aos outros.

Um advogado que esperava apanhar Jesus numa contradição lhe perguntou: "Quem é o meu próximo?" (Luc. 10:29). Jesus respondeu

com a parábola do Bom Samaritano, que arriscou a sua segurança e gastou seu tempo, esforço e recursos para ajudar um judeu que fora espancado e deixado como morto. A parábola indica que qualquer pessoa cujas necessidades possamos suprir deve ser considerada nosso próximo. Mais amplamente, o próximo é qualquer um que necessite de amor. O amor é o absoluto moral irreduzível. O amor é sempre a coisa certa a ser feita ao próximo. Vá e mostre amor a todos.

PERGUNTAS DIFÍCEIS E RESPOSTAS DIRETAS SOBRE A REGRA DE OURO

Os incrédulos podem realmente obedecer à Regra de Ouro sem conhecer a Deus, a fonte do amor?

Sim, você não precisa ser cristão para viver a verdade bíblica. De fato, a Regra de ouro é algumas vezes seguida mais fielmente pelos incrédulos do que por alguns cristãos! Os incrédulos podem obedecer à Regra de Ouro sem saber que Deus é sua fonte, simplesmente porque, mesmo para as pessoas numa condição decaída, tratar os outros como você gostaria de ser tratado faz sentido. De acordo com a ilustração de Immanuel Kant e Martin Buber, o amor parece ser um absoluto moral universal separado do conhecimento pessoal de Deus ou do relacionamento com Jesus Cristo.

Todavia, por mais bondoso ou amoroso que o indivíduo possa ser, todo incrédulo deve compreender que a salvação só é possível mediante a fé em Jesus Cristo e não por seguir a Regra de Ouro. As pessoas devem ser conduzidas da idéia sensata de amar aos outros para o princípio bíblico do amor e para a pessoa do próprio Deus, a fonte do amor.

Como o Espírito Santa se ajusta à ética do amor cristão?

O Espírito Santo é essencial para que se possa praticar a ética do amor cristão. Muitas pessoas, inclusive incrédulos, podem seguir a Regra de Ouro por sua própria vontade com bastante sucesso. Mas, para

realmente viver a ética do amor diariamente, é necessário um poder sobrenatural interior, o poder do Espírito Santo. A diferença é especialmente discernível nas ocasiões de crise, quando amar é mais difícil. As pessoas negativas, agressivas ou cheias de ódio desafiam a nossa decisão humana de tratar os outros como queremos ser tratados. A reação natural, carnal, é retribuir. Nessas situações é que precisamos da habilidade sobrenatural do Espírito Santo de amar. Quando ficamos cansados, estressados, nossa disposição para amar pode diminuir. Precisamos de um poder superior aos nosso para continuar e fazer o que sabemos ser certo. O Espírito Santo é indispensável para o nosso sucesso em agir com amor quando não temos esse sentimento. Até mesmo um carro sem motor pode descer uma ladeira. Quando a vida é uma batalha encosta acima é que compreendemos o poder do Espírito para amar como devemos (Rom. 8:3,4).

Qual a diferença entre a ética da amor cristão e apenas seguir a nossa consciência e o bom senso?

A consciência e o bom senso podem ser geralmente confiáveis, mas também são falíveis. A consciência humana, embora possa ser levada até certo ponto a fazer a coisa certa, também pode ser condicionada por influências mundanas, desejos carnis e tentações do diabo. O bom senso implica ampla aceitação social, e a opinião pública pode ser desejada pelas mesmas forças negativas que afetam a consciência pessoal. Sem um padrão objetivo de comportamento – especificamente, um absoluto moral ancorado no próprio Deus e expresso em Sua lei moral – você talvez não atinja o alvo.

VOCÊ NÃO AMA SE NÃO CONHECE A DEUS

Em seu livro *Mortal Lessons: Notes on the Art of Surgery (Lições Mortais: Notas sobre a Arte Cirúrgica)*, o Dr. Richard Selzer descreve o seu encontro com uma jovem depois de ter removido um tumor do rosto dela. A cirurgia exigira o corte de um nervo facial, deixando um lado da boca paralisado e torto. O médico estava preocupado com a reação da mulher e do marido à nova aparência dela.

"O marido está no quarto. Ele se colocou do lado oposto da cama e, juntos, eles parecem habitar na luz noturna. Isolados de mim, distantes num mundo só deles. Quem são, pergunto a mim mesmo, ele e esta boca torta que eu fiz, que se fitam e se tocam generosamente, avidamente?

"A jovem mulher pergunta: 'Vou ficar sempre assim?'. Eu respondo: 'Sim, o nervo teve de ser cortado.' Ela concorda em silêncio com um aceno de cabeça. Mas o jovem sorri. 'Eu gostei, ficou bonitinho.'

"Na mesma hora descubro quem ele é, compreendo e abaixo os olhos. É impossível não se emocionar ao encontrar um deus. Sem se

importar, ele se inclina para beijar a boca repuxada dela e estou tão perto que posso ver como torce os lábios para se acomodar aos da mulher, para mostrar-lhe que o beijo deles ainda tem valor. Lembro-me de que os deuses apareceram na Grécia antiga como mortais, seguro a respiração e deixo o prodígio envolver-me."¹

Conforme sugerido pelo Dr. Selzer, o amor é uma qualidade divina. Mas não somos deuses. O amor é algo que os seres humanos precisam e expressam, mas não é a nossa natureza básica. É algo que *possuímos*, e não algo que somos. O amor reside em nós e opera por meio de nós mediante a presença do Espírito Santo, mas a sua fonte está além de nós. Desde que o amor é um absoluto, ele nunca muda. Portanto, a fonte suprema do amor deve ser tão imutável quanto o próprio amor. Como cristãos, identificamos nosso Deus imutável como a fonte do amor. A Bíblia afirma claramente: "Deus é amor" (I João 4:16). Em contraste com a Sua criação humana, Deus não *tem* amor, Ele *é* amor. A atividade do alvor de Deus flui da Sua natureza de amor. Quando Deus ama, Ele está simplesmente sendo Ele mesmo.

Nenhuma ética importante do amor pode evitar o conhecimento do Deus de amor revelado na Escritura. O mandamento para amar nada significa se não soubermos o que o amor é, e o significado do amor está arraigado em Deus. João escreveu, "Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor" (I João 4:8). A ética do amor cristão não é mais segura do que a sua fonte e não pode ser mais aplicável à vida do que o nosso conhecimento da Sua lei.

Como obtemos este conhecimento do amor de Deus? Há duas fontes básicas: o mundo que nos rodeia e as Escrituras. Nossa experiência do amor de Deus na criação e nos relacionamentos humanos é a fonte geral do conhecimento sobre Ele. A Bíblia é uma fonte mais específica. Vamos considerar ambas.

CERCADOS PELA NATUREZA AMOROSA DE DEUS

A chuva de primavera cai docemente sobre a sua pequenina horta no quintal. Os pingos gotejam nas folhas e nos pés de tomate, abobrinha, alface e cenoura que prometem uma deliciosa colheita de verão. Você não consegue vencer o espanto. Há poucas semanas não havia nada ali senão terra. Você plantou as sementes, regou-as e ficou vigiando diariamente. O sol quente da primavera fez brotar as plantinhas verdes da terra úmida. Quase diante de seus olhos as sementinhas produziram boa quantidade de lindos vegetais, o suficiente para alimentar sua família e dividir com os vizinhos. Você pensa nos fazendeiros que plantam centenas de acres de cereais e outros produtos comestíveis, ganhando a vida com eles. Pensa nos pobres dos países do Terceiro Mundo que cultivam o pouco que podem, a fim de pelo menos sobreviver. Imagina então se eles também reverenciam o milagre da semente, chuva, sol e colheita.

Nossa experiência de vida neste mundo nos informa de que há um Deus que se importa com a Terra que Ele criou e com as criaturas que vivem nela. Paulo pregou aos incrédulos de Listra: Deus "não se deixou ficar sem testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando-vos do céu chuvas e estações frutíferas, enchendo os vossos corações de fartura e de alegria" (At. 14:17). O salmista disse sobre Deus: "Abres a tua mão e satisfazes de benevolência a todo vivente" (Sal. 145:16). Deus prometeu a Noé: "Enquanto durar a terra não deixará de haver sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite" (Gên. 8:22). A produtividade abundante e oportuna da terra, sua mistura agradável de simetria e contraste, sua beleza sensorial admirável, e seu desenho complexo – do macrocosmo do espaço ao microcosmo da esfera das subpartículas – é um testemunho do amor de Deus mantendo a Sua promessa através dos milênios.

Paulo falou da nossa completa dependência do Criador amoroso, lembrando aos filósofos não-cristãos na Colina de Marte que Deus "nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais" (At. 17:25).

O testemunho da natureza é suficiente para convencer cada ser humano da existência e provisão de um Deus que nos fez e cuida de nossas necessidades. Paulo escreveu, "Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das cousas que foram criadas. Tais homens são por isso indesculpáveis" (Rom. 1:20). A natureza é um testemunho constante e claro da existência de um Deus de amor.

Nosso conhecimento do amor de Deus no mundo que nos rodeia não fica limitado ao que geralmente chamamos de natureza. Deus revelou também o Seu amor por meio do amor da Sua criação humana. O apóstolo João declarou: "O amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus, e conhece a Deus" (I João 4:7). O terno amor de um pai pelo filho, o amor generoso e íntimo entre marido e esposa, e o amor perseverante e dedicado dos amigos de uma vida são evidências de que o Deus que nos criou é um Deus de amor. Toda vez que alguém serve um inválido, fornece refeições a um amigo doente, doa dinheiro ou materiais a vítimas de catástrofes naturais, ajuda um vizinho a trocar a mobília de lugar, ou faz qualquer outro serviço de amor, o amor de Deus é refletido no comportamento humano. Como cristãos, sabemos que somos instrumentos do amor de Deus para outros, pois "o amor de Cristo nos constrange" (2 Cor. 5:14). O amor procede de Deus e os que experimentam o amor verdadeiro, crentes ou não, sentem que há um Deus que se importa.

O amor em nosso mundo é evidentemente distorcido. O pecado e a doença no coração da humanidade transformaram o amor em orgulho, ódio e vingança. O conflito, a inveja e a amargura separaram indivíduos, famílias, raças, grupos socioeconômicos e nações. Todavia, o amor humano é universal. Todas as culturas têm alguma consideração pela decência e respeito nos relacionamentos humanos, como demonstrado em suas leis civis e seus códigos morais. Por exemplo, os hunos de Átila podem ter sido selvagens em seu ódio e destruição dos inimigos, mas

amavam suas mulheres, filhos e amigos. A exceção talvez do mais odioso, sádico ou diabólico dos criminosos, teríamos dificuldade para encontrar um indivíduo em todo o mundo que não amasse alguém: um pai ou mãe, um irmão, um mentor, um cônjuge. O mais leve vislumbre de amor no coração humano evidencia a marca do Deus amoroso que nos criou.

PALAVRA FINAL SOBRE O DEUS DE AMOR

O conhecimento mais explícito do amor de Deus é derivado da Bíblia. Em literalmente centenas de referências de ambos os Testamentos tomamos conhecimento do amor de Deus. Alguns capítulos inteiros, tais como **1 Coríntios 13** – chamado "capítulo do amor" –, são dedicados ao amor. O amor é o tema dominante em livros como Oséias, o evangelho de João e a primeira epístola de João. Segundo Jesus, o amor é o tema supremo da Escritura. Ele disse: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas" (Mat. 22:37-40).

No Antigo Testamento, a Lei (os cinco primeiros livros) e os Profetas (os dezessete últimos livros – Mat. 5:17; Luc. 24:27) resumem as instruções de Deus sobre como viver em relação amorosa com Ele e com outros. O resultado desses relacionamentos é descrito nos livros de história e celebrado nos livros de poesia. Quando Jesus disse "Toda a lei e os profetas", Ele indicou que o amor de Deus permeia o Antigo Testamento. Ao entregar os Dez Mandamentos, Deus prometeu amar "até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos" (Êxo. 20:6). O salmista insere repetidamente a frase: "A sua misericórdia (amor) dura para sempre" (Sal. 136:1 ss.).

Outra frase que descreve a natureza amorosa de Deus, como Ele se revelou a Moisés, é também repetida em todo o Antigo Testamento:

"Senhor Deus compassivo, clemente e longânimo, e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado" (Êxo. 34.6,7; veja também Núm. 14:18; Neem. 9:17; Sal. 86:15; 103:8, 145:8; Joel 2:13).

Como indica a experiência de Jonas, o amor de Deus não fica limitado a Israel. Jonas confessou o interesse de Deus pela ímpia Nínive: "Sabia que és Deus clemente, e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade, e que te arrependes do mal" (Jonas 4:2). As boas-novas do amor eterno de Deus permeiam o Antigo Testamento de Gênesis a Malaquias.

O amor de Deus se realiza no Novo Testamento, como visto no centro da mensagem bíblica do amor, **João 3:16**: "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna". João ampliou este tema central na sua primeira epístola: "Nisto se manifestou o amor de Deus em nós, em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele" (1 João 4:9). Jesus disse: "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém à própria vida em favor dos seus amigos" (João 15:13). O apóstolo João reforçou o pensamento, acrescentando a importância do exemplo de Cristo para nós: "Nisto conhecemos o amor, em que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos" (1 João 3:16).

Paulo se maravilhou por Deus ter agido em amor muito antes que soubéssemos da nossa necessidade do Seu amor: "Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores" (Rom. 5:8). O sacrifício do santo Filho de Deus para remir a raça humana pecaminosa é a quintessência do amor. Não admira que João exulte: "Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus" (1 João 3:1).

As Escrituras nos asseguram também que Deus é tenaz, e não tênue, em Seu amor por nós. **Romanos 8:35, 38, 39** nos dá uma visão

estimulante e encorajadora do compromisso de amor de Deus conosco: "Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? [...] Porque eu estou bem certo de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem coisas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor".

O amor de Deus ecoa por todo o Novo Testamento. Vemos o amor de Deus Pai por Seu Filho (Mat. 3:17; Mar. 9:7) e o amor do Filho pelo Pai (João 14:31). Jesus declara que Seu amor por nós tem como modelo o amor do Pai por Ele (João 15:9). Recebemos ordem para corresponder ao amor do Pai por nós, amando a Deus (Mat. 22:37) e amando aos outros (João 13:34,35; Rom. 13:8; 1 Ped. 1:22; 1 João 4:7), inclusive os nossos inimigos (Mat. 5:44). Mas, mesmo quando amamos, nossa capacidade para isso tem origem em Deus e na Sua natureza amorosa: "Nisto consiste o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou, e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados" (1 João 4:10).

DEUS DE AMOR E DEUS DE IRA

"Espere um pouco", muitos irão interromper. "Se Deus é um Deus de amor, por que Ele criou o inferno e por que envia gente para lá?" Boa e importante pergunta. A Bíblia diz que Jesus, que amou tanto o mundo e morreu por ele, irá um dia "tomar vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder" (2 Tess. 1:8,9). Para os incrédulos, Jesus dirá: "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos" (Mat. 25:41). Em sua visão, João notou que "E, se alguém não foi achado inscrito no livro da vida, esse foi lançado para dentro do lago do fogo" (Apoc. 20:15). Este lugar é descrito como

de tormento, do qual não se pode voltar (Luc. 16:23-26), um lugar em que "haverá choro e ranger de dentes" (Mat. 8:12). A existência de tal lugar não é incompatível com um Deus amoroso por natureza?

A resposta é não. O amor absoluto, longe de ser incompatível com o inferno, na verdade exige a sua existência. Ninguém pode forçar o amor de outra pessoa. Você escolhe amar a Deus; Ele não vai forçar o seu amor. Deus irá, naturalmente, fazer tudo em Seu poder amoroso a fim de oferecer-lhe o convite para amá-Lo. É esse o plano da redenção. Mas, quanto aos que o recusarem até o fim, Deus não violará a liberdade de eles escolherem o próprio destino. C.S. Lewis notou que só existem dois tipos de pessoas no Universo: os que dizem "Seja feita a Tua vontade" a Deus, e aqueles a quem Deus dirá "Seja feita a sua vontade". Jesus lamentou, compadecido, o desejo de reunir o Seu povo como a galinha ajunta os seus pintinhos, "e vós não o quisestes!" (Mat. 23:37). O inferno é o lugar preparado por um Deus longânimo para os que se recusam a seguir o Seu caminho. Depois de ter tentado atraí-los, Deus irá finalmente dizer a alguns: "Está bem, faça o que quiser".

Cruel? Sem amor? De modo algum. Pense um pouco: Se Deus permitisse que os incrédulos entrassem no Céu, isso seria pior que o inferno para eles. Como aqueles que detestam orar e louvar a Deus suportarão ser enviados para um lugar onde esta atividade é permanente? Se eles se sentem desconfortáveis durante apenas uma hora na igreja fazendo isto, pense no desconforto que sentirão se tiverem de continuar nessa prática para sempre. Desde que o Céu é um lugar onde as pessoas irão curvar-se e adorar a Deus, como poderia um Deus amoroso forçá-las a ir para lá quando elas não querem adorá-Lo, mas O odeiam ou O ignoram, como já fizeram nesta vida? É mais compatível com a natureza do amor divino não obrigar as pessoas a amá-Lo contra a vontade delas. Portanto, Deus é na verdade misericordioso com os incrédulos ao prover para eles um lugar que esteja de acordo com a rejeição que têm em relação a Ele.

Isto não significa que todos que vão para o inferno gostarão de estar ali. Pelo contrário, a descrição da Bíblia não deixa dúvidas de quanto esse destino eterno pode ser indesejável. As pessoas não querem ir para o inferno, mas ao recusar Cristo é para lá que vão. Esta é a razão por que devemos continuar insistindo para que os membros da família, amigos, vizinhos, colegas de escola e de trabalho se entreguem ao amor de Deus e sigam o Seu caminho. Esta é a razão pela qual advertimos os entes queridos e os estranhos das conseqüências de optar pela rejeição e seguir o próprio caminho. Cremos firmemente que aqueles que viraram as costas para Deus em ira ou apatia podem aprender a amá-Lo como nós fazemos. Todavia, Deus não forçará a ir para o Céu ninguém que não quiser estar lá com Ele. Por mais indesejável que possa ser a escolha de alguns, eles a fizeram e terão de viver com ela para sempre.

Você pode perguntar: "E se alguém que estiver no inferno mudar de idéia? Um Deus amoroso não irá livrar o indivíduo arrependido do inferno e transferi-lo para o céu – melhor tarde do que nunca?". A resposta é *Não*. As pessoas só estão no inferno porque Deus sabe que nunca mudarão de opinião sobre Ele. Se outras mil oportunidades na vida as fizessem escolher o caminho dEle, Deus, em amor, teria dado a elas essas oportunidades. Mas, porque Ele sabe todas as coisas antecipadamente, inclusive o fato de que algumas pessoas nunca irão mudar de idéia, Deus as deixa ir e diz: "Aos homens está ordenado morrerem uma só vez e, depois disto, o juízo" (Heb. 9:27). Deus não deixou de demonstrar Seu amor por elas. Mas, lamentavelmente, nem mesmo o amor divino as conquistou. Deus ofereceu a oportunidade para que tivessem o que há de melhor, embora permitindo que cada um escolhesse algo inferior ao melhor planejado por Ele. Deus, que é todo amor, surpreendentemente permite o supremo insulto ao Seu amor: a rejeição.

Esta descrição do amor de Deus ajuda-nos a compreender melhor a ira de Deus. A ira é o resultado do amor rejeitado. C. S. Lewis observou muito bem que o único lugar do Universo onde as pessoas ficarão livres

das perturbações do amor é o inferno. O inferno é onde o amor não funciona nem atrai mais, pois não é possível conquistar ninguém ali. Não se trata de Deus não mais amar. Seu amor radiante ainda brilha, mas o efeito é totalmente diverso quando o amor é rejeitado. O mesmo sol que derrete a cera também endurece o barro. A diferença não é a fonte de calor, mas a reação do objeto aquecido.

O mesmo acontece com o amor de Deus. Quando alguém não está disposto a corresponder ao amor de Deus, surge a ira. Se você já tentou alguma vez amar alguém que não quer ser amado, tem idéia da frustração do amor de Deus. Se você, obstinada ou orgulhosamente, rejeitou o amor que outros lhe estenderam, já experimentou então um pouco do inferno. É terrível necessitar de amor e querer amor, mas, ao mesmo tempo, não se abrir para alguém que nos ama. Os incrédulos são como baldes virados de cabeça para baixo sob as Cataratas do Niágara. "Onde está o amor de Deus e o Deus do amor?", clamam eles. "Minha vida é vazia e sem significado." Todavia, eles se recusam a voltar a vida para o outro lado e permitir que a cascata do amor infinito de Deus preencha a existência deles. Deus é amoroso; Seu amor flui como uma torrente poderosa, incessante. Ele quer o bem de cada indivíduo, mas o Seu amor não pode ajudá-los se eles não desejarem o bem maior, aceitando o Seu amor.

Há muitas maneiras de aprofundar o nosso conhecimento e experiência do amor de Deus e do Deus de amor. Desde que a criação de Deus é uma expressão permanente do Seu amor, devemos estudar e apreciar o que Deus fez. O rei Davi escreveu: "Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste, que é o homem, que dele te lembres? E o filho do homem, que o visites?" (Sal. 8:3,4). A Escritura nos convida a "considerar" o que Deus fez, olhar

para a Sua marca amorosa em tudo o que nos rodeia e louvá-Lo pelo Seu cuidado amoroso.

Desde que os relacionamentos humanos refletem a natureza do Deus de amor, devemos encorajar e afirmar o amor humano generoso onde quer que o encontremos. Um adesivo num pára-choque sugere: "Pratique casualmente atos de bondade". A Bíblia diz isso da seguinte forma: "Enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos" (Gál. 6.10). Os indivíduos que amam e servem aos outros abnegadamente em nome de Cristo devem ser nossos heróis. Fique perto e aprenda deles, imitando-lhes o espírito de amor.

Acima de tudo, visto que o amor de Deus e o Deus de amor são claramente apresentados na Sua Palavra, devemos conhecer as Escrituras. Estude os atos amorosos de Deus na história bíblica, desde a criação até a redenção. Familiarize-se com as atitudes amorosas de Deus como declaradas em Seus mandamentos, nos ensinamentos de Jesus e nos escritos dos apóstolos. Sacie-se com os hinos e poemas dos salmos, muitos dos quais são cânticos de amor a Deus. Quanto mais conhecer a Palavra de Deus, tanto mais você conhecerá a Deus. E, quanto mais conhecer a Deus, tanto mais claramente ouvirá o pulsar do coração de amor dEle.

PERGUNTAS DIFÍCEIS E RESPOSTAS DIRETAS SOBRE O AMOR DE DEUS

Se a natureza é uma expressão do amor de Deus, por que Ele permite males naturais, tais como terremotos, furacões, inundações e doenças, que matam centenas de pessoas todos os anos?

As catástrofes naturais resultam do nosso pecado, não sendo uma evidência de que o amor de Deus é incompleto ou ineficaz. Uma transformação ocorreu na terra depois que Adão e Eva desobedeceram a Deus no jardim. Deus disse: "Maldita é a terra por tua causa: em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida [...] No suor do teu

rosto comerás o teu pão" (Gên. 3:17,19). O mundo ficou corrompido pelo mal físico, e isso quase sempre traz fadiga à vida dos seus habitantes, até mesmo daqueles que amam a Deus. Os que constroem casas e cidades perto de uma zona onde existe uma falha geológica arriscam-se a sofrer ferimentos e morte por causa de terremotos. Se você morar numa região sujeita à passagem de furacões ou ciclones, ou numa planície onde ocorrem inundações, as suas plantações e propriedade podem ser completamente aniquiladas. Se deixar de proteger-se contra doenças, pode tornar-se uma de suas vítimas.

É importante compreender que as pessoas que passam por tragédias devidas a desastres naturais não sofrem por serem mais perversas do que as que não são afetadas por elas (veja Luc. 13:3-5). Pelo contrário, o mal físico entra em nossa vida por diferentes razões. Deus é amoroso e a única maneira de O amarmos é livremente. E o livre-arbítrio é a origem do mal.

1. **Alguns males físicos resultam de nossas escolhas livres.** Se você construir uma casa perto da falha geológica de San Andreas na Califórnia, poderá ser morto por um terremoto. Se comprar uma fazenda nas margens do rio Mississippi, você e sua propriedade poderão ser varridos por uma inundação. Se você comer demais e exercitar-se pouco, estará arriscando-se a ter um infarto cardíaco.

2. **Alguns males físicos resultam da decisão de não fazer nada.** A preguiça pode levar à pobreza. Deixar para depois um exame físico de rotina pode permitir que um câncer não detectado se torne impossível de tratar. Não se dispor a quebrar o mau hábito de dirigir quando cansado pode causar um acidente fatal.

3. **Alguns males físicos resultam das escolhas livres de outros.** O abuso de crianças, balas perdidas, assaltos e mortes no trânsito devido à embriaguez são exemplos de como pessoas inocentes sofrem males nas mãos de indivíduos irresponsáveis ou perversos.

4. **Alguns males físicos são subprodutos de atividades positivas.** Algumas pessoas que vão ao lago velejar ou nadar acabarão afogando-se.

Os esquiadores, alpinistas e pára-quedistas algumas vezes se machucam ou morrem por causa do seu esporte. Até uma viagem de carro para o prédio da igreja pode terminar num ferimento grave ou morte.

5. **Alguns males físicos resultam da atividade de espíritos malignos.** Os sofrimentos de Jó foram atribuídos a Satanás (Jó 1:6-12). Os espíritos malignos oprimem e afligem as pessoas doentes (Mat. 17:14-18; Luc. 13:11).

6. **Alguns males físicos são advertências de Deus sobre males físicos ainda maiores.** Uma dor de dente pode ajudar a evitar problemas dentários futuros. As dores no peito, quando investigadas, podem evitar a morte desnecessária. A dor de perder um parente por causa de câncer pode levar os familiares a fazer exames médicos para detectar a moléstia.

7. **Alguns males físicos são advertências de Deus sobre males morais.** A dor e a tragédia chamam nossa atenção e nos fazem buscar a Deus muito mais do que outras experiências. Paulo falou sobre a ira de Deus levar ao arrependimento (Rom. 2:4). C.S. Lewis falou do sofrimento como o megafone de Deus.

8. **Alguns males físicos são permitidos para ajudar o desenvolvimento moral.** Sem tribulação, não haveria paciência. Os irmãos de José o venderam como escravo, mas ele os perdoou e disse: "Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem" (Gên. 50:20). Jó sofreu muito e disse: "Se ele (Deus) me provasse, sairia eu como o ouro" (Jó 23:10).

9. **Alguns males físicos ocorrem porque formas superiores de vida vivem em função das inferiores.** Neste mundo físico, os pássaros comem os vermes, os gatos comem os pássaros, e as crianças estouvadas torturam os gatos. Da mesma forma, pessoas e forças maiores nos perseguem ou nos ferem sem justa causa. Algumas vezes nos defendemos contra elas, e outras vezes, apesar dos nossos esforços, não podemos fazê-lo.

Por que então nosso Deus onipotente não intervém milagrosamente e evita que o mal físico aconteça? Primeiro, Deus intervém às vezes (quando acha necessário para o Seu plano geral redentor), mas para fazer isso regularmente Ele teria de interferir no pleno exercício do livre-arbítrio, deixando-nos com um mundo algo menos do que completamente moral. Segundo, num mundo de constante intervenção divina contra ações perversas, todo aprendizado moral cessaria. Jamais experimentaríamos as más conseqüências das escolhas erradas e não realizaríamos nosso potencial para o progresso ou desenvolvimento moral.

Por que um Deus amoroso permite que as Suas criações humanas maltratem umas às outras? Por que Ele permite que os seres humanos se tornem assassinos, estupradores, abusem de crianças, façam abortos, e assim por diante?

A verdadeira pergunta por trás dessas questões é: "Por que Deus fez criaturas com livre-arbítrio quando Ele sabia que algumas iriam preferir o mal?". Porque criar indivíduos com livre-arbítrio era a melhor escolha possível dentre pelo menos quatro opções abertas para um Deus amoroso.

Primeiro, Ele poderia ter evitado completamente o pecado deixando de criar o mundo. Mas, Deus é amor, e como um pai amoroso Ele queria uma família com quem compartilhar o Seu amor.

Segundo, Ele não teria escolhido fazer um mundo habitado por criaturas que O amassem sem possibilidade de escolha. O amor forçado é uma contradição. Os robôs não amam realmente, eles são programados para responder.

Terceiro, Ele poderia, hipoteticamente, ter criado um mundo no qual as pessoas tivessem liberdade de escolha mas jamais pecassem. Todavia, desde que as pessoas são livres para escolher o pecado, isso nunca aconteceria.

Quarto, Ele poderia ter criado um mundo em que as pessoas fossem livres e escolhessem pecar – que foi o que Ele fez. Deus criou então

Adão e Eva com a capacidade de obedecer e desobedecer, de amar e não amar a Ele e a outros. Eles decidiram finalmente desobedecer e, em consequência, o pecado entrou na raça humana.

Para alguns, talvez pareça uma clara contradição à santidade de Deus que Ele tivesse escolhido a única opção na qual o mal poderia ocorrer. Os seres humanos livres podem optar por rejeitar, zombar e desobedecer a Ele face a face – e fazem isso realmente. Os seres humanos também agredem e ferem facilmente uns aos outros. Todavia, o pecado foi a possibilidade permitida por Deus, a fim de nos amar e permitir que O amemos da melhor maneira possível.

O AMOR NA LINGUAGEM DIÁRIA

Amor – a palavra escorrega na nossa conversa todos os dias, quase sem ser notada.

- Não é um amor?
- Claro, amaria fazer o almoço da semana que vem.
- Ouvi uma história ótima, você vai amá-la.
- Puxa! Amo este carro, ele acelera tão facilmente e é tão gostoso de manobrar!
- Meu gatinho é lindo. Como o amo!
- Não aceitaria esse emprego nem por amor nem por dinheiro.
- Como amo essas manhãs frescas de outono!
- Eu a amo, doçura, de todo o meu coração.
- Você tem de amar o seu trabalho!

Ligue o rádio ou a TV a qualquer hora do dia ou da noite. Não se pode fugir do amor. Ele é cantado nas emissoras, dramatizado (no geral *melodramatizado!*) nas novelas, ridicularizado nas comédias de costumes e escarneado nos programas de entrevistas de segunda classe.

- O amor não pode ser errado se parece tão certo.
- Estou esperando o filho do nosso amor.
- Se não puder ficar com quem ama, ame aquele com quem fica.
- Amo o que você faz por mim.
- O que o você precisa agora é de amor, doce amor.
- Quero o seu amor, preciso do seu amor (ó baby, baby, baby).

A palavra *amor* tem um vasto espectro de significados em nossa cultura. Quando falamos de amor hoje, é importante saber exatamente a que tipo de amor nos estamos referindo. Por exemplo, se o indivíduo não vê a diferença entre amar o velho Bubba, seu cão de caça, amar seu taco de golfe e amar sua mulher, ele está enrascado – com a mulher e não com o cão. A mulher deve entender que o amor dela pelo emprego, pelas flores do jardim e pelos filhos devem ser níveis diferentes de amor. Se quisermos compreender a importância vital do amor como a coisa certa e final a ser feita – o amor que flui da natureza de Deus –, é bom saber se estamos falando do tipo de amor que satura a nossa cultura hoje, originária de centros poderosos de influência como Hollywood, Nashville, Madison Avenue e MTV.

O AMOR É . . .

O apóstolo Paulo dedica um capítulo inteiro ao tema do amor (1 Cor. 13). Em uma seção, ele oferece uma enxurrada de palavras e frases descritivas: "O amor é paciente, é benigno, o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre,

tudo crê, tudo espera, tudo suporta" (vv. 4-7). Quando se pede aos cristãos que definam o amor verdadeiro – o tipo de amor que é a natureza de Deus e que devemos praticar – eles em geral apontam este parágrafo ou repetem de cor algumas dessas frases.

A Primeira Epístola aos coríntios, capítulo 13 é uma boa descrição do que o amor *faz* e *não faz*. Por esta descrição e outras na Escritura, podemos obter uma declaração concisa, definindo o que é o amor. *O amor quer o bem da pessoa amada e esforça-se por isso*. Em outras palavras, *amar é considerar a saúde, a felicidade e o aperfeiçoamento de outrem tão importantes para você como se fossem os seus*. A nossa saúde, felicidade e aperfeiçoamento são importantes para nós? Claro que sim! Todos nos esforçamos para manter nossa felicidade, proteção e prosperidade. Quem tiver apenas alguns gramas de ambição desejará crescer como cristão, avançar no emprego, encontrar e aprofundar amizades, e geralmente melhorar o seu padrão de vida. Faz parte da nossa constituição humana não só sobreviver, como também melhorar como indivíduos de todo modo possível.

O verdadeiro amor exige que cuidemos do sucesso e aprimoramento de outros como cuidamos dos nossos. Paulo ensinou isto em Filipenses 2:4: "Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros". O apóstolo também escreveu: "O amor não pratica o mal contra o próximo" (Rom. 13:10). Em vez de prejudicar, o amor faz o que é bom e certo para os outros. Lembre-se: Todos temos consciência do que é bom e certo, um senso moral. Descobrimos esta crença sobre o que é certo e errado quando determinamos a forma como desejamos que os outros nos tratem. O amor diz simplesmente: "Trate bem os outros, como gostaria de ser tratado". Tudo remonta à Regra de Ouro que Jesus nos deu: "Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles" (Mat. 7:12).

Como esta definição é aplicada à vida diária? Veja alguns exemplos. Se você acha razoável que sua mulher mantenha as crianças

ocupadas enquanto você assiste ao jogo de futebol na segunda-feira à noite, o amor requer que dê a ela uma "folga da mamãe à noite", quando ela pedir ou precisar disso. Se espera que seu chefe o trate com respeito, o amor exige que você faça o mesmo e não fale mal dele aos colegas ou clientes. Se achar que o seu pastor deveria estar mais atento às suas necessidades espirituais, o amor exige que você faça a sua parte para satisfazer as necessidades dele, tal como orar constantemente e defendê-lo contra a maledicência.

A coisa amorosa a fazer na maioria das situações não é difícil de adivinhar. Simplesmente coloque-se na pele da outra pessoa e pergunte: "Qual a coisa melhor que eu poderia desejar se isso acontecesse comigo?" Quando você determina a resposta, o amor exige que faça o máximo em sua oportunidade e capacidade.

Quando fazemos da saúde, felicidade e aprimoramento dos outros uma prioridade-chave, estamos seguindo o exemplo do Deus de amor. Deus só quer o melhor para cada pessoa, como visto pelas Suas ações.

Primeiro, Ele nos criou à Sua imagem e semelhança (Gên. 1:27). Ele poderia ter-nos feito à imagem de anjos ou de outras belas criaturas. Mas a humanidade era a coroa da criação de Deus, e o Seu melhor para nós foi que refletíssemos a Sua natureza. Deus fez então os seres humanos "por um pouco, menor(es) do que Deus, e de glória e de honra o(s) coroaste" (Sal. 8:5). Que melhor modelo poderíamos desejar do que sermos formados à imagem de Deus e coroados com a Sua glória e honra?

Segundo, Deus quer o nosso bem maior, sustentando a nossa vida neste planeta mediante Seu poder amoroso. Esdras orou, "Só tu és Senhor, tu fizeste o céu, o céu dos céus [...] a terra e tudo quanto nela há, os mares e tudo quanto há neles; e tu os preservas a todos com vida" (Neem. 9.6). Paulo escreveu: "Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as cousas. Nele tudo subsiste" (Col. 1:16,17). Deus não só nos deu vida, como também preserva a nossa vida. Hebreus 1:3 declara que Cristo sustenta "todas as cousas pela palavra do seu

poder"(Heb. 1:3). Se Ele deixasse de sustentar-nos por um instante que seja, o planeta Terra e tudo o que nele existe – inclusive nós – e o Universo que o cerca desapareceriam. Devemos a nossa existência ao Deus que nos preserva como uma expressão contínua do Seu amor.

Terceiro, Deus demonstrou que Ele quer o melhor para a humanidade pecadora, pagando um alto preço pela nossa redenção. Quando Jesus Cristo morreu na cruz, Ele fez isso por todos (2 Cor. 5:15), mesmo para os que nunca responderam ao Seu amor. João declarou: "Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro" (1 João 2:2). Além disso, Deus não quer que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento (2 Ped. 3:9). O melhor para a criação humana de Deus é viver em comunhão com Ele através do tempo e da eternidade. Em Seu amor, Deus agiu para tornar isso uma realidade para todos os que O aceitam.

O fato de algumas pessoas recusarem o dom da salvação, preferindo seguir seu próprio caminho, demonstra uma característica vital do amor verdadeiro. O amor que procede da natureza de Deus, o amor que somos ordenados a expressar em todos os nossos relacionamentos, é dado por Ele sem que se peça retribuição. "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê..." (João 3:16). A palavra ativa aqui é *todo*. Quando Deus deu o Seu Filho, Ele sabia muito bem que alguns iriam crer e outros não. João escreveu: "Veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (João 1:11).

Na realidade, até mesmo a nossa liberdade de escolha é um presente do amor de Deus, por ter considerado melhor para nós não forçar a retribuição do Seu amor. Deus *quer* que todos O amem, mas não *exige* isso. Do mesmo modo, o amor pelos outros é *ordenado*, mas não *exigido* por Deus. Todavia, Cristo morreu por todos, até mesmo por aqueles que Lhe voltam as costas. Considere os exemplos de amor dados por Jesus. Ele sabia que Judas iria traí-Lo, mas, apesar disso, amou-o e chamou-o para ser Seu discípulo. Quando a multidão gritou "crucifica-O", Jesus

respondeu "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Luc. 23:34). O amor de Deus persiste quer o recebamos quer não. Paulo escreveu: "Se somos infiéis, ele permanece fiel, pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo" (2 Tim. 2:13). Dar sem exigir nada em troca faz parte da natureza de Deus e, portanto, é a natureza do amor verdadeiro, pois Deus é amor.

A exemplo de Cristo, você também pode enfrentar rejeição quando decidir amar como Deus ama. Embora "faça aos outros o que quer que façam a você", o seu ato de amor talvez seja ignorado ou lançado em seu rosto. Por exemplo, quando seu vizinho viaja, você se oferece para alimentar e exercitar o cachorro dele. Na sua mente, essa é coisa certa a fazer. Mas quando pede para ele retribuir, o vizinho responde: "Está doido? Não tenho tempo e o seu cachorro não passa de um estorvo babão". Ou você compra um presente-surpresa para sua filha e ela diz: "Que presente bobo. É feio, não quero!". Você faz serão para ajudar um colega de trabalho, só para ouvir: "Não preciso da sua ajuda. Além disso, você só está querendo bajular o chefe".

Se formos considerar as nossas emoções em situações desse tipo, podemos ser tentados a desistir de futuras oportunidades de amar pessoas assim. Mas o amor verdadeiro não dá com intenção de receber. O amor dá porque se interessa pela saúde, felicidade e aprimoramento dos outros – ponto final. Sempre que você nega o seu amor porque alguém o ignora ou não o aprecia como deveria, você não está amando com o amor que vem de Deus.

Da mesma forma, o amor dá mesmo quando não gostamos de tudo naqueles a quem escolhemos amar. Isto é igualmente um reflexo do amor de Deus. Deus odeia de tal maneira o pecado que não pode sequer olhar para ele (Hab. 1:13). Em nossa condição de pecadores, não havia nada em nós de que Deus pudesse gostar. Todavia, Ele nos amou e nos deu o Seu melhor, Seu Filho unigênito. Para seguir o Seu exemplo, você pode decidir entoar canções natalinas num hospital, embora não goste de sentir cheiro de remédio ou de ver as faces tristes e abatidas de alguns

enfermos. Você pode oferecer-se para cuidar novamente do cachorro do seu vizinho, embora não goste da maneira como ele fala da sua Fifi. Pode continuar oferecendo ajuda a um colega suspeito e ingrato. Ou pode decidir orar pelos líderes do governo cuja posição política é diferente da sua. Sempre que você se dispõe a servir alguém com amor, mesmo que essa pessoa o ofenda de algum modo, você está demonstrando o amor de Deus.

PROVEDOR E PROTETOR

Deus nos deu outra perspectiva útil deste tipo de amor que é a Sua natureza e deve ser a nossa prática. A descrição é encontrada nos ensinamentos de Paulo em **Efésios 5:28,29**: "Assim também os maridos devem amar as suas mulheres como a seus próprios corpos. Quem ama a sua esposa, a si mesmo se ama. Porque ninguém jamais odiou a sua própria carne, antes a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja". Esta instrução significa mais do que uma aplicação específica para que os maridos amem às suas mulheres. Observe várias coisas nessas linhas.

Primeiro, o tipo de amor mencionado por Paulo aos maridos é o amor que Cristo tem pela igreja. Quando Deus pede que amemos, Ele sempre nos manda seguir o Seu exemplo. Ele não nos chama para fazer algo do qual não seja o exemplo perfeito. O verdadeiro amor sempre tem Deus como fonte.

Segundo, as instruções para os maridos aqui refletem o mandamento de Jesus sobre amar o próximo em **Mateus 22:39**: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo". Em outras palavras, não só os maridos, mas todos os cristãos devem amar aos outros como amam a si mesmos. A Regra de Ouro é novamente enfatizada: Devemos amar aos outros como desejamos e esperamos que nos amem. Essa ordem aos maridos é uma aplicação do mandamento de amar ao próximo.

Terceiro, esses versículos nos dizem exatamente como devemos amar a nós mesmos e, subseqüentemente, como devemos amar aos outros: "Porque ninguém jamais odiou a sua própria carne, antes a alimenta e dela cuida" (Efés. 5:29). *Alimentar e cuidar* são elementos-chave para a compreensão de como tornar a saúde, a felicidade e o aprimoramento dos outros tão importantes para nós quanto os nossos. Assim como todos nos preocupamos e agimos para satisfazer nossas necessidades físicas, emocionais e espirituais, queremos também satisfazer as necessidades dos outros, não só de nossos cônjuges como Paulo ensina, mas de todos, como ordenado por Jesus em outro ponto. Isso é amor.

A Versão do Rei Tiago usa dois termos esplendidamente descritivos neste verso: *nutrir e cuidar*. Assim como temos cuidado de nosso corpo, devemos nutrir e cuidar dos outros em amor.

Nutrir nesse sentido significa levar à maturidade. O termo descreve o crescimento do jovem Jesus em Nazaré como mencionado em **Lucas 2:52**: "E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens". Nutrir significa cuidar e contribuir para o bem do indivíduo total: mental, física, espiritual e socialmente. O amor é um provedor. Ele requer que providenciemos a saúde, a felicidade e o crescimento de outros, a fim de levá-los à maturidade, da mesma forma que provemos a nossa saúde, felicidade e aprimoramento.

Cuidar significa proteger. Imagine um ninho de águias recém-nascidas, bem alto num penhasco, completamente exposto às intempéries. Uma tempestade aproxima-se. A mãe-águia desce voando até o ninho e abre as asas sobre os filhotes, a fim de protegê-los da chuva torrencial e do vento forte. Essa é uma figura do que significa cuidar.

Efésios 5:29 diz que é natural cuidarmos de nós mesmos, isto é, proteger-nos de tudo o que possa ameaçar nosso bem-estar mental, físico, espiritual e social. Colocamos o cinto de segurança e dirigimos com atenção para evitar ferimentos físicos ou morte na estrada. Controlamos as gorduras e calorias que ingerimos, com vistas a manter

nosso corpo sadio. Aprendemos a afastar-nos quando tentados a comprometer nossa obediência a Cristo. Ficamos longe das pessoas que não são uma boa influência sobre a nossa fé ou comportamento. Em suma, geralmente nos protegemos contra qualquer coisa que afete negativamente a nossa vida. O amor é um protetor assim como um provedor. O amor exige que façamos o possível para proteger os outros de qualquer coisa que possa desviar ou prejudicar a sua maturidade, assim como protegemos a nós mesmos.

Amar significa nutrir e cuidar, isto é, prover e proteger. como isso se manifesta na prática? Para os maridos e mulheres, significa dar um ao outro folgas ocasionais dos filhos para atividades tais como devoção pessoal, aulas e seminários, ou passatempos como pescar, fazer compras, trabalhar na oficina etc. Para os namorados, significa que prover um ambiente sadio para o seu relacionamento e proteger um ao outro de situações de comprometimento moral. Para os pais, significa cuidar para que os filhos tenham refeições saudáveis e segurança. Significa prover a eles entretenimento e oportunidades de educação em sua casa, protegendo-os de vídeos, programas de TV e música prejudiciais. Significa oferecer bons materiais de leitura para aquele amigo cristão viciado em novelas de baixo nível moral que estão poluindo a mente dele.

Em sua mensagem aos maridos, Paulo oferece outra linda descrição de nosso alvo quando damos provisão e proteção aos membros de nossa família, amigos, vizinhos, colaboradores e outros. O alvo de Cristo para a igreja que Ele ama é santificá-la "tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem cousa semelhante, porém santa e sem defeito" (Efês. 5:26-27). Seu objetivo é promover nossa maturidade e proteger-nos de tudo o que possa manchar e marcar a nossa vida. É uma obra divina que flui de um amor divino.

Desde que devemos amar o próximo como Cristo nos ama, nosso alvo é tratar as pessoas de modo que contribuamos para a santidade e

esplendor delas como filhas de Deus, protegendo-as da mancha do pecado e das cicatrizes. Faça estas perguntas sobre os seus relacionamentos e encontros pessoais:

- Aumento a beleza e a alegria de meu próximo ou, pelo contrário, ajudo a diminuí-las?
- De alguma maneira, eu encorajo as pessoas em direção à maturidade ou as desanimo?
- Insisto para que procurem a santidade, ou as empurro em direção ao pecado?
- Os que convivem comigo estão mais puros ou mais contaminados com o resultado da nossa interação?

O amor sempre procura tornar as pessoas mais saudáveis e mais maduras do que quando as encontrou, porque essa é a obra continua do amor de Cristo em nossa vida.

PERGUNTAS DIFÍCEIS E RESPOSTAS DIRETAS SOBRE O AMOR VERDADEIRO

Como saber se você ama verdadeiramente alguém?

Contrariamente à opinião popular, o amor é mais do que um sentimento agradável. A chave para o verdadeiro amor é obedecer a Deus, amando aos outros além dos simples sentimentos de devoção. Seja em relação a um parceiro romântico, um membro da família, um colaborador, um vizinho, ou um estranho, pergunte a si mesmo: A saúde, a felicidade e o aprimoramento dessa pessoa são tão importantes para mim como o são a minha própria saúde, felicidade e aprimoramento? Estou interessado em levá-la a crescer em todos os níveis: mental, física, espiritual e socialmente? Estou pronto a protegê-la de qualquer elemento que possa ameaçar o seu bem-estar ou deter o seu crescimento? Estou encorajando-a a seguir em direção à santidade e à piedade em vez de rumo ao comprometimento e ao pecado? Se puder responder a essas perguntas afirmativamente, você ama verdadeiramente essa pessoa.

Como amar quando não sentimos amor em relação a alguém?

Amor não é algo que você deva necessariamente sentir; é algo que você faz. Os bons sentimentos podem acompanhar as boas ações, mas temos ordem para amar, tenhamos vontade ou não. Jesus não sentiu vontade de dar a Sua vida para remir a humanidade (Mat. 26:38-39). Na noite anterior à Sua crucificação, Jesus estava em agonia no jardim. Ele perguntou ao Pai se havia algum meio de evitar a cruz. Mas Ele amava ao Pai e cedeu à Sua vontade, e Ele nos amou e se tornou um sacrifício pelo nosso pecado. É assim que devemos amar. Agimos com base em nossa obediência e amor a Deus, que nos ordena amar aos outros como Ele nos amou.

A recompensa para nós, quando começamos a amar as pessoas por quem não sentimos amor, é que eventualmente podemos aprender a gostar delas. Quando fazemos a coisa certa em amor, embora não sintamos vontade de agir desse modo, podemos aprender a gostar de fazer isso. Os bons sentimentos em geral se seguem às escolhas e ações certas, movidas pelo amor.

Quando amamos os outros, devemos buscar o que é melhor para eles. Mas como saber o que é melhor para eles?

Você não pode saber o que é melhor para cada pessoa em cada situação, mas há certas normas que podem ajudá-lo a descobrir o que é melhor para as pessoas na maioria das situações. Primeiro, coloque-se no lugar delas. Qual o maior bem que você desejaria para si mesmo na situação? Uma vez respondida essa pergunta, faça aos outros o que gostaria que fizessem a você. Segundo, considere as Escrituras. Quanto mais você conhecer a Palavra de Deus, tanto mais preparado estará para guiar as pessoas a um comportamento saudável, produtivo. Terceiro, recapitule as suas experiências como cristão. Lições que tenha aprendido de modo difícil podem ajudá-lo a guiar os outros para o que é melhor, evitando ao mesmo tempo decepções e sofrimentos desnecessários. Quarto, procure o conselho

de cristãos amadurecidos. Provérbios 15.22 diz: "Onde não há conselho fracassam os projetos, mas com os muitos conselheiros, há bom êxito". Quinto, confie na orientação do Espírito Santo. Em cada situação, peça para Deus mostrar o Seu melhor para a vida da pessoa.

Tenha cuidado, no entanto, pois, mesmo quando planejar no seu coração o melhor para os outros, você não deve forçá-los a seguir a sua orientação. Cada indivíduo é responsável pela sua própria vida. Você pode querer manifestar seu amor por uma amiga, por exemplo, protegendo-a das conseqüências do vício nas drogas. Você sabe que afastar-se delas é o melhor caminho. Você pode aconselhá-la, orar com ela e até arranjar ajuda profissional para ela, se julgar necessário. Mas ela, e não você, tem de decidir o que é melhor para ela. Se os seus esforços falharem e sua amiga tomar a decisão errada, a culpa não é sua. Quando as pessoas rejeitam o seu amor, isso não significa que você falhou. Você só pode oferecer provisão e proteção, e cabe às pessoas aceitar ou não a sua oferta.

O AMOR EM CONTRASTE

Jeff, um calouro da faculdade, vai à primeira reunião do ano para conhecer as garotas. Não fica decepcionado. A classe do primeiro ano está bem servida de meninas bonitas e disponíveis. A seguir, a caminho do vestiário, acontece. Ele vê Meg pela primeira vez e fica boquiaberto. Meg não é só bonita, é uma deusa. Jeff admira o cabelo sedoso da moça, seus olhos brilhantes, sua pele de capa de revista, e seu corpo escultural. Nunca viu ninguém com tamanha beleza.

O coração de Jeff começa a bater, a boca fica seca e as palmas das mãos, úmidas. Tudo que ele quer é aproximar-se de Meg, conhecê-la, conversar com ela, tocá-la. Finalmente encontra coragem para apresentar-se, conversam alguns minutos e depois Meg se desculpa com um sorriso gracioso que faz os joelhos de Jeff virar geléia.

Durante as duas semanas seguintes, Jeff não consegue comer, dormir ou estudar. O rosto de Meg ocupa constantemente seus

pensamentos. Ele planeja o dia em torno da esperança de encontrá-la "acidentalmente" no campus. Eles conversam de novo rapidamente – na biblioteca, no centro Acadêmico. Almoçam juntos algumas vezes e ele telefona para ela no dormitório. Jeff não consegue desligar-se de Meg e ela parece interessada nele. Em seu primeiro encontro oficial como namorados, eles ficam de mãos dadas no cinema, e o coração de Jeff se acelera. Depois de conhecer Meg melhor, ele fica ainda mais impressionado. Finalmente, numa noite enluarada, Jeff não consegue conter-se: "Meg, você é tão maravilhosa. Quero ficar com você".

Meg suspira: "Eu também, Jeff". É óbvio que Jeff e Meg estão se apaixonando. Mas que tipo de amor é o deles?

Nem todas as expressões de amor humano são tão altruístas como o amor que protege e sustenta sem exigir nada em troca. Há pelo menos dois outros tipos de amor nas relações humanas. Um deles é o amor *egocêntrico*, que enfoca mais o prazer obtido do que o prazer dado num relacionamento. O outro é o amor *mútuo*, no qual as pessoas se envolvem num relacionamento "toma-lá-dá-cá". Estes são contrastados com o que estamos chamando de amor verdadeiro, um amor *generoso* que dá sem exigir recompensa alguma; que busca a saúde, a felicidade e o aprimoramento dos outros; e que se compromete a prover e proteger. Algumas vezes esses três amores são identificados pelos termos gregos: *φιλία*, *φιλία* e *ἀγάπη*. Em seu excelente livro, Os Quatro Amores (Ed. Mundo Cristão), C.S. Lewis os chama de *φιλία*, *φιλία*, *φιλία* e *ἀγάπη*, amizade e caridade, respectivamente, enquanto acrescenta um quarto, afeição, para representar o grego *στοργή*, ou amor pela família.

Vamos examinar os três primeiros.

EROS: VOCÊ ME FAZ SENTIR TÃO BEM!

Embora outros tipos de amor possam entrar em cena mais tarde no relacionamento deles, Jeff e Meg foram atraídos um para o outro por *φιλία*

□. Jeff perseguiu Meg porque a aparência dela agradou aos seus sentidos e despertou seus apetites masculinos. Ele continuou a procurá-la porque, como o viciado em drogas, estar com Meg lhe dava prazer, satisfação e até um sentimento de euforia. Em resumo, Jeff queria estar com Meg porque ela o fazia sentir-se bem. O fato de ela também gostar dele intensificou o prazer.

Esse é □□□□, o amor que anseia pela auto-satisfação. Em sua pior definição, □□□□ é luxúria animal. C. S. Lewis o descreve como um homem buscando um prazer para o qual a mulher é a peça necessária da engrenagem. O quanto ele realmente gosta da mulher pode ser descoberto cinco minutos depois de ter obtido o que deseja.

Na melhor das hipóteses, □□□□ é a ânsia física e emocional profundo por alguém do sexo oposto, como exemplificado por Jeff e Meg. C. S. Lewis chama isso de apaixonar-se e pode acontecer completamente à parte do desejo sexual insistente ou prematuro. Lewis diferencia entre o □□□□ nobre e ignóbil: "O desejo sexual, sem □□□□, quer (prazer sensorial) por querer; □□□□ quer o ser amado... Eros faz com que o homem deseje realmente não qualquer mulher, mas determinada mulher. De algum modo misterioso mas indiscutível, o amante deseja a amada por si mesma, e não pelo prazer que ela pode proporcionar"¹.

Não há nada de errado em "apaixonar-se" no melhor sentido da frase, como todos os que já passaram por isso podem confirmar. Mas □□ □□ é uma base frágil para um relacionamento duradouro e saudável. Na realidade, esse tipo de amor nem sequer é necessário para um bom casamento, considere as várias culturas em que os casamentos são contratados pelos pais antes de os noivos sequer se conhecerem, que dirá se apaixonarem. Ao se unirem como marido e mulher, tendo contribuído pouco ou nada para isso, esses casais começam a construir um relacionamento baseado em algo além da atração magnética.

Quando o casal deseja e trabalha para alcançar o melhor em cada um, o casamento é bem-sucedido. Para o amor entre um homem e uma

mulher florescer, ele deve ampliar-se, passando do □□□□ egocêntrico, romântico, para um amor centrado no outro, desejoso de satisfazer o outro.

PHILIA: *VOCÊ TEM UM AMIGO*

Walter e Ezra se reúnem há anos para jogar xadrez nas tardes de sábado. No caminho eles encontram com Rube e Chester, que também gostam imensamente desse jogo. Todos os sábados, ao meio-dia, chova ou faça sol, os quatro vão ao Parque Lapner, levando dois tabuleiros de xadrez bem usados, e jogam várias partidas. Nenhum chegou a admitir isso, mas todos concordariam que a tarde de sábado em volta do tabuleiro de xadrez é o ponto alto da semana para eles. Algumas vezes um estranho se aproxima e desafia um membro da grupo para um jogo, e o desafio é sempre aceito. Mas os recém-chegados raramente duram mais de um mês, enquanto Walter, Ezra, Rube e Chester têm cadeira cativa no parque aos sábados.

Os quatro amigos conversam durante o jogo, mas os assuntos são em geral limitados. Falam quase sempre de seu principal interesse comum: aberturas de campeonatos de xadrez, as grandes partidas de que se lembram, as estratégias dos mestres. Walter e sua esposa convidaram Ezra e Maggie para jantar vários anos antes de Maggie morrer de câncer. Mas não tinham quase nenhum outro assunto além do xadrez. Desde então os dois homens só se encontram no parque. Eles não conhecem a esposa de Rube nem foram à sua casa. E nenhum dos três sabe onde Chester, que é solteiro, mora.

Em certas ocasiões, os quatro amigos discutem suas carreiras (dois deles são aposentados, os outros quase aposentados), gabam-se de seus filhos e netos, ou discutem política. Tudo acaba, porém, numa volta ao xadrez. Se não tivessem esse jogo em comum, provavelmente nem se teriam conhecido ou, tendo-se encontrado, não teriam ficado amigos. Depois de todos esses anos, Walter, Ezra, Rube e Chester talvez admitam

que fariam qualquer coisa uns pelos outros. Mas oferecem pouco e exigem menos ainda uns dos outros. Apenas jogam xadrez.

O amor-amizade, *friendship*, é um relacionamento de admiração mútua, de dar e receber, baseado num interesse comum. Lewis escreve: "A amizade deve ter uma base, mesmo que seja apenas um entusiasmo por dominós ou ratinhos brancos. Os que nada têm, nada podem compartilhar; os que não vão a lugar algum, não podem ter companheiros de viagem"². *Friendship* é geralmente menos egocêntrico do que *love*. Mas, se um dos membros quer demais e dá muito pouco, a amizade pode encontrar tropeços. A amizade é também menos intensa emocionalmente do que *love*.

Ao contrastar os dois, Lewis diz: "Os amantes estão sempre falando um ao outro sobre o seu amor, os amigos dificilmente discutem a sua amizade. Os amantes ficam geralmente face a face, mutuamente absorvidos; os amigos, lado a lado, absorvidos em algum interesse comum. Acima de tudo, *friendship* (enquanto dura) é necessariamente entre duas pessoas apenas. Mas dois, longe de ser o número necessário para a amizade, não é sequer o melhor"³.

Os amigos cuidam um do outro quando há necessidade, mas não é por isso que os amigos são amigos. Eles se unem para uma tarefa, idéia, atividade, causa, crença ou experiência comum. Satisfazer necessidades especiais ou atender a emergências uns dos outros são consideradas quase como interrupções do verdadeiro propósito da amizade. Walter disse a Ezra depois do enterro de Maggie: "Você está planejando ir ao parque no próximo sábado?".

Se o interesse comum entre os amigos deixa de existir, um nível mais elevado de amor deve entrar em atividade para manter juntos os amigos. Por exemplo, quando Walter teve um leve derrame, Rube e Chester lamentaram por ele, mas não foram visitá-lo. Estavam mais preocupados em achar alguém que ocupasse o lugar dele nos torneios semanais de xadrez no parque. Ezra, porém, visitou Walter no hospital.

Quando Walter voltou para casa, Ezra foi vê-lo duas ou três vezes por semana, Walter não podia mais jogar xadrez com o amigo.

De fato, não podia sequer falar sobre xadrez, pois perdera completamente a voz. Todavia, sua esposa contou a Ezra que Walter sempre parecia mais alerta quando o velho amigo se sentava ao lado da cadeira de rodas e conversava sobre xadrez e política. Ezra não recebeu virtualmente nada de Walter em troca, mas continuou a visitá-lo. O amor de Ezra pelo amigo chegara a um novo nível: um amor abnegado que não exige recompensa alguma.

ÁGAPE: AMOR INCONDICIONAL

Ágape é uma espécie de amor que é de Deus e vem de Deus. É o amor que dá sem exigir retorno. É o amor que considera a saúde, a felicidade e o aprimoramento dos outros tão importantes quanto os seus. É o amor dedicado a prover e proteger, a contribuir para a pureza do indivíduo. Acrescentado a *[[[[[[*], ágape pode transformar o romance em um casamento dinâmico, satisfatório. Acrescentado a *[[[[[[[[[[*], ágape pode transformar uma amizade comum em um laço cordial e significativo de serviço desprendido.

C. S. Lewis chama ágape de "dom do amor". Ágape é o amor de Deus que, não precisando de nada, "cria pelo amor criaturas inteiramente supérfluas, a fim de que possa amá-las e aperfeiçoa-las"⁴. O dom do amor de Deus foi supremamente demonstrado na entrega de Seu Filho para a nossa redenção. João escreveu: "Nisto consiste o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou, e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados" (I João 4:10).

O dom do amor pode ser praticado pela criação humana de Deus de pelo menos duas formas. A primeira é a nossa tentativa de amar generosa e abnegadamente. Lewis chama isso de dom do amor *humano*. Em nossa natureza, foi embutida uma porção limitada de ágape. É possível

observar muitos cristãos, assim como não-cristãos, dando de si mesmos e dos seus bens abnegadamente para ajudar os outros.

Todavia, o dom do amor humano, embora claramente generoso e centrado nos outros, é sempre qualificado. Deixados por nossa própria conta, somos incapazes de amar como Deus ama. Amamos aos que achamos de alguma forma dignos de amor. Amamos aos que são gratos e merecedores ou àqueles cujas necessidades nos comovem. No amor ágape humano, podemos amar da melhor maneira humana possível, muito mais nobremente do que o egocentrismo de *□□□□* ou o "toma-lá-dá-cá de *□□□□□□*. As visitas de Ezra a Walter, depois do derrame, demonstraram um amor mais elevado do que a amizade dedicada em torno do tabuleiro de xadrez. Mas o amor humano mais abnegado possível ainda fica muito longe da expressão divina do ágape.

A melhor prática do ágape é o que Lewis chama de dom do amor divino, que é o amor de Deus – na verdade, o Deus do amor que habita em nós – operando em nós e através de nós para proteger e prover a outrem. Só o amor de Deus pode permitir que amemos a alguém e a todos incondicionalmente, ou, como diz Lewis, "amar quem não é naturalmente digno de amor; leprosos, criminosos, inimigos, mal-humorados, altivos e escamecedores"⁵. Cristo nos chamou para esse nível de amor quando disse: "Amai os vossos inimigos" (Mat. 5:44); "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mat. 22:39); "Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei" (João 15:12).

Paulo estava falando do ágape divino quando ensinou: "Todos os vossos atos sejam feitos com amor" (1 Cor. 16:14); "Andai em amor, como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós" (Efés. 5:2). Pedro repetiu a ordem: "Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros" (1 Ped. 4:8). João fez o mesmo: "Amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus [...] Se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros" (1 João 4:7,11).

Se você pensa que o dom do amor divino que os cristãos devem praticar é um amor do tipo "capacho do mundo", bajulador, mascateado em alguns círculos hoje, considere as seguintes implicações de ágape.

Primeiro, *o amor envolve disciplina*. Deus é o Pai amoroso perfeito, todavia, "o Senhor corrige a quem ama, e açoita a todo filho a quem recebe" (Heb. 12:6). Provérbios 13.24 declara: "O que retém a vara aborrece a seu filho, mas o que o ama, cedo o disciplina". O amor não se mostra brando com os malfeitores, deixando de corrigir os erros. O amor confronta os que se desviam – um filho desobediente, um empregado preguiçoso, um membro de igreja envolvido em pecado evidente, um chefe desonesto – porque este tipo de amor irá na verdade protegê-los das penosas conseqüências de sua atitude eirada. O amar aceita o ofensor, mas rejeita firmemente a ofensa. Por exemplo, o amor por um amigo ou parente viciado pode fazer com que você o conduza a um tratamento, ainda que seja contra os próprios desejos dessa pessoa.

Segundo, *o amor pode ser duro*. Jesus, a personificação do amor de Deus, demonstrou ira contra os seus inimigos (Mar. 3:5), atacou verbalmente os hipócritas (Mat. 23) e expulsou fisicamente do templo os mercadores cobiçosos (João 2). O amor pelo seu chefe pode exigir que você, ao confrontá-lo por causa de um negócio escuso, arrisque o seu emprego. O amor pode requerer que você discuta com uma autoridade civil ímpia que esteja desviando a comunidade do caminho moral. O amor divino é paciente e bondoso, mas pode ser tudo, menos fraco e subserviente. Ele pode ser duro quando necessário, a fim de proteger uma pessoa e provê-la de algo.

Terceiro, *o amor pode falhar*. A tradução adequada de **1 Coríntios 13:8** não é "O amor nunca falha" mas "O amor jamais acaba". A triste verdade é que nem todos serão conquistados pelo amor. Deus amou Adão e Eva plena e perfeitamente no Jardim do Éden, mas o Seu amor não evitou que eles preferissem o pecado. O amor de Deus pelo incrédulo jamais acaba, mas falha, como evidenciado pela realidade do inferno e dos muitos que escolheram passar ali a eternidade. O amor de

Deus, porém é eterno porque Ele é eterno. Ele continua a demonstrar o Seu amor ao mundo embora alguns venham a rejeitá-Lo.

Devemos praticar o ágape divino com a compreensão de que os nossos esforços podem não fazer diferença alguma naqueles a quem amamos. Em outras palavras, você pode gastar tempo, energia e meios para proteger e sustentar alguém, descobrindo finalmente que essa pessoa não está interessada em você, na sua provisão ou na sua proteção. Todavia, o velho adágio aplica-se bem ao ágape divino: É melhor ter amado e perdido do que nunca ter amado. Até Deus amou e perdeu um terço dos Seus anjos (Apoc. 12:4). Jesus amou e perdeu um de Seus apóstolos (João 17:12). Ele amou o mundo inteiro (João 3:16), mas muitos se perderão (Mat. 7:13,14).

Além do mais, o amor não é uma opção para os cristãos. O amor não é só um absoluto moral (todos esperam ser amados e, portanto, devem amar outros), é também um imperativo bíblico em dois níveis vitais, como iremos examinar a seguir.

PERGUNTAS DIFÍCEIS E RESPOSTAS DIRETAS SOBRE OS TIPOS DE AMOR

É errado para os cristãos "apaixonar-se"? Nosso namoro e relacionamento no casamento devem ser baseados apenas no amor ágape?

Se todo □□□□ fosse um mal, teríamos de apagar os Cantares de Salomão da Bíblia. A atração física e os desejos sexuais entre o homem e a mulher são naturais e normais, fazendo parte do plano de Deus.

O poema de Salomão enaltece os prazeres eróticos no contexto do casamento. A história de amor entre Jacó e Raquel também descreve □□□ □ sob uma luz positiva, até mesmo numa cultura em que os casamentos eram geralmente arranjados pelos pais: "Raquel era formosa de porte e de semblante. Jacó amava à Raquel [...] Assim, por amor a Raquel, serviu Jacó sete anos; e estes lhe pareceram como poucos dias, pelo muito que a amava" (Gên. 29:17, 18, 20).

Provérbios 5:18,19 encoraja: "Alegra-te com a mulher da tua mocidade [...] Saciem-te os seus seio; em todo o tempo; e embriaga-te sempre com as suas carícias". Paulo escreveu: "A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e, sim, o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e, sim, a mulher" (1 Cor. 7:4). O escritor de Hebreus declarou: "Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula" (Heb. 13:4).

Fica evidente pela Escritura que apaixonar-se, amar e ter prazer na dimensão erótica e sensual do amor no casamento são dons de Deus.

Como acontece com todos os dons de Deus pala nós, o problema com $\square\square\square\square$ entre os cristãos é o uso errado. A atração física e o desejo sexual devem ser mantidos dentro dos limites estabelecidos por Deus. Por exemplo, um rapaz e uma moça solteiros podem ser atraídos um para o outro por $\square\square\square\square$, mas a atividade sexual deles deve ficar reservada para o casamento. Para os casados, $\square\square\square\square$ oferece a chama, a excitação, a recreação e a diversão para os problemas e tédio da vida. Mas a atração por alguém ou o desejo por uma pessoa que não seja o nosso cônjuge devem ser absolutamente rejeitados. A atividade sexual extraconjugal é pecado (1 Tess. 4:3-8).

Além disso, a atração física e o desejo sexual são uma base insuficiente para um relacionamento duradouro, saudável, entre um homem e uma mulher. $\square\square\square\square$ pode servir muito bem para reunir duas pessoas, mas jamais foi destinado a mantê-las juntas. A atração sexual pode diminuir com o tempo e a função sexual pode cessar por causa de uma doença ou acidente. O casamento que depende dos sentimentos eróticos e do sexo está fadado a fracassar. O relacionamento deve crescer e incluir a amizade e o ágape altruísta para ser bem-sucedido como um casamento cristão.

Onde os cristãos devem colocar limites nos relacionamentos de amar com os não-cristãos?

Com relação ao ágape, as Escrituras nos dão amplo terreno no qual trabalhar. Paulo disse: "A ninguém fiqueis devendo coisa alguma, exceto o amor com que vos ameis uns aos outros; pois quem ama ao próximo, tem cumprido a lei" (Rom. 13:8) e "Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos" (Gál. 6:10). Em termos gerais, devemos considerar a saúde, a felicidade e o aprimoramento de todos com quem nos relacionamos tão importantes para nós como se fossem nossos. Em termos práticos, o dia não tem horas suficientes para amar a todos os que nos rodeiam e necessitam de saúde, felicidade e aprimoramento. Essa é a razão de Paulo dizer "enquanto tivermos oportunidade". Existem prioridades bíblicas a serem consideradas quando se trata de prover e proteger os outros de algo. Vamos considerar essas prioridades nos capítulos seguintes.

Com respeito à amizade ou *friendship*, muitos cristãos acreditam que não devemos fazer bons amigos entre os incrédulos. Eles citam **Tiago 4:4**: "Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo, constitui-se inimigo de Deus". Mas esse versículo trata da amizade com o sistema de fé e comportamento do mundo, e não de relacionar-se com as pessoas do mundo. Jesus passou muito tempo na companhia de incrédulos, a ponto de ser acusado de amigo de pecadores (Luc. 15:2). Foi a Sua abertura e busca de "pecadores" como Zaqueu que exemplificaram a Sua missão de "buscar e salvar o perdido" (Luc. 19:10).

As palavras de Jesus introduzem um termo-chave sobre qualquer amizade que possamos ter com os incrédulos: *influência*. Se você puder envolver-se numa amizade desse tipo e continuar mantendo uma influência positiva para Cristo, a relação pode ser certa. Todavia, se você estiver sendo influenciado negativamente por essa amizade e sua fé e seu testemunho cristão forem comprometidos, a amizade é provavelmente prejudicial. Em outras palavras, se os membros do seu time de futebol o estiverem influenciando para o mundanismo, mais do que você os está influenciando para Cristo, é preciso procurar outro divertimento. Mas, se você entrar no time para distrair-se e compartilhar Cristo por meio da sua vida e das suas

palavras, sabendo controlar a direção da influência, a sua amizade corresponde à amizade de Cristo com os *pecadores* da Sua época.

Com respeito a e aos incrédulos, as Escrituras são claras: "Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto, que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? ou que comunhão da luz com as trevas?" (2 Cor. 6:14). Para os cristãos solteiros, uma atração por incrédulos é uma tentação que pode levar a uma união desigual. Você talvez argumente: "Mas, se sair com ele, posso levá-lo a Cristo. Se não fizer isso, ele talvez nunca venha a ouvir falar de Cristo." Não se engane. Se estiver emocionalmente envolvida, fará melhor orando pela salvação dele do que se arriscando numa relação íntima em que terá de fazer concessões.

Para os cristãos casados, uma atração forte por um vizinho, colega ou estranho incrédulo deve ser considerada um grave perigo potencial para a santidade do seu casamento. Firme-se no poder de Cristo para vencer todos os pensamentos e sentimentos tentadores. Evite encontrar-se com essa pessoa ou tecer fantasias a respeito dela. Se necessário, admita a atração para o seu cônjuge, um amigo ou um conselheiro que possa orar com você e fazer com que preste contas a respeito disso.

O IMPERATIVO DO AMOR

Há vários anos, eu (Josh) passei um verão ensinando em Arrowhead Springs, antiga sede da cruzada Estudantil no sopé das Montanhas San Bernardino, sul da Califórnia. Durante aquele verão, minha família e eu ficamos em Blue Jay, cidadezinha pitoresca junto ao bellissimo lago Arrowhead nas montanhas. Todos os dias eu viajava então duas vezes para Springs: uma de manhã e outra depois do almoço.

O vale San Bernardino é quente durante o verão, com temperaturas passando freqüentemente dos 40 graus. Durante minhas viagens, subindo e descendo a montanha, eu via muitos carros parados na estrada sinuosa para o pico, com os capôs levantados, vomitando vapor dos radiadores.

Logo ficou evidente para mim que meu ministério para Deus em Springs não teria muito sentido se eu não fizesse algo para ajudar os pobres motoristas desamparados. Toda minha conversa sobre amar a Deus seria inútil se eu não demonstrasse amor por aquelas pessoas necessitadas.

Fiz então um plano. Comprei quatro botijões bem grandes, enchi de água e guardei-os em meu porta-malas. Sempre que encontrava um carro superaquecido no caminho, parava e oferecia água para encher o radiador. As pessoas ficavam contentíssimas com o oferecimento e muito gratas pela ajuda. Uma vez cheio o radiador, eu oferecia um exemplar do meu livro *Mais Que um Carpinteiro* e conversava com o motorista sobre Cristo. Aquele foi um dos ministérios de verão mais compensadores que já tive.

O amor é um imperativo absolutamente obrigatório para o cristão. Deus é amor e os nascidos de Deus devem expressar o Seu amor. Jesus disse: "Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros" (João 13:35). O amor caminha sempre em duas direções. Quando você ama as pessoas em nome de Cristo, está também amando a Deus. Jesus ensinou que, quando ministramos a alguém necessitado de amor e cuidados, estamos ministrando à Ele (Mat. 25.34-40).

Quando você ama a Deus, ama também às pessoas. Do mesmo modo que acontece com a fé e as obras, essas duas coisas são virtualmente inseparáveis. Tiago disse: "Assim também a fé, se não tiver obras, por si só está morta" (Tia. 2:17). João também escreveu: "Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê" (1 João 4:20). Não é possível fugir: Temos a obrigação de amar. Quem não amar tanto a Deus como às pessoas não pode usar o nome de Cristo.

O AMOR EM DOIS NÍVEIS

O amor é uma ordem indiscutível para o cristão, mas deve ser exercido em dois níveis diferentes: amor a Deus e amor às pessoas. É importante compreender que esses dois amores não são iguais. Jesus diferenciou entre eles em resposta à pergunta "Qual é o maior mandamento?". Ele respondeu: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento, o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas" (Mat. 22:37-40).

Nosso dever moral está resumido nesses dois mandamentos entrelaçados, que seguem em duas direções. Verticalmente, devemos amar a Deus de todo o nosso ser. Horizontalmente, devemos amar aos outros como amamos a nós mesmos. Os Dez Mandamentos em Êxodo 20 estão organizados nas duas direções do amor.

É comum afirmar que os quatro primeiros mandamentos expressam os limites de nosso amor vertical a Deus:

- Não terás outros deuses diante de mim.
- Não farás para ti imagem de escultura.
- Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão.
- Lembra-te do dia de sábado, para o santificar.

Assim sendo, os seis mandamentos seguintes expressam os limites de nosso amor horizontal pelos outros:

- Honra a teu pai e a tua mãe.
- Não matarás.
- Não adulterarás.
- Não furtarás.
- Não dirás falso testemunho.
- Não cobiçarás.

Os Dez Mandamentos descrevem em mais detalhes o que os dois grandes mandamentos de Jesus resumem. O amor por Deus implica obediência aos quatro primeiros mandamentos. O amor pelas pessoas implica obediência aos últimos seis mandamentos.

Note que o primeiro dos dois grandes mandamentos de Cristo tem prioridade sobre o segundo. Devemos amar a Deus de todo o nosso coração, alma e mente – tudo o que somos. Devemos amar aos outros como amamos a nós mesmos. Está vendo a diferença? Não devemos amar às pessoas como amamos a Deus. Isso seria blasfêmia. Nem devemos amar a Deus como amamos às pessoas. Deus deve ser amado *supremamente*; as pessoas devem ser amadas de maneira *finita*. Deus é absoluto, supremo e infinito e, como tal, Ele exige o amor supremo. As pessoas são apenas criaturas finitas, feitas à imagem do Deus infinito, e o nosso amor por elas é limitado. Isto não significa que o nosso amor não deva ser completo ou de alta qualidade (veja João 13:34), mas é limitado. No céu, nossa necessidade de saúde, felicidade e crescimento será completamente satisfeita na presença de Cristo. Não teremos necessidade da proteção e provisão de outros, porque Cristo será tudo do que precisamos, continuaremos, porém, gozando amor e comunhão uns com os outros.

O amor imperativo do cristão é, portanto, claramente segmentado. Temos dois objetos de amor, e cada um deve ser amado de modo diferente. Amar a Deus – desejar o bem dEle – significa reconhecer Seu valor final e supremo em tudo o que pensamos, dizemos e fazemos. É por isso que a Escritura nos convoca a adorar a Deus (adorar era originalmente reconhecer o valor). Mas pessoa alguma deve ser o objeto da nossa adoração como Deus é. Isso representa idolatria. Amar às pessoas – desejar o bem delas – significa reconhecer nelas valor como seres criados à imagem de Deus e tratá-las de acordo com isso. Os dois níveis de amor são distintos e diferentes.

Como iremos então comunicar-nos com o mundo que Deus criou para o nosso uso? Deus nos deu animais, plantas e minerais para sustentar a vida e para usar no serviço a Ele e aos outros. Deus criou o Universo e afirmou que era "bom" (Gên. 1:31). O mundo de Deus deve ser admirado, gozado, apreciado, protegido e utilizado para o nosso prazer e para a Sua glória. Dizemos que apreciamos um pico de

montanha coroadado de neve, um pôr-do-sol radiante, um falcão voando, uma catedral majestosa, um gatinho brincalhão. Mas o universo material não deve ser amado da mesma maneira que amamos a Deus ou às pessoas. Se gostarmos de alguma coisa – uma casa, um veículo, uma obra de arte, uma conta bancária, um animal, uma carreira, um jardim, etc. – mais do que gostamos de Deus, estamos fazendo mau uso da criação divina; estamos amando as coisas de modo contrário à intenção do Senhor. Deus deve ser amado supremamente, as pessoas finitamente, e a criação dEle deve ser mantida e protegida para servir a Ele e aos outros. Essa é a ética do amor cristão em termos concisos.

QUANDO O AMOR ENTRA EM CONFLITO

Temos, porém, um problema, como já vimos, o amor a Deus e às pessoas é diferente. O que devemos fazer quando esses dois níveis de amor estão em conflito? Quando o nosso amor por Deus, a quem temos ordem para amar, aparentemente exige que deixemos de amar alguém a quem também nos foi ordenado amar, qual a nossa reação? E quando um membro da família ou amigo exige que deixemos de amar a Deus, o que devemos fazer?

Eu (Norm) enfrentei esse conflito em larga escala quando adolescente. Meus pais eram contrários ao cristianismo por causa da hipocrisia que observavam na igreja. Quando anunciei que me tornara cristão, houve forte oposição da parte deles. Esperando colocar um final rápido no fanatismo religioso que percebia em mim, minha mãe ameaçou matar-me se não abandonasse a minha fé. Tive de enfrentar um dilema: Deveria obedecer a meus pais e virar as costas para Deus? Ou colocaria Deus em primeiro lugar e desobedeceria a meus pais? Com a ajuda de Deus, decidi obedecer-Lhe. Minha mãe não cumpriu evidentemente a sua ameaça. Mas fui ridicularizado e criticado por meus pais até que, depois de vários anos de amor e oração, tive o privilégio de ver ambos entregar-se a Cristo como o Salvador deles. A Palavra de Deus é

verdadeira: "Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas" (Mat. 6:33).

Alguns tentaram evitar o conflito, afirmando que todo amor por Deus deve ser expresso por meio das pessoas. Eles dizem que cumprimos plenamente nossa obrigação de amar a Deus quando amamos aos outros. Dois trechos da Escritura são citados para apoiar essa posição. Primeiro, Jesus disse: "Sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes" (Mat. 25:40). Segundo, João declarou que não podemos amar a Deus se não amarmos as pessoas (1 João 4:20). "Não há conflito", declaram tais indivíduos, "porque a Bíblia diz claramente que o amor pelas pessoas constitui amor por Deus".

O que quer que esses versículos impliquem, eles não ensinam que o único meio de amar a Deus é por meio de seres humanos. Esses versos declaram duas coisas. Primeiro, não podemos amar verdadeiramente a Deus a menos que amemos também às pessoas. Segundo, *um meio* de amar a Deus é amando às pessoas. Em lugar algum as Escrituras ensinam que o amor a Deus pode ser expresso apenas amando aos outros.

Como podemos amar a Deus separadamente do amor às pessoas? C. S. Lewis afirma que grande parcela de nosso amor por Deus é o que ele chama de *amor-necessidade*: como a criancinha indefesa que procura a mãe por simples necessidade de consolo e segurança. Amamos a Deus porque dependemos absolutamente dEle. Lewis escreve: "Todo o nosso ser é uma vasta necessidade pela sua própria natureza; incompleto, preparatório, vazio, todavia abarrotado, clamando por Aquele que pode desamararrar as coisas que estão agora amarradas e amarrar as que ainda estão soltas"¹.

Nós nos voltamos para Deus por ficarmos indefesos sem o Seu perdão, apoio, sabedoria e consolação.

Podemos igualmente expressar *amor-doação* a Deus separadamente do nosso amor pelos outros. Sabemos que não é possível dar a Deus coisa alguma que já não seja Sua. "Mas, desde que se torna mais do que evidente que podemos privar de Deus nós mesmos, nossas vontades e

coração, podemos também, nesse mesmo sentido, dá-los"², contende Lewis. Amamos a Deus quando oferecemos a Ele, em espírito de oração, nossas habilidades e nosso dia logo pela manhã. Amamos a Deus quando cantamos Seus louvores na igreja ou no santuário do nosso coração. Amamos a Deus sempre que desligamos a TV para ler a Bíblia ou orar. Amamos a Deus quando usamos nossos últimos momentos acordados para agradecer a Ele pela Sua proteção e provisão durante o dia. Nessas expressões muito pessoais e geralmente particulares, demonstramos nosso amor por Deus diretamente e não através dos outros.

Algumas vezes o amor por Deus, por ser básico, deve ter precedência sobre o amor pelos outros. Consideremos Abraão, por exemplo, a quem Deus disse: "Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e [...] oferece-o ali em holocausto" (Gên. 22.:2). Abraão amava profundamente Isaque. Era o filho que Deus lhe dera milagrosamente na sua velhice. Mas Abraão amava a Deus acima de tudo e teria sacrificado o filho, se Deus, satisfeito com a sua demonstração de obediência, não tivesse interferido no último momento.

Jesus disse: "Se alguém vem a mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo" (Luc. 14:26). Jesus não nos ensina a odiar os membros da família nesta passagem. Ele está empregando uma hipérbole para contrastar os dois grandes amores. Nosso amor por Deus deve ser tão maior que o nosso amor por qualquer ser humano – inclusive nossos entes mais queridos – que o amor pelas pessoas parecerá ódio comparado ao nosso amor a Deus. Devemos amar a Deus de todo o coração, alma, mente e forças. Seria um insulto a Deus amá-lo tanto quanto amamos a nós mesmos, que é como devemos amar aos outros. Jesus disse: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me" (Mat. 16:24). Deus deve ser mais amado do que quem quer que seja, inclusive cônjuge, filhos, pais, amigos queridos e nossa própria pessoa.

Os dois níveis de amor nem sempre estão em harmonia. Muitas vezes há certa tensão entre ambos. Por exemplo, os filhos são instruídos:

"Obedecei a vossos pais no Senhor"(Efés. 6:1). Mas o que acontece quando um pai manda um jovem cristão abandonar a sua fé, maldizer a Deus ou pecar contra Deus de alguma forma? O filho deve evidentemente desobedecer ao pai. A obediência aos pais é qualificada na frase *no Senhor*, isto é, só quando as instruções do pai não contrariam os mandamentos de Deus. Nessas situações, o amor pelo pai, a quem o filho está desobedecendo para obedecer a Deus, pode parecer ódio aos olhos do pai.

O filho deve ter, no entanto, certeza de que a questão que provocou a desobediência é uma violação clara dos mandamentos bíblicos. Por exemplo, digamos que Jeniffer, uma adolescente cristã, está proibida pelos pais incrédulos de namorar Clint, um rapaz da sua igreja. A ordem pode ser difícil para Jeniffer, mas não viola nenhum dos mandamentos de Deus. Ela deve então obedecer aos pais. Eles podem até proibi-la de freqüentar a igreja. Essa é uma ordem difícil, porque Hebreus 10.25 afirma: "Não deixemos de congregar-nos [...] antes, façamos admoestações". Mas Jeniffer pode continuar encontrando-se com outros cristãos na escola, nas festas e em outros lugares para encorajamento mútuo sem comparecer aos cultos da igreja.

Por outro lado, se os pais de Jeniffer mandarem que ela diga a uma visita que eles não estão em casa quando na verdade estão, que falsifique informações num formulário da escola para obter mais ajuda financeira, ou que participe com eles de uma sessão espírita com alguns dos amigos deles da Nova Era, Jeniffer tem base bíblica para não obedecer.

O mesmo conflito entre os dois níveis de amor pode ser encontrado em nossa relação com as autoridades. O Novo Testamento adverte enfaticamente os crentes da necessidade de expressar amor pelos líderes nacionais, estaduais e locais, submetendo-se à sua autoridade. Pedro escreve: "Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor"(1 Ped. 2:13). Paulo acrescenta: "Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores [...] De modo que aquele que se opõe à autoridade, resiste à ordenação de Deus" (Rom 13:1,2). Submissão inclui claramente

obediência, como visto no uso intercambiável das palavras *submeter-se* e *obedecer* na referência ao nosso relacionamento com as autoridades. Paulo escreveu a Tito: "Lembra-lhes que se sujeitem aos que governam, às autoridades; sejam obedientes, estejam prontos para toda boa obra" (Tito 3:1).

Todavia, há ocasiões em que a lealdade e obediência às autoridades entram em conflito com o amor supremo e a fidelidade do cristão a Deus, os apóstolos acharam necessário desobedecer às autoridades judaicas e declararam: "Antes importa obedecer a Deus do que aos homens" (At. 5:29). Eles estavam seguindo os passos dos crentes do Antigo Testamento que desobedeceram ao governo humano com a aprovação de Deus. As parteiras hebréias recusaram-se a cumprir a ordem do Faraó para matar todos os meninos que ajudassem a nascer (Êxo. 1). Daniel desobedeceu ao decreto do rei Dario sobre as orações particulares (Dan. 6), e seus três companheiros Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, desafiaram a ordem de Nabucodonosor para adorar uma estátua de ouro (Dan. 3). Em cada caso, o amor a Deus transcendeu a ordem de obedecer às autoridades humanas.

Embora discordemos, às vezes, dos nossos líderes nacionais, os que vivem em países livres ou democráticos podem dar graças por serem raramente pressionados a escolher entre o amor ao país e o amor a Deus. Os cristãos em países onde a fé é reprimida e os valores judaico-cristãos são desprezados não têm tanta sorte. Todavia, apesar da nossa obediência amorosa e respeitosa às autoridades civis, talvez encontremos situações em que não possamos obedecer a Deus e ao governo. Nestas situações devemos estar preparados para amar e obedecer a Deus em vez de ao governo.

Existem outros campos de batalha em que o amor a Deus e o amor às pessoas podem entrar em conflito. Uma esposa cristã talvez tenha um marido hostil que lhe diga: "Não agüento mais essa história de igreja em que você entrou. Tome a sua decisão: ou Jesus ou eu". Um chefe corrupto pode pressionar um empregado cristão a usar desonestamente

os fundos da empresa, mentir aos clientes, ou transigir quanto aos padrões de segurança. Um membro da diretoria da igreja que precisa confrontar um líder cristão imoral provavelmente perderá o emprego quando o ministério do líder acusado se dispersar.

Toda vez que dois grandes amores entrarem em conflito, o amor por Deus sempre deve preceder o amor pelas pessoas. Mas, mesmo quando fazemos as escolhas certas, podem ocorrer resultados negativos. A Escritura e a história da igreja estão repletas de relatos sobre indivíduos que tiveram de pagar caro pela sua obediência cheia de amor a Deus. O autor de Hebreus informa: "Outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões. Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos ao fio da espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados" (Heb. 11:36,37). Inúmeros cristãos do primeiro século foram jogados aos leões por amarem mais a Deus do que ao imperador romano.

Você provavelmente não enfrentará uma decisão de amor com conseqüências de vida ou morte. O seu amor por Deus, porém, pode custar-lhe o emprego quando rejeitar a ordem de seu chefe para mentir. Você pode ser temporária ou permanentemente desprezado por um amigo, pai, filho ou até cônjuge por escolher o amor maior. Tais escolhas não são fáceis nem agradáveis. Nessas decisões difíceis e suas penosas conseqüências, devemos apegar-nos à promessa de Deus – de que "todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Rom, 8:28).

O amor é absoluto, mas nem sempre é simples. Não enfrentamos geralmente conflitos leais entre amar a Deus e amar as pessoas. Mas o pecado muitas vezes confunde as coisas. Algumas pessoas a quem devemos submeter-nos ultrapassam os domínios apontados por Deus e precipitam o conflito para outros, ao desempenhar, com efeito, o papel de Deus. Sempre que um pai, autoridade política, empregador ou cônjuge assume poder soberano e exige fidelidade máxima, surge "a

tensão entre os dois níveis de amor. Em tais opções forçadas, o cristão deve fazer a sua escolha. Como Deus tem mais valor do que qualquer pessoa, nosso amor por Ele deve tomar a precedência sobre o amor por quem quer que esteja disputando a Sua autoridade final.

SUJEITANDO-SE A UMA AUTORIDADE SUPERIOR

Quando devemos fazer uma escolha entre amar a Deus ou aos outros, não se deve considerar isso uma quebra do mandamento para obedecer aos outros. Por exemplo, quando Jeniffer diz aos pais que não vai mentir no formulário de ajuda financeira como eles querem, não está realmente quebrando o quinto mandamento. Pelo contrário está suspendendo e transcendendo a lei inferior da obediência para obedecer à superior. Jeniffer não está dizendo com a sua atitude que a ordem "honrar pai e mãe" não se aplica a ela, mas está fazendo uma exceção em vista da sua responsabilidade de amar num nível mais alto.

O mesmo acontece quando um avião a jato decola, fazendo as leis da aerodinâmica e da gravidade entrar em conflito. Ao decolar, o avião não quebra a lei da gravidade, apenas a reprime por algum tempo. A gravidade continua em efeito e funcionará novamente quando o avião começar a desacelerar. Da mesma forma, Jeniffer tem o compromisso de amar a seus pais em todas as áreas em que as exigências deles não entrem em conflito com os mandamentos de Deus.

Deus graduou Suas leis morais, de modo que algumas são superiores a outras. Jesus falou dos "preceitos mais importantes da lei" (Mat. 23:23). Paulo identificou o amor como a "maior" virtude (1 Cor. 13:13). E Jesus falou do "grande mandamento" (Mat. 22:36). Com efeito, há uma pirâmide de valores: Deus no alto, a seguir as pessoas e finalmente as coisas no nível mais baixo. Devemos amar a Deus mais do que às pessoas, e às pessoas mais do que às coisas. Quando dois níveis tiverem de entrar inevitavelmente em conflito, devemos sempre colocar

o superior acima do inferior. Deus incluiu esses sinais em Sua lei moral para ensinar-nos a agir num momento de conflito.

Amar a Deus mais do que às pessoas não significa necessariamente que amamos a Deus no lugar das pessoas. É verdade que o amor por Deus talvez exija a desobediência a uma autoridade intermediária, e esta ação pode parecer ódio em contraste. Todavia, tal posição pode ser a melhor maneira de expressarmos amor por aqueles cujas diretivas contrariem as de Deus. Amar significa dar amor ao pecador e não ceder aos seus desejos pecaminosos.

Amar significa desejar o melhor para alguém e não disposição para participar de seus planos ímpios. Algumas vezes, a melhor maneira de contribuir para o bem de uma pessoa é resistir ao mal que ela representa. A resignação passiva ao mal não é uma verdadeira expressão de amor por ninguém. Portanto, ao amar mais a Deus do que aos outros, estamos na verdade amando mais aos outros.

Se você for pai ou mãe, sabe que é loucura dar aos filhos tudo o que eles querem. Seus filhos pequenos podem pedir bolo e sorvete em todas as refeições, insistir em brincar com facas cortantes, ou recusar-se a usar cintos de segurança no carro. O seu amor não fica de maneira alguma diminuído se você negar todos esses pedidos e exigir – à força se necessário – que eles obedeçam aos seus desejos. Você busca o melhor para seus filhos, quer eles compreendam e aceitem isso ou não. Semelhantemente, em seu amor por Deus, você pode às vezes fazer algo aparentemente odioso aos outros, a fim de realmente amá-los. Amar mais a Deus ajuda-nos a amar melhor aos outros.

Os dois níveis de amor podem então entrar às vezes em conflito, mas nunca em contradição. A lei inferior pode estar subordinada à superior, mas nunca completamente dissociada dela. A mais alta expressão de amor pelos outros é desejar para eles o que Deus ordena que façam. O mandamento de Deus é o mesmo para eles e para você: que tomem o lugar deles sob a autoridade amorosa e soberana de Deus, em vez de usurpar o lugar de Deus na própria vida.

Quando nos voltamos para o mandamento de amar o próximo, um novo critério surge. Não devemos amar as pessoas como amamos a Deus. Pelo contrário, a medida definitiva da dimensão horizontal do amor está tão próxima e é tão pessoal quanto um indivíduo diante do espelho.

PERGUNTAS DIFÍCEIS E RESPOSTAS DIRETAS SOBRE O IMPERATIVO DO AMOR

É possível amar aos outros e mesmo assim defender seus próprios direitos?

Se alguém fizer mal a você de alguma maneira, a coisa mais amorosa que você pode fazer por essa pessoa é defender o que é justo. Amar não é o mesmo que deitar-se no chão e deixar que os outros pisem sobre você. Uma das maiores forças do amor é confrontar a erro e corrigi-lo.

Por exemplo, você entra em casa e descobre que ela foi roubada e praticamente destruída. Os ladrões são mais tarde presos, mas os bens roubados desapareceram há muito. Alguns cristãos bem-intencionados podem aconselhá-lo: "Perdoe e retire todas as queixas contra eles. Essa é a coisa amorosa a fazer". Essa atitude busca o melhor para os criminosos? Não seria melhor para eles sentirem o peso das conseqüências de seus atos? No seu desejo de expressar amor por esses indivíduos, você pode perdoá-los por terem saqueado a sua casa e, ao mesmo tempo, entrar com um processo contra eles. Pode mostrar amizade, visitá-los na cadeia e compartilhar Cristo com eles, embora se esforçando para que uma restituição exata seja exigida.

Durante anos eu (Josh) pensei que estava demonstrando amor ao resgatar da ruína financeira alguns queridos amigos de ministério. Essas

peças lançavam-se pela fé em um projeto e logo faliam por usar mal as contribuições da congregação. Na sua aflição, eles me procuravam para ajudá-los a sair da dificuldade. Comovido com o problema, eu lhes enviava dinheiro suficiente para evitar o colapso do ministério. Mas, dentro de alguns meses, eles estavam novamente em apuros, e eu os socorria outra vez. O ciclo continuou durante anos.

Compreendi finalmente que não estava fazendo nenhum favor aos meus amigos ao livrá-los de cada aperto financeiro. De fato, o meu resgate estava impedindo que eles aprendessem as difíceis mas necessárias lições da responsabilidade financeira. Fiz então uma das coisas mais desagradáveis em minha vida: deixei de socorrê-los. Continuo amando esses amigos e oro constantemente por eles. Mas não estou fazendo apenas a coisa amorosa, estou fazendo também a coisa certa.

AMANDO A PESSOA DIANTE DO ESPELHO

Jesus nos deu dois grandes mandamentos de amor que resumem nossa principal responsabilidade para com o criador e os semelhantes: amar a Deus e amar as pessoas. Amar a Deus é a lei superior; amar as pessoas é a lei inferior. As duas leis convivem geralmente em harmonia. Mas, quando entram em conflito, amar a Deus deve ter precedência sobre amar as pessoas.

Cada lei foi dada com um qualificador para ajudar-nos a saber *como* amar em cada nível. Jesus nos ordenou amar a Deus de todo o coração, alma e entendimento (Mat. 22:37). O amor por Deus, a lei superior, deve permear nossos pensamentos, motivos, escolhas, palavras, atos e reações. Quanto a amar aos outros, Jesus nos deu um padrão de

medida diferente, mas igualmente exato: "Amarás a teu próximo como a ti mesmo" (v. 39). As palavras de Paulo em Efésios 5.28 são paralelas ao mandamento de Jesus: "Os maridos devem amar as suas mulheres como à seus próprios corpos". Nosso amor pelos outros, que é o segundo grande mandamento de Jesus, deve ser equivalente ao nosso amor por nós mesmos.

"Espere um pouco!", alguém talvez interrompa. "Isso não é bíblico. Não devemos amar a nós mesmos. A Bíblia manda que neguemos a nós mesmos e tomemos a nossa cruz. Jesus disse que, se eu amar a minha vida, irei perdê-la. Devemos pôr Jesus em primeiro lugar, os outros em segundo e nós mesmos em último. O amor-próprio está ligado ao orgulho e à presunção, coisas que devemos evitar."

Pelo contrário, o amor-próprio é certo por três razões bíblicas pelo menos.

Primeiro, é certo amar a nós mesmos porque fomos feitos à imagem de Deus (Gên. 1:26). Também amamos aos outros por essa razão, especialmente certos indivíduos que não parecem dignos de amor por nenhum outro motivo. O feto não-nascido, a pessoa com lesões cerebrais, o assassino serial não-arrepentido ou o paciente de AIDS terminal talvez contribuam pouco ou nada para a sociedade. Mas nós os amamos porque são criação de Deus. Devemos amar a nós mesmos por essa mesma razão, até nos momentos desanimadores em que não nos consideramos dignos de amor.

Segundo, é certo amar a nós mesmos porque o amor-próprio é a base para amar aos outros. Se Jesus tivesse dito "Ame aos outros *em vez* de amar a si mesmo", poderíamos concluir que qualquer medida de amor-próprio é errada. Mas Ele nos mandou amar aos outros como amamos a nós mesmos. O amor-próprio não é ordenado, mas suposto, implicando que é básico demais para inclui-lo como uma instrução separada. É como se Jesus tivesse dito: "Você já ama a si mesmo e fazer isso é apropriado e bom. Agora ame aos outros da mesma forma".

Terceiro, é certo amar a nós mesmos porque Deus nos ama (1 João 4:10). Se não amarmos a nós mesmos, então não amamos o que Deus ama, e não é uma boa idéia contrariar a Deus.

A obrigação de amor mais básica do cristão é cuidar de si mesmo. Paulo compreendeu que o amor a si mesmo era determinado: "Ninguém jamais odiou a sua própria carne, antes a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja" (Efés. 5:29). Aqui estão novamente as palavras: *alimenta* e *cuida*, significando nutrir e apreciar, prover e proteger. É normal e necessário que os crentes se alimentem até amadurecerem mental, física, espiritual e socialmente, e se protejam dos elementos prejudiciais. Essa consideração amorosa por nós mesmos é o padrão para o nosso amor pelo próximo.

É difícil – se não impossível – amar aos outros sem amar a Si mesmo. Pense nisso num sentido puramente humano por um momento. Um guarda de segurança de um Shopping Center, muito gordo e fora de forma, recebe o chamado de que uma garota está sendo assaltada do outro lado da loja. O guarda corre o mais depressa possível para socorrê-la, mas o seu corpo não está acostumado a tal esforço. No meio do caminho, o guarda tem um ataque do coração e morre; a mocinha que poderia ter sido socorrida é espancada até a morte. A negligência desse homem por si próprio custou-lhe a vida e resultou na perda de outra vida. se tivesse cuidado melhor de si mesmo, poderia ter vivido para salvar a moça.

Do mesmo modo, o amor por si mesmo significa aprender a nadar, a fim de poder salvar a si e aos outros; quem não sabe nadar não pode ajudar ninguém no água. Amor-próprio significa – como o pessoal da aviação ensina antes de cada vôo – colocar a máscara de oxigênio antes de ajudar seu filho com a dele. Se você não colocar a máscara antes, pode desmaiar e deixar seu filho sem socorro. Amor próprio significa comer e exercitar-se adequadamente, a fim de prolongar a sua vida por causa de seus filhos, netos e bisnetos.

Amor próprio significa trabalhar diligentemente para sustentar a si mesmo e à sua família e contribuir para o trabalho de Deus. Amor-próprio significa investir tempo e esforço em seu crescimento espiritual, a fim de preparar-se para ministrar aos outros. Em cada área de amor e serviço, não podemos dar o que não temos. Só quando amamos e cuidamos de nós mesmos é que estamos preparados para amar e cuidar dos outros como Cristo nos ordenou.

Amor-próprio significa também proteger-nos mental, física, espiritual e socialmente dos elementos prejudiciais. As medidas comuns de segurança, tais como usar o cinto de segurança no carro, trancar as Portas à noite, manter alimentos e utensílios limpos e evitar a gula, são expressões de cuidado e respeito pelo nosso corpo. Protegemos amorosamente a nossa mente quando deixamos de lado material de leitura, programas de TV, vídeos, música e filmes pouco saudáveis. Protegemo-nos espiritualmente, enchendo nosso coração com a Escritura, prestando contas a outrem pelo nosso crescimento espiritual, e resistindo às tentativas de Satanás para impedir-nos de servir a Cristo. A cautela e a sabedoria nas áreas de autoproteção manifestam um amor-próprio saudável.

AMANDO ADEQUADAMENTE A SI MESMO

Como ilustrado pelas objeções anteriores, os cristãos às vezes rejeitam a idéia de amar a si mesmos devido à ênfase dada à autonegação na Escritura e às advertências contra o egoísmo. Jesus disse: "Se alguém vem a mim, e não aborrece [...] a sua própria vida, não pode ser meu discípulo" (Luc. 14:26). Paulo advertiu Timóteo contra os indivíduos "egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes" (2 Tim. 3:2). Paulo confessou a sua depravação humana: "Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum" (Rom. 7.18). Ao considerar essas e outras referências à negação de si mesmo, pode ser difícil para alguns ver o amor-próprio como parte da ética cristã.

Na verdade, essas instruções bíblicas não se opõem ao amor a si mesmo, mas a amar *demais* ou de *menos* a nós mesmos. Devemos negar

o egoísmo e a autodepreciação que ocasionalmente surgem em nós, mas não o "eu" que lhes dá origem. É o nosso pecado que deve ser negado e desprezado, e não o santo que às vezes é afligido por ele.

Paulo enfatizou o erro de amar demais ou de menos a nós mesmos em suas instruções sobre os dons espirituais em 1 Coríntios 12. O apóstolo nos informa que todos são dotados pelo Espírito para o ministério (v. 7) e que Deus nos deu as qualidades necessárias para sermos como Ele quer (v. 18). O apóstolo compara o Corpo de Cristo a um corpo humano e cada membro a uma parte do corpo: olho, ouvido, mão, pé, e assim por diante. A lição direta da passagem é que cada um deve aceitar as habilidades espirituais que Deus lhe deu e praticá-las em benefício do corpo. Esse é o amor-próprio adequado que leva ao amor efetivo do próximo.

A seguir, Paulo ilustrou a atitude errada de amar de menos a si mesmo: "Se disser o pé: Porque não sou mão, não sou do corpo; nem por isso deixa de ser do corpo. Se o ouvido disser: Porque não sou olho, não sou do corpo; nem por isso deixa de o ser" (vv. 15,16). Pessoas assim não amam suficientemente a si mesmas. Elas se queixam: "Não tenho muita responsabilidade. Não devo ficar em destaque. Não sou importante". Esses indivíduos terão dificuldade em obedecer ao mandamento de Cristo para amar o próximo, por estarem bloqueados por um complexo de inferioridade ou um falso sentimento de autonegação que os impede de amar a si mesmos.

Por exemplo, você ama de menos a si mesmo se

- seu marido a elogia por ter colocado bem o papel de parede, mas, em vez de agradecer, você mostra os defeitos no seu trabalho;
- uma balconista rouba alguns centavos no seu troco, mas você não a confronta porque não quer escândalo;
- você se envolve tanto no cuidado com a sua família e amigos que se esquece de separar algum tempo para si mesmo;

- você não emite opinião sobre um assunto importante porque acha que o seu parecer não fará diferença;
- você aceita responsabilidades demais na igreja e fica estressado no emprego porque se sente culpado cada vez que diz não.

Essa atitude de autodepreciação é contrastada com outra igualmente errada. Certas pessoas amam demais a si mesmas. Elas superestimam a sua importância para Deus e para outros. O orgulho e a auto-absorção irão prejudicá-las em seus esforços de cumprir o mandamento de Deus para amar aos outros. Paulo escreveu a respeito delas: "Não podem os olhos dizer à mão: Não precisamos de ti; nem ainda a cabeça, aos pés: Não preciso de vós" (v. 21).

Por exemplo, você provavelmente ama demais a si mesmo se

- não consegue deixar a TV para ajudar um vizinho aflito a procurar seu cachorro que fugiu;
- as coisas que você deseja fazer constantemente impedem que faça aquilo que deve fazer;
- o sucesso no trabalho ou as diversões são mais importantes para você do que as suas responsabilidades de cônjuge ou pai (mãe);
- você domina as discussões porque está convencido de que ninguém tem uma perspectiva mais esclarecida do que a sua sobre o assunto;
- você não cumpre seus compromissos em casa, no trabalho ou na igreja quando fica entediado ou recebe uma oferta melhor.

Pense em si mesmo como se fosse uma bola de basquete. Todo o seu propósito na vida é representar o esporte que leva o seu nome e proporcionar diversão àqueles aos quais você deve servir, pois para isso você foi criado. Mas, se estiver inflado demais, pulará muito alto e os arremessos apenas ricochetearão na tabela. Se estiver muito murcho, não pulará. De qualquer modo, o jogo e a alegria dos participantes serão prejudicados. A quantidade certa de pressão fará toda a diferença no seu sucesso. Se pudesse, você faria todo o possível para manter-se adequadamente cheio – não muito cheio, nem muito vazio.

Assim também, se desvalorizarmos ou valorizarmos demais a nós mesmos, estaremos menos aptos a amar os outros como Cristo ordenou. Não amar a si mesmo irá deixá-lo com um reservatório muito vazio de amor para compartilhar com o próximo. Você vai queimar-se rápida e freqüentemente. Seu amor pelos outros também secará se você gastar a maior parte da sua energia para amar a si mesmo. Um amor-próprio sadio, equilibrado e a atenção adequada à alimentação correta que nos levará à maturidade, assim como nossos esforços para proteger-nos das influências nocivas, é que nos preparam para amar aos outros como amamos a nós mesmos.

Não é o amor-próprio que é errado, mas sim a razão por que algumas pessoas amam a si mesmas. Amar a nós mesmos simplesmente por amar pode ser pecaminoso. Amar, porém, a nós mesmos para podermos amar aos outros é definitivamente bom. O piloto que descansa o suficiente e evita a ingestão de bebidas ama a si mesmo por causa dos passageiros. A mulher grávida que se alimenta adequadamente e se abstém de álcool e outras drogas ama o seu corpo por causa do bebê. O líder de estudos bíblicos que estuda e ora pelo seu crescimento espiritual ama a si mesmo por causa do seu grupo de estudos. A cristã que memoriza versículos bíblicos sobre evangelismo ama a si mesma por causa daqueles que poderá levar um dia a Cristo. Prover para nós mesmos como a criação amada de Deus é bom; amar a nós mesmos egoisticamente, como se a criação girasse ao nosso redor, é um mal básico (Rom. 1:25). O equilíbrio cristão é estimar a si mesmo de maneira moderada e equilibrada (Rom. 12:3).

PERGUNTAS DIFÍCEIS E RESPOSTAS DIRETAS SOBRE O AMOR-PRÓPRIO

Jesus disse: "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos " (João 15:13). Como podemos

amar a nós mesmos e ainda assim sacrificar-nos por outros como este versículo sugere?

O amor-próprio e o auto-sacrifício não são conceitos contraditórios. Na verdade, só quando amamos a nós mesmos é que podemos realmente dar-nos aos outros em amor. Sem um amor adequado por nós próprios, não temos a reserva de amor necessária para sacrificar-nos por outros. Os que amam demais a si mesmos certamente hesitarão em pôr em risco seu conforto pessoal, muito menos a vida, por causa de outrem. O sacrifício dos que amam pouco demais a si mesmos é provavelmente resultado da culpa em lugar do amor. Só os que têm paz interior, mediante o amor-próprio adequado, estão livres para ver as necessidades dos outros e fazer sacrifícios para servi-los. A mãe que arrisca a vida ao doar um rim ao filho que está morrendo de lesão renal não odeia a própria vida. Ela ama tanto a si mesma que quer compartilhar a própria vida com o filho.

Como o cristão pode livrar-se do complexo de inferioridade que o impede de ter um amor-próprio sadio?

O caminho mais direto para uma auto-imagem sadia e o amor-próprio adequado é ver a si mesmo através dos olhos do Deus que nos ama. Se você for cristão, não há nada que possa fazê-lo sentir-se inferior. Encha-se da verdade bíblica sobre a sua identidade em Cristo. Por exemplo:

- Deus o ama e deu o próprio Filho por sua causa (1 João 4:10).
- Você é filho de Deus (João 1:12; Rom. 8:14-15).
- Cristo o chama de amigo (João 15:15).
- Espírito de Deus vive em você (1 Cor. 3:16; 6:19).
- Você é uma nova criatura em Cristo (2 Cor. 5:17).
- Deus o justificou em Cristo (Efés. 4:24).
- Você está na luz e não nas trevas (1 Tess. 5:5).
- Você é feitura de Deus (Efés. 2:10).

Quanto mais completamente você assimilar a verdade sobre quem é em Cristo, tanto mais poderá amar a si mesmo como Deus o ama.

Como posso amar a mim mesmo quando continuo pecando?

Os cristãos com um amor-próprio sadio compreendem que não são perfeitos. Mas eles não desistem de si mesmos nem dizem: "O que adianta? Jamais vou crescer espiritualmente". Eles entendem que são chamados para não cometer pecado, mas, se pecarem, Cristo é o Advogado deles junto ao Pai para ajudá-los corrigir as coisas e continuar (1 João 2:1). Eles continuam trabalhando para crescer na fé e corrigir as tendências que levam ao pecado, como cristãos, nem sempre somos o que devemos ser, mas pela graça de Deus também não somos mais o que costumávamos ser. Quando avançamos em direção à maturidade estamos no processo de tornar-nos o que Deus quer que sejamos.

Quando você pecar, não se entregue nem desista de si mesmo. Confesse o seu pecado, receba o perdão de Deus e continue crescendo. A perfeição é o nosso alvo supremo, mas não iremos alcançá-la até que chegemos ao céu. Não se condene cada vez que notar que ainda não chegou à perfeição. Nosso alvo intermediário é a maturidade e podemos ser bem-sucedidos nisso de algum modo, a cada dia.

AMANDO O PRÓXIMO DE LONGE E DE PERTO

Jesus tornou claro que o mandamento de amar nosso próximo não se limita aos cuidados com a pessoa que mora na casa ao lado. A palavra pode estar no singular, mas o propósito moral é plural. Deus quer que amemos nosso próximo porque Ele amou a todos. Quando perguntaram a Jesus "Quem é o meu próximo?", Ele contou a parábola do Bom

Samaritano que mostrou amor por um homem necessitado (Luc. 10:29-37). A história ilustra claramente que o próximo não está [imitado às pessoas em certas classes, lugares geográficos ou condições socioeconômicas. O próximo são pessoas necessitadas, não importa quem sejam ou onde morem. Os que são hospitaleiros – isto é, amorosos – ajudam as pessoas necessitadas. O próximo são, em certo sentido, todas as pessoas em toda parte, pois todos precisam ser amados.

O mandamento de Jesus de que os crentes devem amar a todos não era novo. Os judeus do Antigo Testamento conheciam o amor de Deus por todas as pessoas e a vontade divina de que eles amassem como o próprio Deus as ama. Deus escolheu Abraão para ser o pai da família hebréia, a fim de que por meio dele e dos seus descendentes fossem abençoadas todas as famílias da Terra (Gên. 12:3). Moisés, e não Jesus, foi o primeiro a ouvir e escrever na lei as palavras de Deus: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Lev. 19:18). Deus ordenou que Israel mostrasse amor não só pelos da sua classe, mas também pelos pobres e estrangeiros (Lev. 19:9-10), e buscasse a paz com os inimigos sempre que possível (Deut. 20:10-12). Jonas descobriu que Deus amava até as perversos assírios (Jonas 4:2). O convite de Deus permeia o Antigo Testamento: "Amem as pessoas – todas as pessoas – como eu faço".

No Novo Testamento, o amor de Deus é oferecido a todos. Cristo morreu pelo mundo inteiro (João 3:16) e devemos repartir as boas-novas da salvação com "todas as nações" (Mat. 28:19). Os cristãos têm esta ordem: "Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos" (Gál. 6:10). Nosso amor não deve ficar limitado às pessoas parecidas conosco e àquelas de quem gostamos. Jesus ensinou: "Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam; bendizei aos que vos maldizem, orai pelos que vos caluniam" (Luc. 6:27-28). Ele não deixou lacunas no mandamento do amor. O amor é abrangente. Todas as pessoas devem ser amadas por causa de Cristo, cada indivíduo é nosso próximo no sentido mais amplo da palavra.

AMANDO AOS OUTROS DE MANEIRA ABRANGENTE

Num sentido mais particular, nosso próximo é a pessoa à mão, aquela cuja carência de amor está próxima. Isso é extremamente importante para a ética do amor cristão porque não podemos amar literalmente a todos. Não temos tempo, energia ou recursos suficientes para cuidar de todos em toda parte. Se tentássemos, nosso amor seria de tal modo repartido entre tantos que não faria muita diferença para ninguém. É por isso que a Bíblia nos dá o que pode ser chamado de princípio do amor centralizado. Devemos cumprir os mandamentos de amar as pessoas, começando com os mais próximos e avançando para o mundo inteiro "enquanto tivermos oportunidade" (Gál. 6:10).

O círculo íntimo da responsabilidade do amor cristão, como já discutimos, é o nosso "eu". Se não cuidarmos de nossas necessidades básicas e nos protegemos das influências negativas, não poderemos amar aos outros como devemos, com respeito ao cuidado pessoal. Paulo escreveu: "[...] vos exortamos [...] a diligenciardes por viver tranqüilamente, cuidar do que é vosso, e trabalhar com as próprias mãos, como vos ordenamos; de modo que vos porteis com dignidade para com os de fora e de nada venhais a precisar" (1 Tess. 4:10-12); "Porque cada um levará o seu próprio fardo" (Gál. 6:5). Em outras palavras, cabe a cada um de nós prover as próprias necessidades, a fim de não pesar sobre os outros e ainda ter algo para repartir com os necessitados. Além disso, somos responsáveis por nossa alimentação e crescimento espiritual. Devemos amar suficientemente a nós mesmos para dedicar um tempo considerável às Escrituras, à oração e à comunhão cristã. Cada pessoa é responsável por crescer mental, emocional e socialmente. Se não mantivermos esse círculo íntimo de amor-próprio, não estaremos preparados para avançar rumo aos círculos externos de relacionamento, isto é, em direção às pessoas a quem devemos amar segundo o chamado de Deus.

Depois de amar apropriadamente a nós mesmos, nossa responsabilidade imediata é amar a nossa família. A resposta divina à conhecida pergunta de Caim, "acaso sou eu tutor de meu irmão?" (Gên. 4:9), é um sonoro *Sim*. Paulo escreveu claramente sobre este assunto: "Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos de sua própria casa, tem negado a fé, e é pior do que o descrente" (1 Tim. 5:8). Jesus criticou severamente os líderes religiosos que ignoraram o cuidado amoroso pelos pais (Mar. 7:10-13). O homem e a mulher unidos pelo casamento são "uma só carne" (Gên. 2:24). Os filhos gerados por eles são uma extensão dessa união, tornando o amor familiar uma ampliação natural e necessária do amor por si mesmo.

Embora cada indivíduo seja responsável por cuidar de sua própria pessoa, ninguém é uma ilha totalmente independente (Rom. 14:7). Todos precisam de ajuda, encorajamento, oração, consolo e conselho às vezes. Somos obrigados, segundo Deus, a satisfazer essas necessidades dos membros da família. Sustentar e proteger cônjuge, filhos, pais e irmãos é a nossa prioridade máxima em resposta ao segundo grande mandamento para amar os outros. Cuidar da família mais extensa, tais como avós, tios, tias e primos, também é uma prioridade embora menor (1 Tim. 5:16).

Se férias com a família, saídas a sós com o cônjuge ou um jogo de futebol do filho forem os últimos itens a serem marcados na sua agenda – ou os primeiros a serem apagados – porque está ocupado demais, talvez seja preciso repensar as prioridades de Deus para amar os outros. Se os compromissos de trabalho o deixarem cansado demais para conversas de qualidade e oração com seu cônjuge, você está trabalhando em excesso. Se estiver ocupado demais com as atividades da igreja para ajudar seu filho na tarefa de casa ou ajudar um pai idoso num conserto doméstico, você está trabalhando em excesso para a igreja. Nosso principal compromisso de amor deve ser com os que estão mais perto de nós, que precisam de nós, aqueles da nossa própria família.

A esfera seguinte do amor inclui nossos irmãos na fé necessitados. Paulo insistiu: "Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o

bem a todos, mas *principalmente aos da família da fé*" (Gál. 6:10, ênfase acrescentada). Os cristãos devem amar a todos, mas temos responsabilidade prioritária para com aqueles que compartilham a nossa fé. João acrescentou: "Ora, aquele que possui os recursos deste mundo e vir a seu irmão padecer necessidade e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus?" (1 João 3:17). Proteger e suprir as necessidades de nossos irmãos e irmãs na fé é uma expressão altamente prioritária do nosso amor.

Fora do círculo familiar, sua primeira preocupação deve ser com o grupo de cristãos com quem você rende culto, aprende, serve e se comunica. Neste nível você pode encontrar o seu pequeno grupo (um estudo bíblico na vizinhança ou no campus, um grupo assistencial, um grupo de apoio), sua classe da escola dominical, seus ministros e congregação da igreja seus amigos cristãos, a equipe de ministério paralelo da igreja, e outros cristãos com quem você se relaciona regularmente. Outro nível pode incluir os cristãos que você não conhece tão bem: líderes denominacionais, membros de congregações irmãs, missionários, organizações evangelísticas. Na periferia desta categoria estão os cristãos que você não conhece e provavelmente nunca irá conhecer: cristãos de outras denominações, cidades e países.

Amar uns aos outros como Cristo ordenou é o centro de nosso relacionamento com outros cristãos. Às vezes, porém, enfatizamos demais o amor no âmbito do corpo de Cristo. Como qualquer outro grupo de pessoas que têm afinidade por causa da sua crença, história ou atividade, os cristãos acham relativamente fácil amar uns aos outros. O teste real surge na questão de amar os que menos se parecem conosco – pessoas mundanas, pessoas que não merecem amor, pessoas odiosas. Parece que passamos muito tempo discutindo como proteger e suprir as necessidades mútuas, reservando pouco tempo para instruir e encorajar uns aos outros a amar o mundo.

Além do mais, estamos algumas vezes tão ocupados ensinando e reunindo-nos uns com os outros que não temos praticamente tempo para

nos relacionarmos com nossos vizinhos e colaboradores incrédulos. Alguém observou com muito bom senso: "Nossa mente está tão ocupada com as coisas do Céu que não fazemos nenhum bem aqui na Terra". Dois ou três cultos da igreja, uma reunião ou duas do comitê, ensaio do coral, uma reunião de treinamento para professores, um grupo de confraternização de homens ou mulheres, e um dia de trabalho com toda a igreja podem preencher a semana. Todas essas atividades são boas, mas se nos impedem de entrar em contato com nossos vizinhos ou colegas incrédulos, o amor entre os cristãos pode estar sendo algo bom demais.

Fora do círculo da família e da fé ficam "todas as pessoas" a quem devemos amar como amamos a nós mesmos. Esta categoria em expansão vai desde os seus vizinhos, colegas de escola e de trabalho até as tribos remotas de quem você nunca ouviu falar. Quem quer que sejam ou onde quer que estejam, devemos amá-los.

Como uma pedra lançada na água, o foco principal do amor está no centro da sua responsabilidade, os que estão mais próximos – a família e os irmãos na fé. Mas as ondas devem seguir cada vez para mais longe. Nas palavras de Paulo: "Se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens" (Rom. 12:18). A paz é uma virtude aparentada com o amor. Aonde quer que você vá pelo mundo, quando precisar ficar fora dos círculos íntimos da família e da fé, o seu amor pelos outros será um caminho de paz.

Esse conceito do amor centralizado contém uma importante implicação. Quando surge um conflito sobre quem deve ser amado e até que ponto, os que estão mais próximos do centro da nossa responsabilidade de amar têm prioridade sobre os que estão mais longe. Veja exemplos: A mãe não deve dar o resto da comida aos filhos do vizinho quando seus filhos ainda não tiverem comido. Nem o pai é obrigado a comprar roupas para os pobres dos países do Terceiro Mundo se a sua própria família estiver precisando de roupas. Uma pessoa

resgatará os membros da sua família e seus amigos de um prédio em chamas antes de ajudar os outros.

Num nível diário mais prático, o cristão deve certificar-se de estar passando tempo suficiente com a esposa e os filhos antes de assumir um compromisso com as atividades da igreja. E os homens no seu grupo de estudo bíblico devem vir primeiro do que os colegas da turma de boliche. Uma mulher solteira, com uma renda limitada, deve cuidar das necessidades de seus pais desempregados antes de ajudar na campanha para a construção do prédio da igreja e no movimento de contribuições para os doentes de câncer. O pastor deve gastar sua energia alimentando o seu rebanho, em vez de evangelizar fora do círculo da sua congregação.

Em quase todos os casos, o amor não será uma escolha, mas uma distribuição baseada nos círculos concêntricos da prioridade. Os pais cujos filhos estão adequadamente alimentados e vestidos compartilharão seu excesso com outros mais pobres. Um homem pode dedicar tempo de qualidade para a sua vida íntima com Deus e responsabilidades familiares, enquanto reserva uma noite por semana para o estudo bíblico, uma noite por mês para reuniões do comitê e duas noites por mês para o clube de boliche. A mulher executiva pode separar 70% da renda de que disporá para ajudar os pais, enquanto dá 20% para o fundo de manutenção do prédio e 10% para a pesquisa do câncer. A obrigação do amor começa em casa e depois deve espalhar-se o mais que puder. Dentro de cada círculo, as necessidades devem ser satisfeitas antes que o excesso transborde para os níveis seguintes. Dessa forma, as ondas concêntricas dos muitos centros de amor irão chegar até os que de outra forma não seriam amados fora desses centros.

Cada indivíduo deve discernir entre as necessidades e os desejos em cada nível de amor centralizado. Por exemplo, seus filhos podem desejar que você passe três horas todas noites da semana ajudando-os com a lição de casa e brincando com eles. Mas você sabe que uma hora por noite ou duas noites inteiras por semana são suficientes para interação de

qualidade e ajuda. Isso lhe permite satisfazer as necessidades de outras pessoas que você decide amar com o seu tempo e atenção: seu cônjuge, seu grupo de estudo bíblico, sua turma de boliche. Como um adulto solteiro com uma boa promoção no emprego, você pode estar ansioso para mudar-se para um apartamento maior num edifício com as facilidades de lazer e conveniências que sempre desejou. Sabe também que pode continuar confortavelmente onde se encontra, liberando mais fundos para ajudar seus pais e aumentando sua contribuição para o orfanato no exterior que ajuda a sustentar.

O amor deseja o bem das pessoas amadas e trabalha em prol disso, mas isso não significa ser extravagante em um nível e miserável no outro. O amor requer que sejamos observadores e engenhosos, a fim de discernir as necessidades legítimas, para que o excesso de amor centralizado possa fluir o mais possível e alongar-se a tantas pessoas quantas possível.

Esse princípio de amor centralizado é evidente tanto no amor de Cristo como nas suas últimas palavras aos discípulos. Jesus passou a maior parte do Seu tempo ensinando a um pequeno grupo de homens, seu círculo íntimo. Veio depois o grupo dos setenta, que Ele enviou dois a dois. Ele ensinou centenas e talvez milhares na encosta do monte e à beira-mar. Todo o Seu ministério ocorreu em Sua terra natal e foi dirigido em grande parte ao seu próprio povo, os judeus. Todavia, o excesso do Seu amor transbordou para muitos outros, tais como os siro-fenícios, samaritanos, gadarenos e romanos. Alguns gregos pediram a Jesus pala ministrar ao povo heleno, mas foram informados de que o ministério de Cristo em Jerusalém tinha prioridade (João 12:20 ss.). O evangelho iria espalhar-se para a Grécia mais tarde.

Mesmo depois de ter ressuscitado, Jesus disse que o ministério devia começar em casa, em Jerusalém e na Judéia, difundindo-se para os territórios vizinhos como Samaria, e para o resto do mundo (At. 1:8). Jesus ensinou e mostrou que o amor por todos surge mais facilmente quando o amor pelos que estão próximos está em primeiro lugar.

AMANDO COMPLETAMENTE AOS OUTROS

O amor não deve ser só abrangente, mas também completo. A ética do amor cristão exige que amemos a humanidade inteira e cada ser humano como um todo, e não só a alma eterna. Na parábola de Jesus, o Bom Samaritano não pregou ao homem ferido sobre o destino eterno; ele curou seus ferimentos e o transportou para uma hospedaria a fim de receber cuidados. Jesus não só falou às pessoas sobre o "pão da vida" para satisfazer a fome espiritual delas (João 6:35), mas também lhes deu pão natural para saciar-lhes a fome física (João 6:5-11). Cada indivíduo é uma pessoa total, uma unidade de alma e corpo, e essas partes têm o mesmo valor para Deus. Deus nos fez um em essência, da mesma forma que Ele é um na Sua natureza (Deut. 6:4). A doutrina da ressurreição dos santos não faz sentido se formos completos sem o nosso corpo físico (2 Cor. 5:1-6).

Desde que cada pessoa é uma unidade inseparável, não surpreende que os mandamentos do amor se dirijam ao indivíduo total e não apenas à alma. João tornou isso indiscutivelmente claro quando escreveu: "Ora, aquele que possuir recursos deste mundo e vir a seu irmão padecer necessidade e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus?" (1 João 3:17). Tiago foi igualmente enfático: "Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa, e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos, e fartai-vos, sem, contudo, lhes dardes o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? Assim também a fé, se não tiver obras, por si só está morta" (Tia. 2:15-17).

Por exemplo, numa missão de resgate nas favelas em que pessoas caridosas distribuem "sopa e salvação" para os indigentes das ruas, a sopa é uma expressão do amor de Cristo tão grande quanto a mensagem da salvação. Os espectadores atentos não ficarão impressionados com a

nossa paixão para salvar almas se negligenciarmos as necessidades físicas óbvias.

Fique certo de que você está obedecendo ao mandamento de Cristo para amar aos outros tanto quando doa dinheiro para um fundo de ajuda aos flagelados de um desastre, como quando faz uma oferta a um ministério evangelístico. Um saco de 5 quilos de batatas para uma casa de desabrigados é uma expressão de amor tão grande quanto a aula da escola dominical que você dá aos alunos. Admitimos que alimento, roupas e abrigo por si sós não introduzem ninguém no reino de Deus. É preciso ouvir também as boas-novas sobre Cristo e confiar nEle como Salvador e Senhor. Mas é difícil prestar atenção a uma lição bíblica ou a um testemunho se o estômago estiver roncando de fome ou o corpo estiver doendo com os ferimentos provocados por um terremoto. A caridade em relação às necessidades físicas abre a porta para a satisfação das necessidades espirituais. A falecida Henrietta Mears comentou: "A bondade tem convertido mais pecadores do que o zelo, a eloquência ou o conhecimento".

Os ministérios que procuram suprir as necessidades físicas básicas e matar a fome espiritual oferecem uma dose dupla do amor de Cristo. Um desses ministérios é a Operation Carelift, um setor do Ministério de Josh McDowell e da cruzada Estudantil e Profissional para Cristo Internacional. Desde 1992, a organização Carelift tem utilizado anualmente milhares de voluntários para recolher, embalar e entregar alimentos, roupas, medicamentos e material escolar para os cidadãos mais pobres da Rússia. Caixas, sacolas e pacotes de alimentos e outros itens são entregues pessoalmente por centenas dos voluntários da Carelift. Junto com esses suprimentos são incluídas Bíblia, cópias do livro *Mais Que um Carpinteiro* e a mensagem do evangelho.

O diretor de uma escola russa disse que os obreiros Carelift "devem vir de outro planeta e esse planeta deve ser o amor!". Quando uma professora russa soube que os voluntários haviam pagado a própria

passagem deles para levar os presentes da América até a Rússia, os olhos dela se encheram de lágrimas: "Isso é amor de verdade", comentou.

Outra organização cristã, a Northwest Medical Teams, sediada em Portland, Oregon, mobiliza médicos e enfermeiros voluntários para cuidar dos doentes e feridos nas áreas em que a seca, guerras, inundações devastadoras e terremotos assassinos atingem vidas humanas. Cuidados médicos que salvam vidas oferecidos com amor abrem os olhos espiritualmente cegos para o amor de Cristo. A Samaritan's Purse, organização dirigida pelo filho de Billy Graham, Franklin, ajuda os necessitados em todo o mundo, assim como a Visão Mundial e muitas outras.

Nossa responsabilidade cristã de amar a pessoa total vai além das necessidades básicas de alimentos, roupas e cuidados médicos. As pessoas têm igualmente necessidades sociais. Em Sua parábola sobre cuidar dos que estão sofrendo, Jesus falou da solidão quando disse: "Era forasteiro e me hospedastes [...] preso e fostes ver-me" (Mat. 25:35-36). Tiago nos exortou a "visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações" (Tia. 1:27). Visitar ou corresponder-se com idosos inválidos, pacientes de AIDS ou prisioneiros é uma expressão de amor em ação. Assim também a atitude de procurar membros da igreja, vizinhos ou colegas que são rejeitados por outros, ou telefonar a uma amiga que está sofrendo só para ouvir e fazê-la saber que você está à disposição dela. Em situações como essas, o dom do tempo e da atenção transmitem o nosso amor.

Outra situação em que o amor pode ser efetivamente ativado é a opressão. Referindo-se aos israelitas escravizados no Egito, Deus exigiu do Faraó: "Deixa meu povo ir". Qualquer forma de opressão é proibida por Deus. "Não afligirás o forasteiro, nem o oprimirás [...] A nenhuma viúva nem órfão afligireis" (Êxo. 22:21-22). Sempre que você agir em prol da correção da injustiça racial, sempre que votar a favor de uma lei que proteja os direitos dados por Deus a um indivíduo ou grupo, sempre que confrontar um empregador por causa do tratamento injusto dado aos

empregados, estará expressando amor às vítimas da opressão. É responsabilidade do amor cristão opor-se à opressão e trabalhar para o bem de todos. O amor interessa-se igualmente pelas necessidades físicas, sociais e espirituais.

PERGUNTAS DIFÍCEIS E RESPOSTAS DIRETAS SOBRE COMO AMAR A OUTROS

Como é possível amar cristãos que estejam vivendo em pecado?

O amor supre aquilo de que as pessoas precisam e as protege do perigo. Os cristãos desobedientes devem ser confrontados com amor na esperança de protegê-los das conseqüências do comportamento errado deles. Por exemplo, você tem uma amiga cristã solteira que está dormindo com o namorado. Ela precisa de alguém que diga: "De acordo com a pureza de Deus e a declaração clara da Bíblia de que a imoralidade sexual é errada, sinto-me no direito de pedir a você que deixe de dormir com ele". Ela talvez não queira ouvir, mas você estará fazendo o melhor para a sua amiga. O amor, nesse caso, procura protegê-la do peso do remorso num casamento futuro e de possíveis doenças contagiosas.

Algumas pessoas chamam isso de "amor duro", pois com ele se arrisca perder um relacionamento a fim de afastar o companheiro cristão do pecado. Você não favorece ninguém encobrendo o pecado da pessoa, a fim de poupar os sentimentos dela ou manter o relacionamento entre vocês. Alguém que vive em pecado estará num perigo muito maior se continuar na direção errada. As pessoas que você confrontar talvez não lhe dêem atenção ou talvez se afastem de você por algum tempo ou para sempre. O exercício do amor não garante que seus esforços serão bem aceitos. Você só pode fazer o seu melhor, com a ajuda de Deus, para o bem delas e a fim de impedir que se machuquem. A reação dessas pessoas fica entre elas e Deus.

Como podemos amar os incrédulos, cujos valores e comportamentos entram em conflito com os valores e o comportamento cristãos?

Em seus pensamentos, você deve separar o pecador do seu comportamento pecaminoso. Ame o pecador como uma pessoa a quem Deus ama, depois trate com o pecado. O amor supre e protege. Os incrédulos têm necessidades físicas, emocionais e espirituais legítimas. Satisfça as necessidades deles sem comprometer a sua fé, sempre que tiver oportunidade. Depois compartilhe Cristo com eles, buscando protegê-los do perigo final que os espera: a eternidade sem Deus.

Por exemplo, você tem um colega que é flagrantemente racista em seus comentários e comportamento. Por mais que o estilo de vida dele seja repulsivo para você, Cristo morreu também por ele. Esse indivíduo não está caminhando para o inferno por ser racista; o seu comportamento é um sintoma da sua necessidade de Cristo. Procure meios de tornar-se uma influência positiva e um encorajamento para ele, assim como gostaria de ser para qualquer outro em seu escritório ou loja. Faça em favor dele o que estiver a seu alcance. Ore para que Deus dê a ele oportunidades que o desviem do pecado e voltem o coração dele para Cristo.

A LEI DO AMOR

Há muitos anos eu, Josh, fui convidado a comparecer ao programa de televisão de John Ankerberg para um debate com Anson Mount, co-fundador com Hugh Hefner da filosofia Playboy. O tópico do debate era amor, moralidade e ética. O convite pareceu-me uma grande oportunidade de falar de Cristo e aceitei-o então alegremente. Mal sabia eu no que iria envolver-me.

Enquanto me preparava para o programa, comecei a ficar nervoso. Eu sabia que a ética situacionista – que sugere que em cada situação moral devemos agir com amor – seria enfocada, uma vez que a filosofia Playboy baseia-se em grande parte sobre ela, e meu oponente era um firme defensor desse tipo de ética. Mount chega até a citar Romanos 13:8: "A ninguém fiquéis devendo coisa alguma, exceto o amor com que vos ameis uns aos outros: pois quem ama ao próximo, tem cumprido a lei". Eu me sentia nervoso porque acreditava no mesmo preceito: Devemos agir com amor em toda situação. Não conseguia encontrar a mínima diferença entre a minha posição e o que eu esperava ouvir de Anson Mount.

Enquanto os dias até a debate passavam, o nervosismo em meu coração se transformou em pânico. Nunca tive tanto medo de enfrentar um assunto ou uma fala em público em mais de trinta anos de ministério. Estudei **Romanos 13:8** em diversos comentários, tentando encontrar uma falha na ética situacionista. Tudo o que lia concordava em que agir com amor é bíblico, e eu não conseguia entender como a filosofia Playboy podia estar errada se concordava com a Bíblia. Eu estava prestes a apresentar-me numa rede de televisão nacional representando o cristianismo e não poderia dar uma resposta à filosofia Playboy. Só sabia que já estava morto e sepultado como defensor da fé.

Na véspera do encontro, fechei-me no quarto do hotel com minha Bíblia, decidido a descobrir a resposta. Minha mulher, Dottie, telefonava de vez em quando, perguntando: "Já encontrou?"

"Não", respondia eu, "mas continue orando".

A certa altura voltei a ler Romanos 13:8, mas, em vez de parar nesse versículo, li também os versos 9 e 10. A resposta veio como um raio nestas palavras: "Pois isto: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não cobiçarás, e se há qualquer outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. O amor não pratica o mal contra o próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor". A ética situacionista diz "Pratique o amor", mas não explica o que é essa prática do amor. Isto é como estar no meio do Oceano Pacífico sem instrumentos de navegação e receber instruções para ir a São Francisco. Deus diz "Aja com amor" e depois ensina a amar em Seus mandamentos, inclusive com a ordem muito claro sobre o comportamento sexual: "Não cometa adultério". Deus não nos deixou à deriva para descobrir como agir com amor baseados apenas na situação. Ele nos deu uma direção específica. **A Sua lei do amor não elimina os Seus mandamentos, apenas os resume.** As leis de Deus são uma bússola e um sextante apontando para nós um comportamento amoroso específico, proibindo o comportamento que não reflete amor. Quando você ama alguém, não irá magoá-lo: só buscará o que é melhor para essa pessoa.

Telefonei para Dottie e nós dois nos alegramos com a ajuda oportuna de Deus. O debate correu normalmente. Parece que não consegui mudar a opinião de Mount sobre a imoralidade da filosofia Playboy, mas tenho certeza de que Deus usou a minha apresentação para falar a milhares de espectadores naquela noite. Muita gente acredita hoje no que eu antes também supunha erroneamente: que o amor e a lei são incompatíveis. Esses indivíduos afirmam que as pessoas do Antigo Testamento estavam sob a lei enquanto as do Novo – inclusive os cristãos de hoje – estão sob a graça ou o amor.

João 1:17 e **Romanos 6:14** são muito citados para apoiar este ponto de vista: "Porque a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo"; "Não estais debaixo da lei, e, sim, da graça". Mas não se trata da lei ou do amor, e, sim, da lei do amor. Foi

por isso que Davi afirmou alegremente: "Quanto amo a tua lei! [...] Amo os teus mandamentos mais do que o ouro, mais do que o ouro refinado" (Sal. 119:97,127).

Embora seja verdade que os cristãos não estão sob as cerimônias ou as maldições da lei mosaica (Heb. 8-10; Gál. 3:13), os princípios éticos personificados na lei mosaica continuam válidos para nós. Na realidade, os princípios éticos eternos expressos nos Dez Mandamentos não são incompatíveis com a natureza de Deus como amor; eles são, de fato, uma expressão desse amor. Nos dois maiores mandamentos amar a Deus e amar ao próximo – Deus nos manda agir com amor. Nos Dez Mandamentos e em outras instruções bíblicas, Ele nos mostra o que é essa atitude de amor e nos adverte a não agirmos sem amor.

A LEI DO ANTIGO TESTAMENTO

O amor é o alicerce da lei mosaica. As primeiras palavras dos Dez Mandamentos são uma expressão do amor de Deus pelo Seu povo: "Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão" (Êxo. 20:2). Essa declaração é uma das verdades mais proeminentes em todo o Antigo Testamento, aparecendo de alguma forma pelo menos cem vezes. Ela lembrava Israel dos atos mais celebrados do amor de Deus por eles: "Eu sou o Senhor teu Deus [...] faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos" (Êxo. 20:5-6). Palavras descritivas para Deus, tais como misericórdia, bondade, benignidade e favor, abundam no Antigo Testamento. Seja quem for que tenha dado origem ao erro de que o amor é um ensino exclusivo do Novo Testamento, esse não leu o Antigo Testamento.

A própria lei é uma expressão do amor de Deus. Vemos nos Dez Mandamentos o compromisso de Deus em dar-nos provisão e proteção contra o mal. O quinto mandamento inclui uma promessa amorosa: "Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá" (Êxo. 20:12). Outras leis incluem

quase sempre uma frase assim: "Para que o Senhor teu Deus te abençoe em todas as obras que as tuas mãos fizerem" (Deut. 14:29). Depois de ler a lei para os israelitas no monte Gerizim, Moisés os advertiu: "Se ouvires a voz do Senhor teu Deus, virão sobre ti e te alcançarão todas estas bênçãos: Bendito serás tu na cidade, e bendito serás no campo. Bendito o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, e o fruto dos teus animais, e as crias das tuas vacas e das tuas ovelhas. Bendito o teu cesto e a tua amassadeira. Bendito serás ao entrares, e bendito ao saíres" (Deut. 28:2-6). Nestes discursos de despedida a Israel, Moisés exortou: "Guardai, pois, as palavras desta aliança e cumpri-as, para que prospereis em tudo quanto fizerdes" (Deut. 29:9).

Quando Deus deu a lei, disse que era "para o teu bem"(Deut. 10:13), como proteção e provisão. O propósito de Deus ao dar a Sua lei foi abençoar o Seu povo, dando provisão para a nossa prosperidade e alegria e proteção dos sofrimentos e males. As maldições contidas na lei são simples advertências para aqueles que não a cumprirem. Como Deus é amoroso ao dar ao povo bastante aviso prévio na esperança de poupá-lo das conseqüências do pecado! As leis de Deus ensinam as ações amorosas a serem tomadas em nosso relacionamento com Deus e com os homens. Elas são dadas para ajudar-nos a cumprir os dois grandes mandamentos. A lei escrita é o amor declarado em palavras.

A LEI NO NOVO TESTAMENTO

A importância vital da lei não diminuiu com o início do Novo Testamento. Jesus declarou: "Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas: não vim para revogar, vim para cumprir" (Mat. 5:17). Mais de noventa vezes, Jesus e os escritores do Novo Testamento: afirmam "está escrito", citando o Antigo Testamento como a autoridade para os ensinamentos deles.

Dos Dez Mandamentos, nove são repetidos no Novo Testamento, quase todos eles palavra por palavra. Paulo sublinha as proibições de

adultério, assassinato, roubo e cobiça em Romanos 13:8 e 9. Honrar os pais é citado em Efésios 6:2. A idolatria é condenada em muitos pontos (Gál. 5:19, 20; 1 João 5:21), assim como a mentira (Efês. 4:25). Jurar é condenado por Jesus em Mateus 5:34, e a supremacia de Deus é confirmada em vários lugares, tais como 1 Coríntios 8:5 e 6. Só o sábado, ou o sétimo dia, não foi repetido. Os primeiros cristãos adoravam no primeiro dia da semana (At. 20:7), ou "dia do Senhor" (Apoc. 1:10), o dia em que Cristo ressurgiu dos mortos (Mat. 28:1). A maioria dos cristãos hoje afirma que a lei do sábado foi cumprida na ressurreição de Cristo. Alguns cristãos acreditam que a idéia de separar um dia dos sete para a adoração e descanso é preservada no "dia do Senhor" do Novo Testamento.

Não podemos então colocar os Dez Mandamentos na prateleira, argumentando que o amor substituiu a lei no Novo Testamento. Os mandamentos eram tão importantes para os crentes do Novo Testamento como para os do Antigo. O mandamento do Novo Testamento de amar a Deus e ao próximo pode *resumir* os Dez Mandamentos, mas não é um *substituto* para eles. As leis de Deus oferecem orientação prática para cumprir o mandamento divino de amar.

Se os princípios morais subjacentes aos Dez Mandamentos não foram abolidos no Novo Testamento, em que sentido os cristãos de hoje não estão sob a lei, mas sob a graça (Rom. 6:14)? Uma passagem-chave para responder a essa pergunta é Gálatas 3:13: "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar". Não estamos mais sob a maldição da lei moral de Moisés porque Cristo pagou o preço de todas as transgressões. Cristo levou sobre si a maldição do pecado, que é a morte, e o castigo pela desobediência à lei (1 Cor. 15:55-56). Mas remover a maldição da lei e abolir os princípios morais embutidos em seus mandamentos são duas coisas diferentes.

Desde que os Dez Mandamentos são repetidos no Novo Testamento, esses princípios morais da lei continuam obrigatórios para os cristãos. O contexto da lei, porém, é a graça em vez do juízo, desde

que Cristo tomou sobre Si o castigo pelo nosso pecado. A lei moral é a mesma, só que as maldições foram retiradas. Por exemplo, o castigo do adultério no Antigo Testamento era a morte (Lev. 20:10). O adultério continua proibido no Novo Testamento, mas tal penalidade não é incluída. Por quê? Porque Cristo pagou a pena de morte de todos os pecados, inclusive o adultério. Na primeira igreja, Paulo ensinou que o adúltero podia ser afastado da igreja pela disciplina (1 Cor. 5:1-5) e depois restaurado e consolado (2 Cor. 2:5-8). O mandamento é o mesmo, mas a maldição, tendo sido paga, foi removida, e uma bênção foi prometida para os que se arrependem e recebem a purificação comprada por meio da morte de Cristo.

A maldição da lei moral pode ter sido abolida, mas fique certo de que o pecado continua acarretando conseqüências físicas e emocionais. O adultério inflige sofrimento às famílias ofendidas, sentimento de culpa aos participantes e vergonha à igreja ou comunidade, casamentos cristãos têm sido destruídos e ministérios manchados por causa do adultério. Além disso, o adúltero, embora arrependido e perdoado, pode ter de encarar um divórcio, um filho inesperado ou uma moléstia sexualmente transmissível como resultado da desobediência. O pecado sempre exige um pagamento, mas, pela graça de Deus, o preço da maldição eterna foi pago por Cristo.

Não só as maldições da lei foram abolidas no Novo Testamento, como também as bênçãos são outras. Por exemplo, a bênção do Antigo Testamento por honrar os pais era "para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá" (Êxo. 20:12). Quando o mandamento é repetido em Efésios 6:3, a bênção prometida é "para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra". O mesmo acontece com os outros mandamentos. O *conteúdo* dos mandamentos morais do Novo Testamento é idêntico ao do Antigo, mas o *contexto* é diferente. O primeiro é um contexto mosaico aplicado a uma nação teocrática; o segundo é aplicado individualmente aos crentes. Um contém sanções e bênçãos específicas que não são aplicáveis ao outro.

A semelhança entre a lei moral do Antigo e a do Novo Testamento pode ser ilustrada por uma lei civil idêntica em dois países diferentes. Por exemplo, passar do limite de velocidade é tanto uma violação no Reino Unido como nos Estados Unidos. Mas o fato de ser apanhado em alta velocidade em Los Angeles não significa que se quebrou a lei em Londres. É a mesma lei, mas em dois países diferentes. Os princípios da ética eterna incorporados pela lei mosaica são os mesmos repetidos no Novo Testamento, mas o contexto é graça em lugar de juízo, desde que o juízo foi pago por Cristo.

Se você cometer adultério sob a graça, terá violado a lei de Deus, mas não terá de pagar com a vida como se vivesse sob a lei mosaica há 3.000 anos. Foi por isso que João escreveu: "Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo" (João 1:17). Pela graça, Cristo tomou sobre si a maldição da lei de Moisés. Pela graça, mediante a fé em Sua morte expiatória, essa maldição é removida de nós.

Os cristãos não estão sob codificação específica da lei dos Dez Mandamentos de Moisés. Os cristãos que mentem ou roubam estão quebrando a lei eterna de Deus, que foi originalmente incorporada nos Dez Mandamentos e é uma expressão da natureza e do caráter do próprio Deus. Nós estamos, porém, presos à lei de Deus em virtude da sua expressão no Novo Testamento, à parte das características nacionais e teocráticas peculiares a Israel.

Deus não mudou (Heb. 6:18; 13:8). Ele continua sendo o Deus de amor do Novo Testamento como o foi no Antigo. Os princípios morais que expressam o Seu amor e nos mostram como expressar esse amor a Deus e aos outros continuam sendo também os mesmos.

A LEI E O AMOR EM HARMONIA

Sempre que falamos em seguir as leis para expressar o amor de Deus e a nosso amor por Deus e pelos outros, alguém invariavelmente nos confronta com a acusação de "legalismo". Aos olhos de muitas pessoas, qualquer um que respeite os Dez Mandamentos é um fariseu moderno. Mas serão as leis e o amor incompatíveis? Somos necessariamente legalistas por acreditar em muitas leis morais universalmente obrigatórias? O Novo Testamento dá uma resposta clara a essas perguntas: Não.

Jesus jamais substituiu as leis de Moisés por uma lei de amor única como alguns sugeriram. Em primeiro lugar, Jesus nunca disse que só havia uma lei do amor. Ele falou de pelo menos duas: uma para amar a Deus e outra para amar as pessoas (Mat. 22:37-39). Do mesmo modo, Jesus nunca disse que elas deveriam ser *substituídas* pelas várias leis morais incorporadas no Antigo Testamento; elas eram simplesmente um resumo. Jesus disse que veio para cumprir a lei e não para aboli-la (Mat. 5:17).

Do mesmo modo, o apóstolo João escreveu: "Não vos escrevo mandamento novo, senão mandamento antigo, o qual desde o princípio tivestes [...] Porque a mensagem que ouvistes desde o princípio é esta, que nos amemos uns aos outros" (1 João 2:7; 3:11). **Os mandamentos de amor não substituem os Dez Mandamentos; eles apenas os reduzem à sua essência comum: amor. Por quê? Porque, se amarmos a Deus e ao nosso semelhante, não iremos quebrar os mandamentos de Deus (Rom. 13:10).** Os dois mandamentos do amor somente resumem (isto é, cumprem o propósito de) muitas leis morais. Todas essas leis dependem do amor como fundamento e são cumpridas pela manifestação dele. A lei e o amor não são incompatíveis; eles se ajustam perfeitamente.

Cada um dos Dez Mandamentos nos dá o ato de amor a exercer e o que não deve ser feito em nosso relacionamento com Deus e com os outros. Cada lei é amor colocado em palavras que nos leva a cursos de ação concretos, amorosos.

1. ***Não terás outros deuses diante de mim*** diz que a dedicação amorosa a Deus deve ser pura, singular, não tendo competidores em qualquer pessoa, coisa ou idéia.
2. ***Não farás para ti imagem de escultura*** (ídolo) diz que a devoção amorosa a Deus deve concentrar-se nEle e não em práticas, muletas, ou substitutos religiosos.
3. ***Não tomarás o nome do teu Deus em vão*** diz que a devoção amorosa a Deus deve incluir respeito e reverência pela Sua pessoa e Seu nome.
4. ***Lembra-te do dia de sábado, para o santificar*** diz que a devoção amorosa a Deus deve incluir tempo semanal em adoração e descanso em Sua honra.
5. ***Honra a teu pai e a tua mãe*** diz que o amor pelos pais deve expressar-se mediante reconhecimento, respeito e estima por eles.
6. ***Não matarás*** diz que o amor pelos outros deve ser expresso por meio de consideração e preservação diligente da vida humana.
7. ***Não cometerás adultério*** diz que o amor pelo cônjuge (ou futuro cônjuge) deve ser demonstrado mediante a pureza e fidelidade sexual.
8. ***Não furtarás*** diz que o amor pelos outros deve ser expresso mediante o respeito pela propriedade e bens deles.
9. ***Não dirás falso testemunho contra o teu próximo*** diz que o amor pelos outros deve ser demonstrado mediante a honestidade e a veracidade em todos os nossos tratos.
10. ***Não cobiçarás*** diz que o amor pelos outros deve enfocar o que podemos dar aos outros em vez do que podemos obter deles.

Os inúmeros outros princípios morais contidos na Bíblia – inclusive as instruções de Jesus nos evangelhos e dos apóstolos nas cartas do Novo

Testamento – devem ser vistos do mesmo modo. Cada um deles é uma aplicação específica dos mandamentos para amar em certa situação ou relacionamento. Estas leis e diretrizes definem o dever de amar em cada esfera de responsabilidade.

Deus, na Sua sabedoria e amor, descreveu para nós os detalhes e implicações do mandamento do amor nos muitos princípios morais do Antigo e do Novo Testamento. O resumo é necessário para não esquecermos que o amor é o núcleo de cada mandamento. As muitas leis são, porém, necessárias para compreendermos suficientemente as responsabilidades do amor em determinadas situações. Deus não nos deixou na dúvida sobre o sentido ou a aplicação do amor quando nos relacionamos com Ele ou com as pessoas. Ele declarou isso claramente nas ordens "faça isto" e "não faça aquilo".

O fato de muitos dos mandamentos e princípios morais na Bíblia estarem na forma negativa não significa que sejam negativos na intenção. É muito mais fácil citar algumas coisas que não manifestam amor do que outras que manifestam. Com efeito, os mandamentos estão dizendo que algumas coisas nunca mostram amor e devem ser evitadas. Mas tudo mais pode ser amável, e é nossa obrigação assegurar que nossas palavras e atos sejam amorosos. Além do mais, a intenção por trás de cada mandamento negativo é positiva: O amor é a única maneira de responder a Deus e relacionar-se com Ele e com os outros. Deus estava tão interessado em que soubéssemos exatamente o que significa amar que Ele descreveu isso em Suas leis. A lei de Deus é o amor expresso em palavras.

PERGUNTAS DIFÍCEIS E RESPOSTAS DIRETAS SOBRE A LEI E O AMOR

Como os cristãos devem responder às leis específicas do Antigo Testamento sobre não comer crustáceos ou carne de porco, ou evitar certas fibras nas roupas? Como podemos saber o que é cultural e o que é universal?

Os dois aspectos das leis em questão são a lei cerimonial, que governa certos alimentos e procedimentos para Israel no Antigo Testamento, e a lei moral, mandamentos que governam nosso relacionamento com Deus e com as pessoas. Os cristãos não estão sob a lei cerimonial porque Jesus a aboliu. Ele declarou todos os alimentos cerimonialmente puros (Mar. 7:18-19). Pedro ouviu novamente a mensagem durante a sua visão em Jope (At. 10:15). Paulo reforçou a declaração de Cristo em suas cartas (1 Tim. 4:3-5). Mas a lei moral de Deus é permanente porque reflete a Sua natureza imutável (Mal. 3:6; Heb. 6:18; 2 Tim. 2:13). Onde quer que se encontre a lei moral de Deus mostrando como amar a Ele e aos outros, ela continua vigorando.

O mandamento relativo ao sábado (repouso) significa que estamos pecando se trabalharmos ou fizermos alguém trabalhar na domingo, dia em que geralmente comemos fora ou que reservamos para fazer compras?

Os cristãos não estão hoje sob a lei do sábado do Antigo Testamento, que é o único dos Dez Mandamentos não repetido no Novo Testamento. Se estivéssemos sob esta lei, teríamos de cessar todo trabalho entre o pôr-do-sol na sexta-feira e o do sábado, o □□□□□□□□judeu. Todavia, o princípio moral subjacente á lei do sábado foi observado pelos primeiros cristãos que reservaram o primeiro dia da semana – domingo – para descansar e adorar (At 20:7; 1 Cor. 16:2; Apoc. 1:10).

Embora não sejamos obrigados a observar a lei do sábado do Antigo Testamento, devemos reservar um dia por semana para descanso e adoração (Heb. 10:25). Para a maioria de nós, o domingo é esse dia porque as congregações cristãs **tradicionalmente** se reúnem no domingo. Os que precisam trabalhar nesse dia, tais como os que prestam serviços de emergência ou os que trabalham com a produção de laticínios, devem tirar parte do domingo ou outro dia para adoração e descanso ou tentar conseguir um rodízio para ir à igreja em alguns domingos. As pessoas que decidem trabalhar em serviços de alimentação ou vendas no

domingo devem ter também o cuidado de tirar um dia de folga e ir aos cultos em outras ocasiões. Não estamos necessariamente pecando se comermos num restaurante ou comprarmos mantimentos no domingo. A responsabilidade fica com os indivíduos que nos servem. Se tiverem a intenção de servir a Deus de todo o coração, escolherão outro dia da semana para descansar e adorar. Se não se sentirem motivados nesse sentido, a decisão é deles. Quer sirvam a nós, quer a outra pessoa, não faz diferença.

O dízimo é uma prática do Novo Testamento assim como do Antigo? Como o dízimo demonstra amor por Deus e por outros?

O dízimo existiu muito antes da lei de Moisés, tendo sido praticado por Abraão (Gên. 14) e Jacó (Gên. 28). E o dízimo continua até o Novo Testamento. Ele é mencionado por Jesus em Mateus 23:23 como algo prática e sugerido por Paulo em 1 Coríntios 9:13 e 14 como meio de pagar os que ministram para nós. O dízimo parece ser um razoável para a contribuição cristã, com ofertas que sacrifício e são acrescentadas à medida que cada indivíduo se sintam guiado a isso (2 Cor. 8:3-4). Jesus disse: "Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um, e amar ao outro; ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas" (Mat. 6:24). Dar generosamente e com alegria lembra-nos de que servimos a Deus e não ao dinheiro, demonstrando nosso amor por Ele de modo tangível.

AMOR ENCARNADO

A lei colocou o amor em palavras para que pudéssemos entender o seu significado. Jesus Cristo colocou o amor na vida para que pudéssemos cumprir as exigências. Jesus disse que Ele veio para cumprir lei e fez isso vivendo de acordo com os princípios morais contidos no Antigo Testamento. Jesus mostrou-nos como é o amor por Deus e pelas pessoas no comportamento humano, tornando-se o exemplo perfeito todos os que assumem o compromisso de obedecer aos dois maiores mandamentos.

UMA VIDA QUE VALE A PENA OBSERVAR

A natureza humana é tal que a vida vivida nos impressiona mais do que a vida falada, especialmente no que diz respeito à moral e à ética. Quando se trata de saber e fazer o que é certo, não há substituto para o exemplo vivo. Jesus Cristo foi esse exemplo para humanidade. Sua vida e seu ministério na terra todos os preceitos morais contidos no Testamento. Jesus não só ensinou a lei moral como também a viveu com inteira perfeição. Ele viveu de um modo que valia verdadeiramente a pena observar.

A mensagem mais eloqüente pregada por meio da vida de Jesus é o amor de Deus pela Sua criação humana. João observou: "Nisto se manifestou o amor de Deus em nós, em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele" (1 João 4:9). Cristo foi o dom do amor de Deus para nós, encarnado. Ele foi o "verbo" definitivo do amor de Deus em nosso mundo (João 1:14). A lei de Moisés foi uma expressão do amor de Deus em palavras. A encarnação de Cristo foi a expressão do amor de Deus na vida humana.

A Bíblia é muito clara quanto à perfeição da vida de Cristo. Pedro disse: "O qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca"(1 Ped. 2:22). Era um "cordeiro sem defeito e sem mácula" (1:19).

Paulo declarou que Cristo "não conheceu pecado"(2 Cor. 5:21). Ele foi "tentado em todas as cousas, à nossa semelhança, mas sem pecado" (Heb. 4:15). A primeira carta de João faz várias referências à impecabilidade de Cristo: "Não há nele treva nenhuma!". "Jesus Cristo, o justo" (2:1); "Ele é puro" (3:3); "Nele não existe pecado" (3:5). Pilatos disse: "Não vejo neste homem crime algum"(Luc. 23:4). O julgamento de Pilatos é o veredicto da história. Jesus teve uma vida realmente perfeita.

A perfeição da vida de Cristo não era simplesmente a ausência de erros, mas a presença de tudo o que é certo e bom, especialmente o Seu amor. Jesus amou Deus Pai (João 14:31). Ele amou Seus discípulos (João 13:1; 17:12,26). Mostrou compaixão pelas multidões (Mar. 8:2), especialmente Seu próprio povo, os judeus, que O rejeitaram (Mat. 23:37). Curou os doentes, deu vista aos cegos, ressuscitou os mortos e esforçou-Se ao máximo ajudando os outros. Sua vida foi de fato uma demonstração contínua do perfeito amor.

Você se preocupa ao pensar que o exemplo do amor dado por Jesus era perfeito e o seu é geralmente imperfeito? Você às vezes levanta as mãos e suspira: "O que adianta? Jamais poderei imitar o exemplo de cristo?". Não desanime. Cristo é perfeito em tudo. Embora nos encoraje a seguir o Seu exemplo (1 Ped. 2:21), Ele compreende as nossas fraquezas e perdoa a nossa imperfeição. João escreveu sobre esse contraste: "Estas cousas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo" (1 João 2:1). O padrão de Deus é a perfeição de Jesus (Efés. 4:13); e Ele trabalha em nós a fim de transformar-nos na imagem de Seu Filho (Rom. 8:29; Filip. 2:13). Certo dia viremos a ser como Jesus em todos os aspectos do caráter (1 João 3.2). Até então, à medida que estudarmos o Seu exemplo e confiarmos na Sua força, devemos ser mais amorosos este mês, este ano, esta década do que fomos anteriormente. Como Ele é perfeito e nós não somos, teremos sempre um objetivo no processo de aprender a amar a Deus e as pessoas como Ele as ama.

Vários aspectos importantes do amor divino estão dramaticamente ilustrados na vida de Cristo. Um olhar mais interrogativo nessas áreas deve encorajá-lo a crescer em amor.

Primeiro, *Jesus amou indiscriminadamente*. Outros judeus evitaram a mulher samaritana com seu passado sórdido, mas Jesus iniciou uma conversa que mudou a vida dela e a de muitos outros (João 4). Jesus passou tempo com todos os que O procuravam, até mesmo os desajustados e rejeitados. Ele curou leprosos, mendigos cegos, e endemoninhados com uma palavra ou um toque. Ele se mostrava à vontade com os ricos e com os pobres. Ministrou a prostitutas, cobradores de impostos desonestos, soldados romanos, dignitários religiosos arrogantes, e estrangeiros. O exemplo de Jesus encoraja-nos a olhar para além das diferenças físicas, culturais e socioeconômicas para ver cada indivíduo como alguém digno do nosso amor.

Jesus amou também incondicionalmente. Ele amou as pessoas quer elas O aceitassem quer não como Messias e Senhor. Embora Jesus soubesse desde o começo que Judas iria trai-lo (João 13:11), mostrou pelo traidor o mesmo interesse que tinha pelos outros discípulos (João 6:70,71; 17:12). Ele orou por aqueles que o crucificaram: "Pai, perdoalhes, porque não sabem o que fazem" (Luc. 23:34). Paulo escreveu sobre o amor incondicional de Cristo: "Difícilmente alguém morreria por um justo [...] Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores" (Rom. 5:7-8). Jesus nos mostra que devemos amar a todos, não por nos amarem ou se importarem conosco, mas porque todos precisam do amor de Deus e do nosso.

Jesus amou sem medida. Paulo orou para que possamos "compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade [...] do amor de Cristo" (Efés. 3:18, 19). Por que precisamos compreender a grandeza do amor de Cristo? Porque nosso amor precisa ficar mais largo, mais comprido, mais alto e mais profundo para abranger as incomensuráveis necessidades de amor à

nossa volta, o amor de Cristo não tem fim, podemos então confiar nEle para ajudar-nos a desenvolver um amor que "tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta" (1 Cor. 13:7), mesmo pelas pessoas menos dignas de amor.

A essência do amor de Cristo envolve *sacrifício*. "Deus amou ao mundo de tal maneira que deu [...]" (João 3:16). O apóstolo Paulo exultou em Cristo "que me amou e a si mesmo se entregou por mim" (Gál. 2:20). Jesus disse aos discípulos: "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos" (João 15:13). Identificando-se como o Bom Pastor, Ele proclamou: "Dou a minha vida pelas ovelhas [...] Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou"(João 10:15,18). O amor que exige sacrifício raramente é fácil ou divertido. Amar as pessoas como Cristo amou pode custar a você tempo, dinheiro, energia, conforto e conveniência. Todavia, o apóstolo João nos desafiou: "Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos" (1 João 3:16).

O amor de Cristo O manteve *envolvido com as pessoas*. Ele não tinha medo de entrar em contato com quem necessitava de Suas palavras e toque amorosos. Compareceu a casamentos (João 2); aceitou convites para banquetes de cobradores de impostos e pecadores (Mat. 9:9-12); foi até rotulado de "amigo de publicanos e pecadores" (Mat. 11:19). Jesus misturou-se às multidões, viveu em companhia dos discípulos, Participou de festas e esteve muitas vezes no templo e na sinagoga. Embora ocasionalmente Se afastasse para orar e descansar, Jesus gostava de estar com as pessoas, oferecendo de Si mesmo a elas. Para seguir o Seu exemplo, devemos investir a nossa vida em outrem, mesmo quando preferirmos não ser incomodados. Isso pode significar às vezes sair com os seus colegas de trabalho depois do expediente, a fim de construir pontes de amizade. Pode significar envolver-se com seus vizinhos para um café, ir a um jogo de voleibol de antigos colegas com sua esposa, oferecer-se como voluntário num comitê de pais na escola de seu filho, ou fazer um curso na faculdade do bairro. Sempre que nos envolvemos

com as pessoas com o propósito de oferecer-lhes amizade, encorajá-la; e compartilhar as boas-novas com elas, estamos amando como Cristo amou.

O amor de Cristo era também *firme*. Não foi desamor quando Ele censurou os fariseus pela sua hipocrisia, advertindo: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! [...] Ai de vós, guias cegos! [...] Serpentes, raça de víboras! (Mat. 23:13,16,33). Como já descobrimos, amar significa dar proteção e provisão aos objetos do nosso amor, mesmo que tenhamos de confrontá-los amorosamente com o pecado deles na esperança de poupar-lhes penosas conseqüências. Jesus manifestou firmeza no amor quando expulsou os cambistas do templo com um chicote (João 2:14-16). O amor não precisa ser brando para ser bondoso, "porque o Senhor corrige a quem ama, e açoita a todo filho a quem recebe" (Heb. 12:6). Você está seguindo o exemplo do amor resistente de Cristo quando se opõe a um currículo na escola de seu filho que viole os princípios bíblicos, quando proíbe a seus filhos assistir a um filme que poderá afetar negativamente a moral deles, ou quando questiona uma política empresarial injusta ou desonesta. Deixamos de manifestar amor quando permitimos que as pessoas se afastem dos caminhos de Deus sem uma advertência porque não desejamos ser impopulares.

UM PADRÃO QUE MERECE SER SEGUIDO

O amor de Cristo, apesar de toda a sua beleza, é mais do que uma obra de arte que podemos apreciar e louvar. O amor de Cristo não é primordialmente belo, mas redentor e ético. Não é simplesmente uma pintura a ser contemplada, mas também um padrão a ser seguido. O Seu amor não nos beneficia muito se não for colocado em prática. Jesus é o padrão para a responsabilidade do cristão em amar a Deus e aos seus semelhantes.

A marca do cristianismo é o amor. Jesus anunciou: "Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros" (João

13.35). Ele apontou para Si mesmo, sem nenhum constrangimento, como o padrão pára o nosso amor pelos outros: "[...] ameis uns aos outros, assim como eu vos amei" (João 15:12). Paulo sublinhou o tema quando escreveu: "Andai em amor, como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós" (Efés. 5:2). Aos maridos é dito: "Amais vossas mulheres, como também cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela" (Efés. 5:25). Não basta apreciar o exemplo; devemos seguir o padrão.

O amor do cristão deve ser abnegado, como foi o de Cristo. Ele entregou a Sua vida por nós a um grande custo pessoal; devemos entregar a nossa vida pelos outros mesmo quando isso nos custe algo (João 15:13). O amor do cristão deve ser perdoador, como o de Cristo. Da mesma forma que Jesus perdoou aqueles que O pregaram na cruz, devemos amar nossos inimigos e orar por aqueles que nos perseguem (Mat. 5:44). A última oração de Estêvão por aqueles que o apedrejavam foi semelhante à de Jesus: "Senhor, não lhes imputes este pecado"(Atos 7:60). Paulo advertiu: "Abençoai aos que vos perseguem, abençoai, e não amaldiçoeis [...] Não tomeis a ninguém mal por mal [...] Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber [...] Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem" (Rom. 12:14,17,20,21). Se você não puder perdoar os que lhe fizeram mal, não estará amando como Cristo amou.

O amor do cristão deve ser firme como o de cristo. Os pais devem amar os filhos, criando-os "na disciplina e na admoestação do Senhor" (Efés. 6:4). De fato, manter a disciplina é equivalente a manter o amor. Salomão escreveu: "O que retém a vara aborrece a seu filho, mas o que o ama, cedo o disciplina" (Prov. 13:24). Lembre-se: O amor não se importa tanto em dar às pessoas o que elas *querem*, mas em dar-lhes o que *precisam*. Foi um amor firme que levou Jesus a repreender Pedro: "Arreda! Satanás; tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das cousas de Deus, e, sim, das dos homens" (Mat. 16:23). Foi também o amor firme que moveu os cristãos de Corinto a expulsar um membro imoral da igreja (1 Cor. 5:5) porque "um pouco de fermento leveda a massa toda" (v. 6).

O amor perdoa e mostra firmeza. O amor não é ingênuo e sentimental; é realista e forte. Seguir o padrão do amor de Cristo irá prepará-lo para ser uma pessoa de relevância e influência no seu mundo, assim como um instrumento de consolo e encorajamento.

UM PODER DIGNO DE SER RECEBIDO

O amor de Cristo é mais eloqüentemente resumido em **1 Coríntios 13**, o capítulo do amor. A beleza do padrão do amor desprendido de Cristo é vista quando inserimos o Seu nome em lugar da palavra amor nesses versos, pois Deus é amor e Cristo é o amor de Deus encarnado.

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver Cristo, serei como o bronze que sua, ou como o címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé a ponto de transportar montes, se não tiver Cristo, nada serei. E ainda que eu distribua todas os meus bens entre os pobres, e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver Cristo, nada disso me aproveitará.

Cristo é paciente, é benigno, não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. Cristo jamais acaba.

Não se pode calcular o valor do padrão do amor de Cristo. A lei expressou o significado do amor; Cristo viveu esse significado. A lei *definiu* e Cristo *demonstrou* o amor. O significado do amor – o amor de Deus – não podia ser mais perfeitamente manifestado do que numa vida de perfeito amor. A vida de amor de Cristo cumpriu o que a lei exigia. Paulo escreveu: "Porquanto o que fora impossível á lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado. A fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito" (Rom. 8:3,4). Cristo cumpriu a lei *por* nós e Ele também

cumpra a lei *em* nós. Ele foi a primeira pessoa a viver perfeitamente as exigências do amor e irá transferir esse poder para nós pelo Espírito, pois "o fruto do Espírito é: amor" (Gál. 5:22).

O valor do amor vivido na carne em relação ao expresso na lei é muito claro. A lei pode dizer-nos o que o amor deve fazer, mas ela mesma não pode colocá-lo em prática. Cristo, porém, pôde fazê-lo. Ele cumpriu todas as exigências da lei do amor. E, pelo Seu Espírito, Ele concede esse amor a todos os que estejam dispostos a recebê-lo. Se você está disposto a morrer para o "eu" e permitir que o amor de Deus corra para outros através de você, receberá então o poder de amar como Cristo amou. Poderá dizer com Paulo: "Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim: e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim" (Gál. 2:19,20).

Cristo é o perfeito amor de Deus personificado, e Ele vive em você. A fim de entender a importância do amor de Deus operando em e através da sua vida, escreva o seu nome nos espaços em branco abaixo. Depois leia estas linhas de 1 Coríntios 13 em voz alta para si mesmo várias vezes.

	_____ é paciente, _____ é benigno,
	_____ não arde em ciúmes, _____ não se ufana,
	_____ não se ensoberbece, _____ não se
conduz	_____ inconvenientemente, _____ não procura os seus
interesses,	_____ não se exaspera, _____ não se ressent
do	_____ mal; _____ não se alegra com a injustiça, mas regozija-
se	_____ com a verdade; _____ tudo sofre, _____ tudo
crê,	_____ tudo espera, _____ tudo suporta.

_____ jamais acaba.

O amor de Cristo é mais que um padrão para a nossa vida; é a possibilidade e o poder que nos capacitam a viver uma vida de perfeito amor. João disse: "Todo aquele que ama é nascido de Deus, e conhece a Deus" (1 João 4:7). Ninguém pode amar verdadeiramente a não ser que conheça a Deus. Mas, se você conhece a Deus e foi cheio com o Seu poder, a vida de amor que Ele requer de você é uma possibilidade perfeitamente exequível.

PERGUNTAS DIFÍCEIS E RESPOSTAS DIRETAS SOBRE O PADRÃO DO AMOR DE CRISTO

Como você pode dizer que Cristo amou os cambistas quando Ele virou as mesas deles e os expulsou da templo com um chicote? Como a ira se ajusta ao mandamento de amar?

Como já discutido, algumas vezes o amor precisa ser firme. A explosão irada de Cristo no templo é um exemplo de amor firme em ação. Seu amor pelo Pai não lhe permitiu deixar passar tal desrespeito a Deus no templo. Nem o Seu amor pelas pessoas permitiria que Ele tolerasse a desobediência delas. A Sua ira não foi motivada pelo ódio aos cambistas, mas pelo amor a Deus e às pessoas. Isso se assemelha à reação que você teria se fosse cirurgião e alguém entrasse na sala de operação sem primeiro desinfetar-se. Você iria rapidamente e talvez com severidade mandar a pessoa para fora da sala, a fim de proteger o paciente dos germes. Ou, se descobrisse alguém roubando os pobres ou explorando a parca renda de uma viúva, procuraria ajudar as vítimas.

Amar não significa que você só faz ou diz o que agrada às pessoas. O amor quer trabalhar e trabalha para o bem do ente querido, mesmo quando esse bem é difícil de aceitar. Você submete seu filho à dor de uma vacina ou cirurgia, caso necessário, porque o ama o suficiente para não querer que ele adoça. Você disciplina um empregado preguiçoso porque o ama o suficiente para que ele não seja demitido por

negligência. No centro desses atos difíceis, está o seu compromisso de obter o melhor para aqueles a quem ama. Jesus demonstrou que até a ira pode ser uma expressão de amor quando a raiz dela é o desejo de fazer o que é certo para os envolvidos.

AMOR EM CONFLITO

Deus é amor, e o amor VEM de Deus. Portanto, em Deus, não há conflito de amor. Existe uma perfeita harmonia entre Deus Pai – o grande Agente do Amor – Seu Filho amado e o Espírito de Amor. Mas na Terra a história é diferente. Os vários deveres do amor algumas vezes entram em conflito uns com os outros até para os que estão mais decididos a amar como Cristo amou. As responsabilidades do amor se sobrepõem e os deveres se chocam, provocando tensão. Outras vezes dois ou mais mandamentos são conflitantes. Como decidir entre eles? Em outras ocasiões, nenhuma das opções abertas para nós parece a coisa amorosa a fazer. Onde buscar as respostas? Esses dilemas põem à prova nosso compromisso de amar.

O povo de Deus na Bíblia enfrentou freqüentemente dilemas éticos, nos quais a escolha amorosa era de difícil discernimento. Por exemplo:

- Para o patriarca Abraão matar seu filho é errado, assim como desobedecer a Deus. Como decidir o que fazer quando Deus lhe dá ordem para oferecer Isaque como sacrifício humano? (Veja Gênesis 22.)
- Deus ordena obediência ao Faraó do Egito, mas este manda que as crianças inocentes dos israelitas sejam mortas. Como as parteiras decidiram o que fazer? (Veja Êxodo 1.)
- A Bíblia proíbe a mentira, mas os espiões de Israel serão mortos se Raabe revelar o esconderijo deles para os soldados que estão investigando. O que ela deve fazer? (Veja Josué 2.)

- A rainha dá ordens para que todos os profetas de Deus sejam mortos. Mas Obadias desobedece e esconde cem deles. Obadias está agindo com amor? (Veja 1 Reis 18.)
- Abraão teme pela segurança da sua esposa e diz que ela é sua irmã ao rei. A mentira de Abraão é uma atitude de amor? (Veja Gênesis 20.)
- O homicídio é proibido por Deus. Mas o rei Saul está mortalmente ferido e ordena que seu escudeiro o livre do sofrimento. O servo estava certo em matar o seu rei? (veja 1 Samuel 31.)

Estas situações podem parecer remotas e distantes das experiências contemporâneas. Afinal de contas, sacrifícios, monarcas em guerra e costumes bastante primitivos não fazem parte da nossa cultura. Mas nós também temos a nossa cota de conflitos de amor que não são menos ambíguos e desafiadores. Por exemplo, como você agiria com amor quando:

- os mandamentos dizem que não devemos matar, mas o governo do seu país o manda ao campo de batalha para defender a democracia?
- como adolescente cristão, seus pais o proíbem de servir a Deus ou de falar com outros cristãos?
- sua mulher sofre complicações graves no parto e está quase morrendo, você tem de escolher entre salvar a vida dela ou a de seu filho?
- uma colega de trabalho o faz jurar segredo e depois confessa que está roubando dinheiro da empresa?
- seu avô de noventa anos, sofrendo de dor contínua e torturante por causa de uma doença terminal, pede que você lhe dê comprimidos suficientes para levá-lo "aos braços de Jesus e à paz eterna"?

- um indivíduo enlouquecido pelas drogas entra no restaurante onde você se encontra com seus pais, mulher e filhos e começa a atirar selvagememente, e você pode matá-lo ou atirar-se na linha de fogo para salvar outros?

Estes exemplos tocam apenas superficialmente em uma enormidade de dilemas éticos que testam a nossa compreensão e compromisso no que diz respeito ao amor. Em muitas situações desse tipo, a escolha mais amorosa nem sempre é óbvia. Como decidir o que fazer?

BECOS SEM SAÍDA PARA RESOLVER OS CONFLITOS NO AMOR

Alguns crentes sugeriram maneiras diferentes para resolver a questão do amor em conflito. As seguintes respostas talvez pareçam oferecer um caminho claro para uma solução bíblica, mas acabam sendo becos sem saída no esforço de praticar o amor na vida real.

Só existe um dever absoluto de amar portanto não há conflito. Esta linha de pensamento declara que são necessários dois absolutos para que haja um conflito absoluto. Mas, desde que há um único dever absoluto no amor, então todos os conflitos são aparentes e não reais. Em todas as situações só existe um dever absoluto: Tome a atitude mais amorosa possível.

Esta é uma abordagem simples e direta, livre do peso de vários mandamentos éticos que em geral parecem estar em conflito entre si. Ela também preserva a natureza absoluta do amor e instrui o crente a simplesmente dar a resposta mais piedosa e amorosa. Ela é também de ampla aplicação. A regra geral é amar, mas o significado particular do amor será determinado pela situação específica.

Esta abordagem, porém, não resolve os dilemas éticos. Primeiro, não existe apenas um dever absoluto de amar, mas pelo menos dois: amar a Deus e amar ao próximo. Como Abraão descobriu, ao ver-se preso entre Deus e seu filho Isaque, esses dois deveres algumas vezes

entram em conflito. Não é possível dizer que amar a Deus é um absoluto e amar as pessoas não é. Ambos são ordenados por Deus.

Além disso, a ética de um só absoluto é demasiado geral para ser significativa. Dizer-nos para fazer a coisa mais amorosa possível sem explicar como podemos determiná-la deixa-nos num dilema. Sem os mandamentos e o exemplo de Cristo, os cristãos não saberiam quais são realmente as obrigações absolutas do amor, para não dizer nada da habilidade para cumpri-las. Ficamos à mercê de nossas intuições e conjecturas.

Outra linha de pensamento sem saída declara: *Os conflitos morais são falsos dilemas porque Deus sempre provê uma saída, uma terceira opção*. Os cristãos que aceitam isto asseveram que Deus é fiel em relação aos que são fiéis à Sua lei e num conflito (tentação) aparente sempre "vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar"(1 Cor. 10:13). Deus interferiu e salvou Abraão da necessidade de matar Isaque e Ele fará o mesmo por qualquer outro que seja fiel aos Seus mandamentos.

Essas pessoas citam incidentes como o que ocorreu na Segunda Guerra Mundial para provar que Deus oferece uma saída para os dilemas morais quando os indivíduos se comprometem a obedecer aos Seus mandamentos. Soldados alemães invadiram uma casa de simpatizantes da causa judia, onde os judeus eram escondidos debaixo do assoalho. "Vocês estão escondendo judeus aqui?", perguntaram os soldados. Uma criança que fora ensinada a nunca mentir deixou escapar: "Sim, senhor, eles estão debaixo da mesa". Em vez de procurar um alçapão, os soldados riram dizendo: "Isso é ridículo. Não há ninguém em baixo da mesa". Eles foram embora, poupando milagrosamente os judeus, apesar do esconderijo deles ter sido revelado. "Deus proveu uma saída para os judeus e seus hospedeiros quando a verdade foi revelada", dizem alguns, "e Ele fará o mesmo por nós".

Esta opinião é louvável á primeira vista, pois confirma a existência de muitos mandamentos absolutos de amor na Escritura e não só uma

norma virtualmente sem sentido e irrelevante. A suposição é esta: se Deus emitiu ambos os mandamentos supostamente conflitantes, Ele espera que obedeçamos aos dois e nos ajudará a cumpri-los sem pecar.

Será que todos os conflitos são apenas aparentes e não reais? Haverá sempre uma terceira opção em cada dilema? A evidência é contrária. Abraão não teve de matar o filho, mas *ele pretendia fazer isso* e Jesus ensinou que a moral é uma questão de intenção (Mat. 5:21,22,27,28). As parteiras hebréias salvaram a vida das crianças, mas tiveram de desobedecer ao governo para isso. Os pais de Moisés esconderam o filho pequeno em vez de entregá-lo ao carrasco do Faraó como ordenado. Eles não foram repreendidos por Deus pela desobediência que assumiram, mas elogiados pela fé que tiveram (Heb. 11:23).

Este ponto de vista supõe também que todos os mandamentos sejam equivalentes. Mas não são. O amor a Deus é o "grande e primeiro mandamento" (Mat. 22:38). O segundo mandamento, amor pelo próximo, é *semelhante* ao primeiro, mas não *equivalente* a ele (v. 39). Há ocasiões em que o amor a Deus entra em conflito com o amor pelas pessoas e, nesses casos, o amor por Deus deve vir em primeiro lugar. Se e quando Deus provê milagrosamente um meio de acomodar ambos, devemos ser gratos. Mas a história revela que Deus nem sempre responde desta forma. O povo de Deus teve de escolher muitas vezes entre obedecer a Ele ou às pessoas – e Deus honrou essas escolhas.

Outra maneira errada de pensar declara: *Quando não podemos evitar a quebra de um mandamento para obedecer a outro, devemos simplesmente escolher o menor dos dois males*. Este ponto de vista impele-nos a escolher sempre a opção menos desamorosa possível em face de um conflito moral. É claro que, se quebrarmos um mandamento de Deus em qualquer circunstância, estamos pecando. A providência de Deus nem sempre nos oferece um meio de fugir do pecado; mas damos graças porque o amor de Deus provê perdão para os que confessam. Os apóstolos então, evidentemente, terão de confessar seu pecado de

desobediência às autoridades judias, a fim de obedecer ao mandamento de Deus para pregar. O jovem que precisa escolher entre obedecer a Deus ou aos pais deve obedecer a Deus e, ao mesmo tempo, pedir e receber o perdão de Deus por violar o quinto mandamento.

Esta abordagem contém alguns pontos que precisam ser analisados com mais cuidado. Primeiro, um Deus onisciente e cheio de amor julgaria alguém culpado por fazer o que era inevitável? Se a nossa escolha for o menor entre dois males, será justo que Deus nos culpe por fazer o melhor que pudermos? Dificilmente. Parece incoerente, de acordo com a natureza de Deus como revelada na Escritura, estabelecer mandamentos absolutos mas conflitantes e depois nos declarar culpados por escolher um deles, mesmo que seja a melhor escolha. A pessoa só é culpada se a sua atitude for evitável.

Segundo, se até mesmo a escolha num conflito moral for pecado, o que isso diz sobre a impecabilidade de Cristo? Por exemplo, Jesus confirmou o mandamento para honrar pai e mãe (Mat. 15:4; 19:19). Mas, em pelo menos uma ocasião, Ele deixou Sua mãe esperando para vê-Lo por estar ocupado servindo outras pessoas (Mat. 12:46-49). A fim de obedecer ao Pai e oferecer Sua vida como sacrifício pelo pecado, Jesus teve de deixar a mãe aos cuidados de outros (Jó 19:25-27). Em situações desse tipo e talvez em muitas outras, Jesus desobedeceu ao menor dentre dois ou mais mandamentos conflitantes. Ao fazer isso, Ele então pecou – o que as Escrituras rejeitam absolutamente (Heb. 4:15), ou não existem situações que exijam um mal menor. Há sempre um bem positivo possível em cada escolha moral, e escolher o bem maior transcende qualquer obrigação de fazer o bem menor.

Terceiro, desde que Deus nos chama para a obediência e santidade, por que Ele nos colocaria numa situação em que todas as escolhas são erradas? Não faz sentido dizer que somos moralmente obrigados a fazer o mal menor. Isto significaria que é certo agir errado, é certo pecar, e isso não é bíblico.

OPTE SEMPRE PELO BEM MAIOR

O amor nunca fica preso a um dilema. Há níveis e esferas de amor, e um é sempre superior ao outro. Cada mandamento de amor é absoluto *em sua* área. Mas, quando essa área se sobrepõe à outra, então a menor responsabilidade de amar deve ficar subordinada à maior. Por exemplo, quando as duas estão em conflito, o dever para com Deus tem prioridade sobre o dever para com as pessoas, como demonstrado no exemplo de Abraão e seu filho Isaque. As parteiras hebréias obedeceram à obrigação maior de salvar vidas humanas, sobrepondo-a à de contar a verdade ao rei que procurava matar as crianças.

Cada um dos mandamentos absolutos da Bíblia é obrigatório para a relação que especifica. O adultério é sempre errado. O assassinato nunca é certo por si mesmo. A mentira é universalmente errada como tal. Todavia, quando uma ou mais dessas relações, que são erradas em si mesmas, se sobrepõem a outra, nosso dever com a menor pode ser suspenso em vista de nossa responsabilidade com a maior. Por exemplo, se você acorda e encontra um ladrão armado com uma faca em seu quarto, a proibição de matar é suspensa em favor da obrigação de proteger sua mulher e seus filhos. Não existe *exceção* para os mandamentos absolutos, mas existem algumas *isenções* em vista das prioridades superiores do amor. Há sempre um bem maior.

Além disso, como Deus nos deu muitas leis definindo a natureza e as áreas do amor, podemos saber antecipadamente o que fazer numa dada situação. Isto coloca a ética do amor para o cristão em oposição direta à ética situacionista. A ética situacionista afirma que a situação determina a atitude amorosa a tomar. A ética do amor de Deus prescreve antecipadamente o que deve ser feito em cada situação, mesmo quando os mandamentos estejam em conflito. Devemos sempre optar pelo bem maior.

O fato de haver bens maiores e menores está claro na Escritura. Jesus falou dos "preceitos mais importantes da lei" (Mat. 23:23). A

justiça e a misericórdia pesam mais na balança de Deus do que a contribuição, embora a lei exigisse ambas as coisas (Mat. 23:23). Ajudar alguém necessitado, tal como a tarefa de alimentar os famintos ou curar os doentes, era mais importante para Jesus do que guardar o sábado (Mat. 12:1-5).

Os dois grandes mandamentos de Jesus revelam bens maiores e menores. O amor a Deus é um bem maior do que o amor pelas pessoas (Mat. 10:37). O seu amor por Deus pode levá-lo a desobedecer ao governo se este ordenar que você cometa pecado, mas o amor pelo seu país nunca deve levá-lo a desobedecer a Deus em nenhuma circunstância. O amor pela família é um bem maior do que o amor pelos estrangeiros (1 Tim. 5:8). Ajudar os crentes é um bem maior do que prover para os incrédulos (Gál. 6:10). No próximo capítulo, vamos discutir uma lista mais detalhada dos bens maiores e menores sugeridos na Escritura.

Todo o conceito de recompensas está alicerçado na premissa de que algumas atividades são melhores do que outras. Na parábola de Jesus sobre os dez servos, o que foi mais bem-sucedido ficou encarregado de dez cidades; o que não se saiu tão bem recebeu cinco cidades (Luc. 19:12-26). Paulo escreveu aos fiéis: "Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo" (2 Cor. 5:10). Alguns vão receber uma coroa, e outros não (Apoc. 3:11). As obras de alguns provarão ser "ouro, prata, pedras preciosas", enquanto as de outros se assemelharão a "madeira, feno, palha" (1 Cor. 3:12). A cada dia temos oportunidades para escolher bens maiores ou menores pelos quais vamos receber recompensas maiores ou menores.

Assim como há bens maiores e menores, há também males maiores e menores. Todos os pecados são pecado, mas nem todos os pecados são igualmente pecaminosos. Tiago escreveu: "Qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos" (Tia. 2:10). Ele estava falando da unidade da lei e não da igualdade do pecado. Tiago

reconheceu bens maiores e menores quando sugeriu que os professores da Palavra são mais responsáveis do que os que não são professores (Tia. 3:1). Jesus indicou que ter pensamentos adúlteros é tão errado quanto cometer um ato de adultério. Mas o ato é um mal maior do que o pensamento porque causará mais impacto sobre mais pessoas do que o pensamento.

Há, portanto, uma escala que mede o bem e o mal. Alguns atos são melhores e outros piores. De fato, Jesus falou de um "maior pecado" (João 19:11). O bem e o mal estão classificados numa pirâmide, com o melhor no alto, o pior em baixo, e graus variados de bem e mal no meio. Alguns atos imorais são mais viciosos do que inúmeros outros atos perversos. Por exemplo, um ato brutal de homicídio pode ser pior do que muitas mentirinhas. Portanto, sempre que enfrentamos um conflito entre boas alternativas ou entre o bem e o mal, o curso de ação moralmente certo é sempre o bem maior ou a resposta mais amorosa. De fato, optar por algo menor que o bem maior pode ser errado. Por exemplo, se um homem salvasse duas pessoas de morrerem afogadas, mas pudesse ter salvado cinco com a mesma facilidade, o bem praticado por ele teria sido manchado pelo pecado. Tiago declarou: "Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz, nisso está pecando" (Tia. 4:17).

Uma vez que os atos morais têm valores diferentes, é necessário que os cristãos pesem as alternativas para o amor, a fim de escolher o bem maior ou a resposta mais amorosa. Esta é em geral uma tarefa difícil, mas não impossível quando conhecemos a escala divina de valores da Escritura.

A base para determinar bens maiores ou menores é o maior de todos os bens: Deus. Desde que não podemos perguntar diretamente a Deus, temos de encontrar a bondade absoluta na Sua lei e no Seu Filho, que nos são apresentados na Bíblia. A Palavra de Deus é o critério para medir bens maiores e menores. O valor de um ato é então determinado por quão semelhante a Cristo e a Deus ele é. As prioridades éticas são determinadas por quão próximas ou quão distantes elas estão do amor

absoluto encontrado na lei de Deus e na vida de Cristo. Quanto mais semelhante a Cristo é o ato, tanto maior o bem; quanto mais próxima a semelhança do amor perfeito de Deus, tanto mais amorosa ela é.

Esses conceitos destacam uma importante diferença entre a ética absoluta do amor e muitas outras éticas contemporâneas. A ética cristã é determinada pelas regras reveladas e não pelos resultados esperados. Em muitos círculos, é comum determinar o que está eticamente certo, avaliando o que trará o bem maior para o maior número de pessoas a longo prazo. Essa teoria, chamada utilitarismo, foi iniciada pelo filósofo Jeremy Bentham e desenvolvida por John Stuart Mill em princípios do século dezenove. Ela parece boa, mas as diferenças entre a abordagem utilitária e a cristã para determinar o bem são cruciais.

Primeiro, os utilitaristas enfocam os resultados desejados e planejam reagir em conformidade a estes. Os cristãos enfocam a resposta mais amorosa, como revelada nas regras e nos princípios da Escritura, deixando os resultados a longo prazo nas mãos de Deus. Nós não determinamos a regra pelos resultados; os melhores resultados possíveis ocorrerão, entretanto, quando obedecermos à regra já estabelecida por Deus.

Segundo, as regras de Deus para determinar o bem supremo são absolutas; as regras utilitaristas são generalizações baseadas em experiências anteriores que alcançaram os melhores resultados. Os princípios da ética cristã são alicerçados na natureza e na vontade de Deus, sendo então universalmente aplicáveis e absolutamente obrigatórios. As regras utilitaristas estão sujeitas a exceções não especificadas que justificarão os resultados.

Terceiro, para os utilitaristas, um ato é bom somente se tiver boas conseqüências. Para os cristãos, um ato só é bom se cumprir os mandamentos de Deus separadamente das conseqüências. Por exemplo, se um indivíduo falhar nas suas melhores tentativas de salvar alguém que se está afogando, os utilitaristas diriam que não foi um ato bom, porque

falhou. Para os cristãos, a tentativa amorosa é boa resulte ou não em salvamento.

Os cristãos gozam de várias vantagens sobre os utilitaristas. Não determinamos o que é certo ou errado; Deus já tomou a decisão e revelou-a na Sua Palavra. Nós só decidimos que pensamento ou ação estará de acordo com o que Ele revelou ser correto. Além do mais, não temos de descobrir qual a coisa amorosa a fazer numa situação de conflito. Deus já revelou as Suas prioridades amorosas na Escritura. Finalmente, não temos de adivinhar os resultados a longo prazo baseados na experiência humana, a fim de determinar o melhor curso de ação. Nós simplesmente agimos de acordo com a revelação de Deus e permitimos que Ele cuide dos resultados a longo prazo.

FAZENDO A NOSSA PARTE

A ética do amor cristão não é um programa de computador que emite respostas para conflitos de amor sem requerer nenhum esforço ou decisão da nossa parte. Pelo contrário, são necessários muita dedicação e esforço para escolher sempre o melhor bem e a resposta mais amorosa. Devemos encher a mente e o coração com as Escrituras, a fim de conhecer a natureza e o amor de Deus, Suas leis e a vida exemplar do Seu Filho. Jesus acusou os religiosos da Sua época: "Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus" (Mat. 22:29). Quanto mais você assimila a Palavra de Deus, tanto mais preparado estará para discernir as escolhas certas nas situações de conflito.

Devemos também pesar as alternativas, em espírito de oração, para descobrir o curso de ação que esteja mais de acordo com os mandamentos bíblicos. Esta não é uma tarefa que você pode delegar aos seus pais, líder de estudo bíblico ou pastor. A decisão é sua, e você deve então considerar as opções e pedir orientação a Deus nas Escrituras e mediante oração pessoal. A seguir, você deve colocar em prática a sua

decisão. Apenas saber o que é certo não basta; é preciso tomar as providências necessárias para transformar a ética em ação.

Qual o papel do Espírito Santo nesse processo? É o Espírito Santo quem nos revela a verdade e nos capacita a praticá-la (João 16:13). Sem os princípios revelados pelo Espírito para agirmos e sem o poder dEle para praticarmos o que é certo, não pode haver ética cristã. Sabemos que o Espírito de Deus não irá guiar-nos separadamente da Palavra de Deus ou em conflito com os preceitos nela incluídos. A verdade que Deus revela pelo Seu Espírito é a contida nas Escrituras. A Bíblia é suficiente para a fé e para a prática; ela é a revelação completa do amor absoluto de Deus (2 Tim. 3:16-17). Não enfrentamos situações morais para as quais não encontramos princípios na Palavra de Deus. O papel do Espírito Santo é iluminar a verdade de Deus para nós, a fim de podermos tomar as decisões certas. Ele faz isso lembrando-nos de um princípio bíblico que talvez tenhamos esquecido, dirigindo-nos a um princípio que ainda não tenhamos descoberto, ou dando-nos novo discernimento em relação a princípios que já estejamos usando.

Em todos esses casos, porém, o Espírito Santo nos conduz à Bíblia para que obtenhamos a resposta. Em caso algum devemos ir além ou desviar-nos do que está escrito na Palavra de Deus. Essa é a maneira de Ele ajudar-nos a discernir a praticar o maior e mais amoroso bem até mesmo nas situações mais difíceis.

PERGUNTAS DIFÍCEIS E RESPOSTAS DIRETAS SOBRE O CONFLITO NO AMOR

E o poder milagroso de Deus? Não podemos esperar que Ele interfira nas situações em que o amor está em conflito?

Deus é Todo-Poderoso e cheio de amor, mas Ele não é o nosso gênio da garrafa, esperando para livrar-nos de todo problema ou dilema moral. A presença constante de Deus nos é prometida (Mat. 28:20), mas em ponto algum da Escritura temos a promessa de que Ele irá sempre

intervir e salvar-nos dos conflitos morais. Sadraque, Mesaque e Abede-Nego compreenderam isso, dizendo ao rei Nabucodonosor: "Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos, ele nos livrará da fornalha de fogo ardente, e das tuas mãos, ó rei. Se *não*, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste" (Dan. 3:17-18; ênfase acrescentada).

Esperar um milagre em cada situação difícil transfere para Deus a responsabilidade de nossas escolhas e atos, algo que Ele não planejou. Trata-se de uma mentalidade que sugere: "Sempre que estiver em perigo, aposte em Deus". Temos a Sua Palavra para nos dirigir e o Seu Espírito para nos encorajar e consolar. Estes são milagres em si mesmos e estão sempre ao nosso dispor. Nunca devemos basear uma decisão presente sobre a possibilidade de Deus operar um milagre espetacular no futuro. Isso equivale a tentar a Deus, algo que jamais devemos fazer (Mat. 4:7). Pelo contrário, devemos usar os recursos que Ele já nos deu e confiar na Sua presença enquanto avançamos em meio às dificuldades e aos dilemas da vida.

PRINCÍPIOS DE VALOR PARA RESOLVER OS CONFLITOS DE AMOR

Quando os vários níveis de amor se sobrepõem ou entram em conflito, a Palavra de Deus nos chama para seguir a obrigação mais elevada do amor. Por trás de cada uma das situações conflitantes encontra-se um ou mais princípios bíblicos indicando qual é o bem maior. Estes princípios emergem à medida que a luz do amor imutável de Deus passa pelo prisma da experiência humana, lançando um espectro ou ordem dos valores divinos. Vamos considerar alguns dos princípios gerais de valor neste capítulo e uma categoria mais especializada de valores no capítulo seguinte.

VOU FAZER DO JEITO DE DEUS OU DO MEU?

Você conhece algumas das cenas seguintes?

O despertador toca bem cedo e você e sua família reiniciam a correria de sempre. Você sabe que deve levantar-se e manter seu encontro diário com Deus. Seu dia corre melhor depois de um período de leitura bíblica e oração. Se não fizer isso logo pela manhã, seu horário ocupado não permitirá fazê-lo mais tarde. Mas você teve uma reunião do comitê da igreja na noite passada e está realmente cansado. Quer tirar uma folga e dormir no horário reservado para orar.

Seu pé-de-meia vem crescendo há meses e você finalmente tem dinheiro para o novo jogo eletrônico que deseja. Mas o seu pastor acabou de anunciar uma grande campanha de angariação de fundos para a construção do novo templo. Ele pediu à congregação que fizesse um

sacrifício financeiro, a fim de que outros pudessem ser alcançados para Cristo. Você se sente guiado a contribuir com certa quantia para o fundo, mas, se fizer isso, terá de adiar a compra do novo divertimento.

Você planejou uma sexta-feira tranqüila depois de uma semana tumultuada. Planeja descansar lendo um bom livro ou assistindo a um vídeo sem ter de falar com ninguém. O telefone toca e sua intenção é não atender, mas só ouvir quando a pessoa deixar a mensagem na secretária eletrônica. É uma conhecida sua, aflita com um problema familiar. Ela quer que ligue no momento em que "voltar". Você fica comovido com o problema dela e pensa em pegar o telefone e ajudá-la. Ao mesmo tempo, porém, odeia perder a noite de sexta-feira que separou especialmente para relaxar.

Como reagir em tais situações? Um conflito inicial e muito repetido em nossa vida surge entre o amor a Deus e a si mesmo. O seu compromisso de amar e servir a Deus pode ser forte, e seu compromisso de cultivar e amar a si mesmo pode ser saudável. Os exemplos anteriores ilustram, no entanto, que esses dois sentimentos ocasionalmente se chocam. Quando isso acontece, o maior bem é amar a Deus acima do "eu". Jesus disse: "Se alguém vem a mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e *ainda* a sua própria vida, não pode ser meu discípulo" (Luc. 14:26; ênfase acrescentada).

Jesus também exemplificou esse princípio de valor. Ele orou no jardim: "Meu Pai: Se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e, sim, como tu queres" (Mat. 26:39). Jesus era totalmente homem e totalmente Deus. Em Sua humanidade, Ele teria evitado a morte penosa e humilhante que o aguardava. Mas o Seu amor pelo Pai superou até o Seu desejo de autopreservação.

José teve de enfrentar outra expressão do conflito entre o amor por Deus e pelo ego quando a mulher de Potifar tentou seduzi-lo. Ele tinha muito a ganhar cedendo à tentação: o favor da mulher do seu dono, promoções cada vez maiores como servo da casa e a satisfação dos

impulsos sexuais normais. Mas José respondeu: "Como, pois, cometeria eu tamanha maldade, e pecaria contra Deus?" (Gên. 39:9). Ele não colocou suas necessidades e prazeres acima do amor por Deus.

Moisés podia escolher entre continuar como príncipe privilegiado no Egito ou obedecer ao chamado de Deus para tornar-se o libertador de Israel. Moisés optou pelo bem maior, "preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus, a usufruir prazeres transitórios do pecado" (Heb. 11:25).

Paulo exortou os crentes: "Apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional" (Rom. 12:1). Isso significa que Deus quer que gastemos todo o nosso tempo, energia e recursos servindo a Ele e aos outros, sem sobrar nada para nós mesmos? Não. A Escritura nos admoesta a cuidar diligentemente de nós mesmos para que possamos cuidar de outros. Entretanto, tudo o que somos e temos pertence a Deus. Ele conhece as nossas necessidades de descanso, recreação, crescimento e saúde. Ele quer que sejamos mental, física, espiritual e socialmente sadios. Mas, quando os Seus planos são contrários aos nossos, devemos dizer *Sim* a Ele, como nos seguintes exemplos:

Se você for tentado a desligar o despertador e dormir durante o seu período de intimidade com Deus, escolha o bem maior. Levante-se e faça as suas devoções. Se o sono for um problema contínuo, você deve ir deitar-se mais cedo, tirar uma soneca depois do almoço, ou reprogramar as suas devoções para outro horário.

Se estiver convencido de que Deus o está chamando para adiar a compra de um brinquedo novo e, no lugar disso, contribuir para o ministério, escolha o bem maior. Deus não é contra os jogos eletrônicos em si, mas obedecer-Lhe demonstra que você o ama acima de tudo.

Quando uma oportunidade de ministério obviamente ordenada por Deus interrompe a sua agenda, escolha o bem maior. Isso pode significar pôr de lado os seus planos de satisfazer as próprias necessidades, e marcar um encontro com alguém que necessite de ajuda – nesse caso

você terá o tempo de descanso de que você precisa e, igualmente, o tempo disponível para servir.

Um principio de valores sublinha e governa a área do amor a Deus versus o amor às pessoas: *Deus, o ser Infinito, é mais digno de amor do que o "eu" finito*. Num conflito entre os dois, o último deve subordinar-se ao primeiro.

OBEDECER A DEUS OU A AUTORIDADE HUMANA?

Renê, a chefe de Charlene, entrou apressadamente em seu escritório. "Quando o escritório central telefonar pedindo o relatório mensal", disse ela, "fale que já está no correio".

"Mas o relatório nem está pronto, não é?", perguntou Charlene.

"Não, mas o Danielson não precisa saber disso", respondeu Renê. "Enquanto ele pensar que está a caminho, não irá amolar-me".

"Não posso fazer isso, Renê", disse Charlene. "Sei que Danielson está pressionando vocês, mas não posso mentir sobre o relatório".

"Não é você que está mentindo, Charlene, sou eu", argumentou Renê, meio ressentida. "Você só está transmitindo a mensagem."

"Sinto muito, Renê. Não posso fazer isso e não vou fazê-lo. Não está certo."

Renê olhou friamente pala a auxiliar. "Já pensou que a sua falta de colaboração pode ter um efeito negativo na hora em que eu analisar o seu desempenho?"

Charlene abaixou a cabeça. "Que pena! Mas, mesmo assim, não posso mentir por você. É contra todas as minhas convicções como cristã."

Renê virou-se e saiu pisando duro do escritório sem dizer mais nada.

O amor tem dois níveis básicos: a responsabilidade vertical de amar a Deus de todo o coração e toda a alma, e a responsabilidade horizontal de amar a nosso próximo como a nós mesmos. No caso de um conflito entre amar a Deus e às pessoas, o amor por Deus deve ocupar o primeiro

lugar. Jesus ilustrou esse princípio referindo-se a níveis de amor humano muito próximos para todos: "Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim, não é digno de mim" (Mat. 10:37). Nosso amor por Deus deve ser tão forte que nosso amor por outros, até mesmo nossos entes queridos, pode parecer ódio em comparação (Luc. 14:26). Isso não significa que Deus nos dá permissão para odiar outros. Devemos amar às pessoas tão completamente quanto amamos a nós mesmos. Mas mesmo o amor intenso pelos pais e filhos deve empalidecer em comparação com o nosso amor supremo por Deus.

A Bíblia está repleta de exemplos de pessoas que enfrentaram conflitos entre as dimensões vertical e horizontal do amor e escolheram o bem maior. Abraão amou a Deus mais do que a seu Filho Isaque, levantando a foice para sacrificá-lo até que Deus finalmente interferiu (Gên. 22). As parteiras hebréias amaram mais a Deus do que temeram ao rei, poupando a vida dos recém-nascidos em desobediência à ordem real (Êxo. 1). Daniel amou mais a Deus do que reverenciou o rei Dario, recusando-se a desistir das suas orações diárias (Dan. 6). Os magos amaram mais a Deus do que honraram o rei Herodes, permanecendo em silêncio sobre a identidade e localização do menino Cristo (Mat. 2). Os apóstolos amaram mais a Deus do que estimaram as autoridades religiosas, recusando-se a manter-se calados quando proibidos de pregar (At 4).

Preferir Deus às pessoas – especialmente as autoridades humanas – nem sempre é fácil. Muitas personagens da Bíblia, cujo amor por Deus se chocou com as exigências ímpias das autoridades terrenas, tiveram de enfrentar conseqüências desagradáveis. Alguns foram milagrosamente salvos, mas outros não. Com respeito aos cristãos que se recusaram a renunciar à sua fé em Cristo, o escritor de Hebreus comentou: "Outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões. Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos ao fio da espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de

ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados" (11:36,37). Deus não garante uma vida livre de problemas para os que buscam obedecer ao grande mandamento, mas promete ficar ao nosso lado em quaisquer circunstâncias que tenhamos de sofrer por colocá-lo em primeiro lugar (Mat. 28:20).

Nesse ponto, o princípio de valor em operação baseia-se nas leis de Deus e no exemplo de Cristo: *Deus, o ser Infinito, é mais digno de amor do que as pessoas finitas*. O amor por Deus e o amor pelas pessoas geralmente não entrarão em conflito em nossa vida. Mas, quando isso acontecer, a mais alta expressão de amor possível é honrar e obedecer a Deus sem se importar com o custo. Por exemplo, se o marido de uma cristã disser para ela "esquecer a Deus e toda essa história de cristianismo", o maior bem é amar a Deus e desconsiderar as exigências do marido, mesmo que a atitude dela leve à separação. A honra que o filho deve dar aos pais termina no ponto em que ambos ou um deles diz: "Não permito que você seja cristão". Quando o namorado de uma jovem a pressionar, dizendo "Se você me ama, vai para a cama comigo", a obrigação dela de amor para com Deus é maior, mesmo que o namorado a deixe. O trabalhador cristão que ama a Deus acima de tudo não pode obedecer a um empregador que lhe peça para falsificar a contabilidade ou mentir.

CONTAR A VERDADE OU PROTEGER UMA VIDA?

Uma prima que estava em tratamento médico para curar uma depressão clínica vem morar com você durante o período de convalescença. O médico advertiu que ela tem tendências suicidas e já ameaçara tomar uma dose excessiva de remédios. Certa noite ela lhe diz, "Preciso de algo para dormir. Você tem algum sonífero em casa?". Na mesma hora você se lembra de um frasco quase cheio de pílulas fortes escondido no armário. Uma superdose poderia ser fatal. Com medo de

que sua prima procure as pílulas mais tarde, você responde impassível: "Não, não guardamos remédios velhos em casa. Sempre jogamos fora".

Nem todos os conflitos envolvem uma escolha direta entre amar a Deus ou às pessoas. Algumas vezes a escolha é entre duas esferas em que o amor humano opera, como ilustra o parágrafo anterior. O amor pela sua prima exige que você revele o esconderijo das pílulas letais ou que minta deliberadamente para protegê-la da tentação de suicidar-se? Contar uma mentira para salvar uma vida humana é uma atitude amorosa? É certo mentir para proteger pessoas inocentes ou indefesas? Você deixa sua filha adolescente sozinha em casa certa noite, dando-lhe a seguinte instrução: "Se alguém desconhecido telefonar, não diga que saímos. Diga apenas: 'Meus pais estão ocupados no momento. Quer que telefonem depois?'". É errado mandar que sua filha engane os outros propositadamente na esperança de protegê-la de algum malvado que talvez esteja à procura de garotas sozinhas em casa?

A resposta depende de como definimos o termo *mentira*. Estamos moralmente obrigados a falar e agir com veracidade em todas as circunstâncias? O nono mandamento declara: "Não dirás falso testemunho contra o teu próximo" (Êxo. 20:16). Provérbios 14.25 diz: "A testemunha verdadeira livra almas, mas o que se desboca em mentiras é enganador". Ananias e Safira foram mortos imediatamente por mentirem ao Espírito Santo (At 5). Mas Raabe mentiu aos soldados que procuravam os espiões de Israel (Jos. 2).

As parteiras hebréias mentiram ao rei, afirmando que não podiam matar as crianças israelitas porque, antes mesmo que se aproximassem dos bebês, ele já haviam sido escondidos (Êxo. 1). Se mentir é errado, por que essas pessoas não foram castigadas pelas suas transgressões?

Considere as parteiras hebréias. As Escrituras nos informam que, por terem protegido vidas inocentes, "Deus fez bem às parteiras; e o povo aumentou e se tornou muito forte. E porque as parteiras temeram a Deus, ele lhes constituiu família" (Êxo. 1:20,21). É difícil acreditar que a mentira delas não fosse parte do amor que sentiam pelas crianças recém-

nascidas e por Deus. Elas também preferiram o bem maior, mesmo que a mentira em si seja sempre pecaminosa.

Vejam agora o exemplo de Raabe. Embora mentir seja pecado, Raabe preferiu o bem maior de proteger os espiões. Há várias razões para crer que a mentira de Raabe pode ter sido a melhor coisa a fazer nessa situação de conflito. Primeiro, as Escrituras não a condenam explicitamente em lugar algum. Segundo, Josué ordenou que ela e sua casa fossem poupadas quando Jericó foi atacada "porquanto escondeu os mensageiros que enviamos" (Jos. 6:17). A mentira dela foi um elemento essencial para esconder os espiões. Ela foi, portanto, preservada do juízo de Deus sobre Jericó quando salvou a vida dos espiões. Terceiro, Raabe escondeu esses homens por causa da sua fé em Deus (Jos. 2:9-13). Hebreus 11:31 registra: "Pela fé Raabe, a meretriz, não foi destruída com os desobedientes, porque acolheu com paz aos espias". Desse modo, parece que a mentira dela foi na verdade uma expressão da sua fé em Deus. Tiago escreveu: "De igual modo, não foi também justificada por obras a meretriz Raabe, quando acolheu os emissários e os fez partir por outro caminho?" (Tia. 2:25). Fica evidente que a mentira de Raabe a capacitou a expressar a sua fé em Deus. Ela foi elogiada, e não condenada, pelo que fez.

Immanuel Kant tinha tamanha fé na verdade que afirmou que se recusaria a enganar deliberadamente um criminoso, a fim de salvar uma provável vítima. Apesar dos exemplos bíblicos contrários, muitos cristãos seguem Kant. Ao agir assim, eles afirmam que o dever de contar a verdade ao culpado é um bem maior do que o de salvar a vida do inocente. Todavia, muitas dessas pessoas deixam à luz de casa acesa enquanto estão fora, para que os prováveis ladrões pensem que há alguém lá dentro. Será certo mentir para salvar uma televisão, um aparelho de som ou jóias, e errado mentir para salvar uma vida humana? O que essas pessoas fariam se um louco com uma arma exigisse que lhe dissessem onde estavam os entes queridos delas? Será que diriam: "Eu não minto. Minha família está indefesa e escondida no armário?". Além

disso, os líderes militares, os cientistas e o pessoal do serviço secreto devem contar os segredos da segurança nacional quando alguém perguntar? Certamente, o direito de o inocente viver tem prioridade sobre o direito de o culpado receber a informação certa.

Mentir é sempre errado e nunca justificável ou certo por si mesmo. Estamos isentos da obediência à lei contra a mentira só quando essa lei é superada por uma obrigação maior. Quando dizer a verdade põe em risco vidas inocentes, o bem maior é preservar essas vidas. É importante notar que mentir neste contexto não é uma *exceção* à lei, mas simplesmente uma *isenção* temporária baseada na prioridade bíblica de um bem maior.

O princípio de valor envolvido é este: *As pessoas inocentes são mais dignas de respeito amoroso do que as que promovem atitudes não-amorosas*. Quando não há meios de respeitar ambas, as vidas inocentes devem ter precedência sobre a informação que daria vantagem aos que iriam ferir ou matar injustamente.

AME AS PESSOAS E USE AS COISAS

Poucos princípios valiosos recebem mais ênfase nas Escrituras do que este: *As pessoas devem ser mais amadas do que as coisas*. A palavra coisas não se refere apenas aos objetos inanimados e aos animais, mas também a atividades impessoais e rituais, até mesmo as atividades religiosas. Quando o amor por Deus e pelas pessoas entrar em conflito com os bens materiais ou atividades, os seres humanos são sempre mais importantes do que as coisas.

A pessoa de Deus é naturalmente mais valiosa do que qualquer e do que todas as coisas do mundo. Jesus ordenou: "Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam [...] Não podeis servir a Deus e às riquezas [...] buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas (necessidades materiais básicas) vos serão acrescentadas"

(Mat. 6:19-24,33). Deus deve ser mais valorizado do que as necessidades da vida.

Os seres criados à imagem de Deus são também mais valiosos do que as coisas. Jesus disse: "Que aproveita ao homem, ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?" (Mar. 8:36). Nada neste mundo, nem mesmo as coisas sagradas, vale mais do que a vida humana. Jesus aprovou a atitude de Davi que entrou no templo com os seus soldados e comeu o pão consagrado, o que era proibido (Mat. 12:3,4). Os homens estavam com fome, e eles eram mais importantes do que guardar uma lei que os impedia de satisfazer a fome. Os quatro homens que abriram um buraco no teto para levar seu amigo doente a Jesus deram aparentemente mais valor à vida do que às coisas, e Jesus elogiou a fé deles (Mar. 2:1-5).

Jesus demonstrou que uma vida humana era mais importante do que os animais quando expulsou os demônios de um homem e enviou-os a uma manada de porcos (Mar. 5:11-13). Ele quis dizer pelo menos que as pessoas são mais valiosas do que o dinheiro e até os dízimos, quando disse: "Dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da lei, a justiça, a misericórdia e a fé; devíeis, porém, fazer estas cousas, sem omitir aquelas" (Mat. 23:23). Paulo declarou: "O amor do dinheiro é raiz de todos os males" (1 Tim. 6:10). As coisas não devem ser valorizadas acima das pessoas. Elas não devem ser sequer amadas, mas usadas para amar a Deus e às pessoas.

Isso significa que não devemos ter ou desejar coisas? Todos os cristãos estão sujeitos à ordem dada por Jesus ao jovem rico: "Vai, vende os teus bens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu; depois vem, e segue-me" (Mat. 19:21)? É errado ser financeiramente sólido ou até rico? Não, a Bíblia não condena as posses ou a riqueza. Houve muitos indivíduos ricos nas Escrituras que amaram a Deus: Abraão, Davi, Salomão, José de Arimatéia, Lídia. O que a Bíblia condena é a preocupação com o dinheiro ou os bens materiais. A passagem em **1 Timóteo 6:10** é sempre citada erradamente como "o dinheiro é a raiz de

todos os males", mas ela na verdade diz "*O amor do dinheiro é raiz de todos os males*", acrescentando "e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé, e a si mesmos se atormentaram com muitas dores".

Não é necessariamente errado ganhar muito dinheiro, ter uma conta bancária vultosa e possuir coisas boas. Mas, se o nosso dinheiro ou bens nos impedem de amar a Deus ou ao próximo, o maior bem é desistir das coisas em deferência à necessidade das pessoas. João advertiu: "Ora, aquele que possuir recursos deste mundo e vir a seu irmão padecer necessidade e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus?" (1 João 3:17). Amar a Deus e às pessoas em primeiro lugar significa não se agarrar ao dinheiro e às coisas e repartir generosamente ambos em serviço amoroso aos outros.

Um princípio associado ao amor às pessoas acima das coisas é: Um ser por nascer é mais valioso do que qualquer coisa. Um filho por nascer tem mais valor do que um cavalo de corridas adulto avaliado em um milhão de dólares. A criança por nascer tem mais valor do que o maior diamante do mundo. A criança por nascer vale mais do que uma profissão, um carro de luxo ou uma casa de veraneio. O ser humano ainda por nascer não é simples tecido ou um apêndice do corpo, mas um ente criado à imagem de Deus. Os que interferem em uma vida humana emergente, aninhada no útero da mãe, estão interrompendo a obra de Deus (Sal. 139:14-16). Nenhuma quantia em dinheiro ou bens terrenos vale o sacrifício de um ser humano em desenvolvimento. De fato, a pena capital foi a sentença do Antigo Testamento contra quem provocasse um nascimento prematuro que resultasse na morte da criança (Êxo. 21:22-23).

SACRIFÍCIO DE ALGUNS PARA O BEM DE MUITOS

Vemos isso no cinema e ouvimos falar a respeito nos relatos de guerra. Uma granada de mão é atirada no centro de uma tropa de soldados. Enquanto seus companheiros se acovardam, temerosos, um soldado valente e destemido atira-se sobre a granada para impedir uma

explosão fatal que mataria vários deles. Uma pessoa sacrifica a vida para salvar muitos. A cena ilustra uma diretriz muito óbvia para o amor em conflito: *em iguais circunstâncias, o amor exige que muitas vidas sejam mais importantes do que poucas*. Sansão sacrificou sua própria vida para matar o inimigo e salvar assim o povo de Israel (Jos. 16:29,30). Davi matou Goliás para proteger a vida de muitos seus compatriotas (1 Sam. 17). Caifás, o sumo sacerdote na época da crucificação de Jesus, usou esse princípio ao dizer aos judeus que seria "conveniente morrer um homem pelo povo" (João 18:14). Essa foi uma predição inconsciente do sacrifício expiatório de Cristo pelo mundo inteiro (Rom. 5:15). O apóstolo Paulo disse que estava pronto a trocar sua salvação eterna pela salvação do seu povo, os judeus (Rom. 9.3).

A Escritura apóia o princípio de que muitos é melhor do que poucos. Deus disse a Adão: "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a" (Gên. 1:28), e repetiu a ordem a Noé depois do dilúvio (Gên. 9:1). Todavia, a palavra *enchei* sugere limites ao princípio, isto é, muitos é melhor do que poucos, mas não melhor do que demais. Além disso, Deus oferece a salvação a todos e não só a alguns – "Não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento" (2 Ped. 3:9).

Em termos práticos, não podemos amar a todos e, portanto, devemos amar a tantos quantos for possível. Devemos tentar alcançar tantos dos nossos familiares, vizinhos e colaboradores em Cristo quantos pudermos. Devemos apoiar tantos ministérios cristãos quantos pudermos com nossas contribuições e orações. Se tivermos de escolher, devemos apoiar os ministérios que estiverem fazendo mais bem para mais pessoas.

A idéia de que *as circunstâncias são iguais* está implícita nas ilustrações até este ponto. O princípio muda quando as circunstâncias não são iguais? Sim. A Bíblia contém vários exemplos de alguns justos tendo prioridade sobre *muitos* perversos. Por quê, se todas as vidas têm o mesmo valor intrínseco? Porque às vezes os poucos são a chave para salvar muitos, o justo Noé e sua família foram preservados enquanto o

restante da população do mundo perverso pereceu (1 Ped. 3:20). Deus destruiu os muitos perversos de Sodoma e só salvou alguns justos da família de Ló (Gên. 19). Os israelitas tiveram ordem de exterminar todas as nações perversas de Canaã (Lev. 18:24-25). Em todos esses casos, os poucos foram o instrumento para salvar muitos.

Devemos certamente amar os perdidos e procurar leva-los a Cristo. Mas devemos investir tempo de qualidade para alimentar e cuidar da família de Deus com quem passaremos a eternidade. Passar tempo discipulando cinco crentes que podem por sua vez estender-se para outros cinco incrédulos é melhor do que tentar converter cinco incrédulos resistentes, embora ambas as atividades sejam importantes. Devemos amar e estender-nos para o maior número de pessoas que pudermos, com preferência dada à nossa família e à família de Deus.

A VIDA DA MÃE E DE SEU FILHO POR NASCER

Numa sociedade ardentemente dividida na questão do aborto, outro princípio bíblico de valor deve ser apresentado. Dissemos que a pessoa por nascer é mais valiosa do que qualquer coisa material. Todavia, *a vida do filho por nascer deve ser preservada a todo custo, exceto quando a vida da mãe corre risco*. Se a vida da mãe for ameaçada por uma gravidez tubária, o feto não-nascido deve ser removido para salvar a mãe. Além disso, se um homem tiver de escolher entre salvar a vida da esposa ou a do feto quase a termo, a mãe deve ser salva pelo sacrifício do feto. Mas, se a escolha for entre uma mãe morrendo de câncer e o feto sadio em seu ventre, o princípio já não é mais definitivo. Da mesma forma, se tiver de ser feita a escolha entre uma criança e um paciente sofrendo da moléstia de Alzheimer avançada ou um "vegetal" vivo, o princípio de valor observado entra em ação.

No geral não existe conflito nessas áleas. Quase nunca há necessidade de tomar uma decisão de vida ou morte entre pessoas. Todos

devem ser salvos sempre que possível. Mas, no caso de um conflito que não possa ser resolvido, os princípios bíblicos anteriores indicam o bem maior.

No cumprimento ordinário de nossos deveres morais de amar a Deus e ao próximo, geralmente não há conflito. Podemos amar a Deus e a nós mesmos, Deus e as pessoas, os muitos e os poucos, os nascidos e os por nascer, sem ter de tomar decisões penosas. Mas conflitos morais não criados por nós às vezes surgem em nosso mundo. Quando se torna evidente não ser possível manter duas responsabilidades de amor controversas, você deve escolher a superior e não a inferior. Deus nos deu, porém, a Sua lei, o exemplo de Seu Filho, e Seu Espírito que habita em nós para ajudar-nos a fazer essas escolhas e cumprir nossa responsabilidade de amar.

PERGUNTAS DIFÍCEIS E RESPOSTAS DIRETAS SOBRE OS PRINCÍPIOS DE VALOR

A Bíblia oferece princípios de valor que cobrem a ética biomédica? Em outras palavras, tecnologias como a inseminação artificial, junção de genes e "produção de clones" são certas ou erradas?

Tecnologias modernas que eram pouco mais que fantasia há cinquenta anos criaram questões éticas significativas no mundo de hoje. Inseminação artificial, bebês de proveta, mães de aluguel, transplantes e coleta de órgãos, união de genes e produção de clones são realidades médicas hoje. A pergunta não é mais "Isso *pode* ser feito?", mas sim "Isso *deve* ser feito?"

Dois pontos de vista opostos a respeito de Deus e da vida oferecem respostas diferentes à pergunta "deve" e levam-nos à resposta amorosa em cada dilema.

Como cristãos, não somos categoricamente opostos aos avanços na tecnologia médica. Mas, em nosso compromisso de *servir* a Deus, vemos

tais avanços de modo diferente daqueles que, por causa de seu ponto de vista, querem *brincar* de Deus.

Visão Judaico-Cristã	<i>versus</i>	Humanismo Secular
1. Um Criador – Deus – existe.		1. Um Criador – Deus – não existe.
2. A humanidade foi específica formas e deliberadamente criada.		2. A humanidade evoluiu de inferiores de vida.
3. Deus é soberano sobre toda vida.		3. O homem é soberano sobre toda vida.
4. A santidade da vida é grandemente valorizada		4. A qualidade de vida é grandemente valorizada
5. Os fins não justificam necessariamente os meios.		5. Os fins justificam os meios.

O papel do cristão nas questões biomédicas é melhorar a vida humana e não criá-la, pois isso é prerrogativa de Deus. Damos prioridade à adequação genética, mas rejeitamos a fabricação genética. Tentamos colaborar com a natureza, e não controlá-la. Como tal, ajudar um casal estéril mediante a inseminação artificial pode ser bom, enquanto dar cabo à vida de um feto em razão de ele ser geneticamente inferior é errado. Transplantar um órgão de doador recém-falecido preserva a vida, mas fazer crescer um feto expressamente para obter "partes sobressalentes" viola a santidade da vida. As experiências para encontrar e erradicar um gene canceroso podem preservar a vida de milhares, mas rearranjar a estrutura do gene de um feto para obter certas qualidades físicas ou mentais pode violar a soberania de Deus na criação. Para cada conflito devemos determinar qual é a resposta que preserva e melhora a vida humana sem usurpar o papel de Deus como Criador e Soberano

sobre ela. Devemos usar a ciência para servir a Deus, mas nunca para desempenhar o papel de Deus.

QUESTÕES DE VIDA E MORTE

Carlos Velasquez, de 31 anos, ficou ao lado do leito de hospital do pai, sondando os olhos dele, entreabertos e vazios, à procura de sinais de consciência. Tubos projetavam-se do nariz e da boca do homem mais velho. O aparelho ao lado da cama respirava ritmicamente por ele, pois o acidente de carro o deixara em coma e incapaz de respirar por si mesmo. Carlos visitara o pai todos os dias nas últimas cinco semanas. A condição do homem não se alterara. Se não fosse a máquina bombeando oxigênio em seus pulmões e o soro com nutrientes injetados em sua corrente sanguínea, o Sr. Velasquez já estaria morto.

Maior do que o sofrimento íntimo de ver seu pai, antes tão viril, incapacitado, era o tormento de Carlos sobre o que fazer com ele. O Velasquez mais velho só tinha 51 anos. Em condições normais o homem teria mais vinte a trinta anos de vida para gozar com seus filhos e netos. Uma parte de Carlos queria fazer todo o possível para manter o pai vivo até que "acordasse" e voltasse a viver como antes. Mas aquela não era uma circunstância normal. O Sr. Velasquez sofrera uma grave lesão no cérebro e os médicos ofereciam poucas esperanças de que recuperasse a consciência e muito menos de que pudesse reassumir a vida anterior. Outra parte de Carlos queria dizer aquelas palavras finais, "Desliguem o respirador", e permitir que o amado pai descansasse em paz. A família estava dividida quanto à questão, deixando para Carlos a responsabilidade de resolver o assunto. Ele ansiava por saber qual era a escolha amorosa, a vida ou a morte.

A coisa mais difícil que desafia os cristãos comprometidos com a ética do amor hoje talvez seja como amar nas questões que envolvem vida e morte. Pode ser correto e demonstrar amor tirar deliberadamente uma vida humana? O amor chega a exigir o sacrifício de seres humanos? O que dizer sobre aborto, eutanásia, suicídio, suicídio assistido, pena de morte e guerras? Esses são assuntos que provocam reflexão. Se o amor não oferecer soluções para questões de vida e morte como estas, ele é então uma ética impraticável.

NÃO MATARÁS

Tirar deliberadamente uma vida inocente jamais é um ato de amor como tal. "Não matarás" está tanto no Antigo quanto no Novo Testamento (Êxo. 20:13; Rom. 13:9). O apóstolo João escreveu a respeito dos assassinos, "a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte"(Apoc. 21:8). Pedro lembrou aos crentes: "Não sofra, porém, nenhum de vós como assassino" (1 Ped. 4:15). Sob a lei, os que tiravam propositadamente a vida de outrem deviam ser executados (Êxo. 21:23). Depois que Caim matou Abel (Gên. 4:8), o homicídio tornou-se comum nas gerações posteriores até "a terra estava corrompida à vista de Deus, e cheia de violência" (Gên. 6:11). Deus julgou o mundo mediante o dilúvio.

Quando Noé e sua família saíram da arca, Deus lhes deu a incumbência de reforçar que o assassinato é errado por meio destas palavras: "Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu; porque Deus fez o homem segundo a sua imagem" (Gên. 9:6). O mal essencial do homicídio é revelado nesta passagem: assassinar é matar Deus em efígie. Desde que a humanidade foi criada à imagem de Deus, tirar a vida humana é atacar a Deus. Esta é a razão de o assassinato ser considerado merecedor da pena capital.

Ainda mais grave: o assassinato não fica confinado ao ato manifesto, ele pode ser cometido no coração. Jesus disse: "Ouvistes que

foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento" (Mat. 5:21-22). O homicídio brota da raiz do ódio. Jesus disse: "Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios [...] Ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem" (Mar. 7:21-23). João declarou claramente: "Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino; ora, vós sabeis que todo assassino não tem a vida eterna permanente em si" (1 João 3:15). O assassinato, em sua raiz, é diametralmente oposto à ética cristã do amor. Assassinar é odiar, e o ódio é incompatível com o amor, assim como as trevas com a luz.

O amor nunca chama ninguém para tirar a vida de outrem. O ódio demonstra tanto desamor quanto o assassinato. O assassinato não é, de forma alguma, semelhante a Deus, pois Deus é amor. O amor exige que nos preocupemos com os outros, até mesmo com os que nos tentam a odiar. Jesus ordenou: "Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem" (Mat. 5:44). Paulo deu instruções parecidas: "Não tomeis a ninguém mal por mal [...] não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar á ira [...] Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber [...] Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem" (Rom. 12:17-21). Ira e ódio, que levam ao assassinato no coração e talvez também ao ato, devem ser substituídos pelo amor e pelas boas obras.

Todavia, há raras ocasiões em que a proibição contra tirar intencionalmente a vida de outra pessoa inocente é suspensa em favor de uma lei mais alta, um bem maior. Para essas ocasiões, Deus nos deu princípios de valor baseados na Sua lei e na vida exemplar de Cristo, que nos guiam à atitude amorosa que devemos tomar.

SUICÍDIO E SACRIFÍCIO DE VIDAS

Tirar uma vida é errado, mesmo que seja a nossa. O suicídio é um ato de ódio contra o "eu", assim como o homicídio é um ato de ódio contra outrem. O suicídio é tão errado quanto o homicídio porque viola o mandamento de amar a si mesmo, assim como o assassinato viola o mandamento de amar aos outros. O amor se opõe a ambos. O suicídio é um ato egoísta para terminar nossos problemas sem preocupação em ajudar os outros que também têm problemas. Tomar o "caminho fácil" para livrar-se do sofrimento da vida não é a resposta mais amorosa e responsável. O amor nunca perde todo o propósito na vida. A pessoa que se concentra em proteger e ajudar os outros não tem razão para odiar a sua vida. Amar é o antídoto à tentação de autodestruir-se.

Tirar uma vida não demonstra amor, mas salvar uma vida, sim. O suicídio por razões egoístas é sempre errado, mas dar a própria vida para salvar outrem não só é aceitável como também louvável. Jesus declarou: "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos"(João 15:13). Cristo exemplificou o princípio de sacrificar a própria vida pelos outros. Ele disse: "Eu dou a minha vida [...] Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou" (João 10:17-18). Portanto, um princípio bíblico de valor que governa nossa vida pessoal é: *O suicídio é errado, mas sacrificar a vida é justificável e nobre na tentativa amorosa de salvar a vida de outrem.*

No ato de tirar uma criança da frente de um carro em velocidade, um homem é atropelado e morto. Uma mãe salva seu filho de três anos que se afogava num lago, mas morre no processo. Durante um tiroteio na rua, um jovem protege a namorada com seu próprio corpo e morre em razão dos ferimentos. Dois marinheiros, para impedir o naufrágio do navio, fecham-se num compartimento que estava sendo inundado e oferecem, dessa forma, a própria vida para salvar a dos companheiros. Um piloto de bombardeiro numa missão de treinamento morre ao atirar seu avião danificado num campo vazio em lugar de usar o dispositivo ejetor e deixar que o avião caia numa zona residencial. Poucos de nós terão a oportunidade de dar a vida por outrem como fizeram essas

peçoas. Mas, aos olhos de Deus, um autosacrifício que salva vidas é a suprema expressão do amor de Cristo, a própria antítese do suicídio egoísta.

Nem todo aparente sacrifício de nossa vida "a favor de outros" é, porém, um verdadeiro ato de amor. Paulo tornou isto claro no grande capítulo do amor: "E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres, e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará" (1 Cor. 13:3). Nem todo mártir morre necessariamente em consequência de uma manifestação de amor a outros. Alguns podem estar sacrificando vida pelo seu compromisso obstinado com uma causa egocêntrica. Há vários exemplos de suicídio egoísta na Bíblia. O rei Saul, mortalmente ferido, caiu sobre a sua espada para poupar-se da vergonha de morrer às mãos dos inimigos (1 Sam. 31:4), dificilmente um motivo de amor. O "suicídio assistido" de Abimeleque foi também egoísta e orgulhoso (Juí. 9:54).

Sansão, no entanto, sacrificou a vida por razões nobres. Pouco antes de fazer o templo cair sobre a sua pessoa e os filisteus, ele orou: "Senhor Deus, peço-te que te lembres de mim, e dá-me força só esta vez, ó Deus, para que me vingue dos filisteus" (Juí. 16.28). Deus atendeu ao seu pedido. Ao matar mais na morte do que matara em vida, Sansão salvou assim o seu povo da opressão dos filisteus. O sacrifício da vida só é justificado quando a intenção amorosa é salvar outras vidas.

O mesmo princípio aplica-se quando a intenção é resgatar as pessoas da morte espiritual. Cristo foi para a cruz, a fim de "dar a sua vida em resgate por muitos" (Mar. 10:45). Paulo afirmou estar disposto a dar até a sua própria vida se isso resultasse na salvação dos judeus (Rom. 9:3). Neste mesmo espírito de sacrifício pelos outros, alguns missionários correm o risco de morrer em razão de doenças quando levam o evangelho a regiões remotas e primitivas do mundo. Os cristãos que trabalham no centro das grandes cidades, em zonas violentas e infestadas de gangues, estão prontos a deixar esta vida para compartilhar Cristo. Os que ministram aos pobres, viciados em entorpecentes,

pacientes de AIDS e outros grupos de risco, são candidatos ao sacrifício de vida.

Sempre que arriscamos nossa vida por causa do ministério, estamos imitando Paulo, que disse: "Porém, em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus" (At 20:24). João exortou-nos a seguir o exemplo de Cristo: "Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos" (1 João 3:16).

Por mais raro que seja o amor que exige abnegação, ele está no centro da ética cristã do amor. Não é errado morrer pelos outros; este é o ato supremo de amor que podemos realizar por outro ser humano. O suicídio é o supremo ato egoísta – tirar a própria vida. Mas o sacrifício da vida é o supremo ato de generosidade – dar a vida pelos outros.

EUTANÁSIA E MORTE MISERICORDIOSA

O pai de Carlos Velasquez, com o cérebro lesado já está morto, para todos os propósitos práticos. A atitude amorosa é preservar a vida do homem ou deixá-lo ir? Uma vítima de acidente fica presa numa massa ardente de metal amassado, enquanto um policial assiste a tudo sem saber qual a ação a tomar. Gritando de dor, a vítima suplica ao guarda que atire nela e termine o seu tormento. O amor não exige que ele acabe com a agonia dessa pessoa? Uma mulher idosa, que já sofreu lapsos de memória e de orientação, fica sabendo que sofre da doença de Alzheimer. Anos antes, ela e o marido haviam concordado que a morte com dignidade valia mais para eles da que uma vida sem qualidade. Ela pede ao marido que a leve a um médico conhecido que pratica o suicídio assistido. Ele não está agindo com amor ao salvá-la da humilhação e despesas de uma vida prolongada e sem sentido?

Se não é um ato de amor tirar a própria vida pelo suicídio, certamente também não é ajudar outrem a cometer suicídio. O amor

exige que os doentes terminais sejam tratados com toda a piedade possível, mas não que tiremos a vida da pessoa mesmo que ela nos peça. O amor tem um remédio melhor do que tirar a vida para expressar misericórdia aos agonizantes. **Provérbios 31:6** ensina: "Dai bebida forte aos que perecem, e vinho aos amargurados de espírito". Em outras palavras, medicamentos para abrandar a dor, sedativos e tranqüilizantes são a resposta misericordiosa e amorosa aos que estão morrendo e sofrendo, e não o suicídio assistido. Levar consolo aos que estão morrendo não só expressa misericórdia, como também reconhece a soberania de Deus que disse: "Eu mato, e eu faço viver; eu firo, e eu saró; e não há quem possa livrar alguém da minha mão" (Deut. 32:39). O Deus de amor é soberano sobre a vida humana. Jó disse a respeito dEle: "O Senhor o deu, e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor" (Jó 1:21).

A eutanásia e o suicídio assistido, como são chamados, nunca são manifestações de amor. Mas o que dizer da morte misericordiosa – permitir que o doente terminal expire em paz sem nenhuma intervenção heróica e não natural? A Bíblia não obriga o cristão a perpetuar a vida o mais possível. Permitir que alguém morra misericordiosa e naturalmente pode ser uma alternativa amorosa, enquanto bombear milhares de dólares e energia nos casos terminais pode ser uma forma de agir bem pouco amorosa. Nosso ponto de vista deve ser o de preservar a vida, e não prolongar a morte. Injetar medicamentos para causar ou apressar a morte é uma coisa – e algo também moralmente errado. Mas não prover remédios ou aparelhos que prolonguem artificialmente a morte é outra bem diferente e algo moralmente certo. Em resumo, eutanásia – não! Morte misericordiosa – sim.

Mas, quando desligar os aparelhos e quem decide? Como saber quando um caso é terminal? Os milagres não são sempre possíveis, caso não sejam resultado da ciência médica, pelo menos da mão de Deus? Estas são perguntas muito práticas e importantes e o amor deve pesar as alternativas com cuidado e responsabilidade.

Quando estamos justificados a permitir que alguém morra suspendendo os meios de ele sobreviver? O conceito de terminalidade tem dois aspectos para o cristão. Primeiro, implica que não há esperança de recuperação *na medicina*, conforme determinado pelas melhores autoridades médicas disponíveis. Segundo, significa que não há esperança *espiritual* de cura. Deus foi consultado fervorosamente em oração, segundo Tiago 5:13-16 e a recuperação milagrosa foi solicitada repetidamente (2 Cor. 12:7-9). Mas, quando tanto os diagnósticos médicos como as perspectivas espirituais não indicam esperança, e quando uma margem de erro foi devidamente concedida, o amor permite que os meios de apoio para a vida sejam removidos e uma morte natural, sem dor, misericordiosa, ocorra.

Quem deve decidir? Deve ser uma decisão conjunta. Os desejos expressos do moribundo, o conhecimento dos médicos e o conselho do pastor devem ser solicitados e considerados para a decisão final da família. Existe maior probabilidade de que o amor seja expresso sabiamente numa decisão coletiva e menor possibilidade de que alguém tenha de suportar sozinho a culpa que pode surgir. (Não existe culpa *moral* porque a morte misericordiosa nessas circunstâncias é a ação correta.)

O princípio de valor que se aplica aqui é: *Tirar a vida de outrem em nome da piedade não é uma manifestação de amor mas permitir que uma pessoa com uma doença terminal morra naturalmente demonstra piedade e amor.*

SACRIFÍCIO DA VIDA E SACRIFÍCIO MISERICORDIOSO

Sete pessoas estão à deriva num barco salva-vidas em águas infestadas de tubarões. O barco está afundando por causa do peso e, se o socorro não vier a tempo, as sete irão afogar-se ou virar comida de tubarão. É certo sacrificar algumas vidas para salvar as demais? Ou deve-se deixar que todos morram? Qual é a atitude de amor?

É claro que todos os esforços devem ser feitos para salvar a todos. Talvez os que estejam em condições devam ficar um pouco na água, agarrados ao barco. Mas, suponhamos que mesmo assim eles não suportem toda a carga? Então, se houver cristãos a bordo, esta é uma excelente oportunidade para o amor abnegado que Cristo demonstrou por nós: "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos" (João 15:13). Se não houver voluntários, então os princípios da providência podem ser usados. Provérbios diz: "A sorte se lança no regaço, mas do Senhor procede toda decisão" (16.33).

Foi assim que os marinheiros da antigüidade decidiram lançar Jonas ao mar (Jonas 1:7). A Bíblia declara que a sorte deve ser usada em assuntos importantes (Prov. 18:18). Ou, em iguais circunstâncias, pode ser determinado quem, na providência de Deus, foram os últimos a entrar no barco. É claro que alguém como o capitão, cujos conhecimentos marítimos podem ser necessários para salvar os outros, não deve ser sacrificado. Mas, quando não há alternativa, a opção amorosa não é permitir que todos morram por causa de alguns que sobrecarregam o barco.

Considere outro exemplo de sacrifício misericordioso que pode estar mais próximo. Um homem enlouquecido, com uma arma automática, entra num shopping movimentado e abre fogo ao acaso. Em nome da piedade pelos muitos inocentes, o amor pode exigir o sacrifício do culpado. Uma vez esgotados todos os métodos preventivos ou persuasivos, atirar para ferir ou matar o louco antes que ele machuque mais pessoas pode ser a atitude mais amorosa a tomar.

Ocorrências como essas, em que o sacrifício misericordioso deva ser considerado, são extremamente raras, mas elas ilustram que às vezes o amor pelos outros pode ser tudo menos brando.

O AMOR E A PENA DE MORTE

A pena de morte, a execução deliberada de um indivíduo, um assassino, foi originalmente instituída por causa da falta de consideração pelo homem feito à imagem de Deus (Gên. 9:6). Ela foi reforçada na lei mosaica (Êxo. 21:23-25), reconhecida por Jesus (João 19:11) e repetida por Paulo quando lembrou aos cristãos que a autoridade "não é sem motivo que ela traz a espada; pois é ministro de Deus, vingador, para castigar o que pratica o mal" (Rom. 13:4). Exigir a pena de morte é algo muito sério, portanto a identificação do assassino deve ser indiscutível e sua responsabilidade pelo assassinato não pode conter sombra de dúvida.

A pena de morte, quando ministrada com justiça, é um tipo de sacrifício misericordioso do culpado a favor do inocente, contrariando o sentimento popular, a pena capital não é uma expressão de desrespeito bárbaro pela vida do assassino. Este, e não o tribunal que o condenou justamente, é quem desrespeitou barbaramente o valor da vida humano. O amor exige que perguntemos a quem deve ser demonstrada misericórdia, ao inocente ou ao culpado. Se deixarmos de insistir na justiça pelo sacrifício do culpado a favor do inocente, mostramos desconsideração pelo amor bíblico e desrespeito pelo valor de uma vida inocente.

A mesma justiça de Deus que exigiu o sacrifício substitutivo de Cristo, vida por vida, está no âmago da moral da pena máxima. Não havia outro meio de satisfazer a justiça de Deus, além de Cristo dar a Sua vida pela nossa (Mar. 10:45; 1 Ped. 2:24). Não há também outro meio de satisfazer a justiça de Deus e assegurar uma ordem social justa e respeitável senão insistir que a vida de um assassino seja sacrificada. A desconsideração absoluta e odiosa pelo valor da vida de cada um não pode ser tolerada pelo amor; o amor deve condená-la. É amoroso valorizar e proteger a vida humana, e a pena capital foi instituída justamente para isso. Quando o indivíduo compreende que perderá a vida se tirar a de outrem, isso impedirá que muitos se tornem assassinos. Uma coisa é certa: Ninguém que recebe a pena de morte repetirá o crime!

O AMOR E O ABORTO

A Bíblia diz muito sobre o valor da vida humana. O princípio do amor é claro: Não matarás. A questão central é então esta: O aborto é assassinato? Primeiro, é preciso definir o assassinato. Assassinato é a morte deliberada de um ser humano inocente. Portanto, a questão do aborto só pode ser respondida quando a condição da criança por nascer é estabelecida. As possibilidades são três. Se o feto for *absolutamente humano*, o aborto é assassinato, sendo errado em todas as circunstâncias exceto como um sacrifício para salvar a vida da mãe. Segundo, se o embrião é *pré-humano* ou *subumano* – não uma pessoa, mas uma coisa, então pode ser tratado como um apêndice. Não há homicídio envolvido ao extirpá-lo. Terceiro, se o feto for *potencialmente humano*, mas não completamente humano, então deve ser tratado com mais respeito do que uma simples coisa.

Podemos eliminar com segurança a alternativa subumana em bases bíblicas. Os por nascer são obra criativa de Deus, moldados para a vida humana (Sal. 139:13-18). Os por nascer são capazes de ser chamados por Deus como aconteceu com Jeremias (Jer. 1:5) e cheios do Espírito Santo como foi João Batista (Luc. 1:15,41). Davi falou de si mesmo, dizendo: "em pecado me concebeu minha mãe" (Sal. 51:5). As coisas não pecam, só as pessoas. Os por nascer não são entidades subumanas.

Por outro lado, alguns argumentam que os por nascer não são completamente humanos. Mas não existe base científica ou bíblica para tal conclusão. Primeiro, é um fato científico que um óvulo humano fertilizado é cem por cento humano, com todas as características genéticas presentes, inclusive o sexo. Segundo, a Bíblia confere o mesmo castigo pela morte de uma criança ainda por nascer que o castigo pela morte da mãe (Êxo. 21:22,25). Terceiro, o feto é chamado pelo mesmo nome – criança – que o recém-nascido (Luc. 1:41). Quarto, os mesmos pronomes pessoais – ele, mim e ela – são usados para o feto na Escritura e para os outros seres humanos (Jer. 1; Sal. 139). Em último lugar, o Salmo 139 declara que os por nascer são criados por Deus. Não há dúvida de que eles são pessoas

desde o momento da concepção. Não se trata de pessoas potenciais, mas pessoas reais com grande potencial.

A lógica é incontestável: É moralmente errado tirar deliberadamente a vida de um ser humano inocente; os por nascer são seres humanos inocentes; o aborto tira a vida de seres humanos inocentes; portanto, o aborto é moralmente errado.

DEFENDENDO A LIBERDADE COM FORÇA LETAL

Outra questão espinhosa desafia os cristãos comprometidos com a ética bíblica do amor. O amor permite a participação em guerras e na matança de pessoal militar e civis inocentes? A proibição de Deus de cometer assassinato é algumas vezes suspensa para o bem maior do amor pelo país e pela liberdade?

O ensinamento de Deus sobre a nossa relação com o governo é claro. Paulo escreveu: "Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas. De modo que aquele que se opõe à autoridade, resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos condenação" (Rom. 13:1-2). Pedro repetiu: "Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor; quer seja ao rei, como ao soberano; quer às autoridades como enviadas por ele, tanto para castigo dos malfeitores, como para louvor dos que praticam o bem" (1 Ped. 2:13-14).

Esses versos implicam que devemos obedecer a qualquer ordem do governo, mesmo a de ir para a guerra e matar? Não podemos concordar incondicionalmente porque, como discutido antes, a Bíblia indica que há ocasiões em que o amor exige desobediência ao governo. Alguns dos exemplos estão diretamente relacionados com a ordem do governo para tirar vidas. As parteiras hebréias recusaram-se a obedecer à ordem do rei para matar os recém-nascidos (Êxo. 1). Obadias desobedeceu à ordem da rainha Jezabel para matar os profetas (1 Reis 18).

Estes casos de desobediência provam que a atitude de defender o "meu país, seja certo ou errado" é definitivamente contrária aos princípios do amor. Não somos obrigados a sempre obedecer às ordens do governo para matar. A guerra não é certa simplesmente porque o governo decretou isso. Devemos sempre obedecer às autoridades quando elas tomam o seu lugar sob o controle de Deus e nunca quando tomam o lugar de Deus.

O amor cristão exige seletividade na questão da guerra. A guerra não é certa simplesmente porque o nosso governo ordena. Por outro lado, ela não é errada simplesmente porque nossa consciência a proíbe. A consciência pode estar condicionada de modo errado pela cultura, emoções e oportunidade (Rom. 2:14,15; 1 Tim. 4:2). Para corrigir isso, a consciência deve ser informada pelas realidades da vida e pela responsabilidade do amor.

A seletividade na guerra exige que compreendamos o que constitui uma guerra justa. Nem todas as guerras são justas, portanto devemos determinar quais são e quais não são, a fim de cumprir nossa responsabilidade de amar. Os princípios de valor discutidos nos capítulos anteriores são vitais para o processo de determinar se uma guerra é justa ou injusta. Por exemplo, devemos perguntar:

- É uma guerra para salvar muitas vidas pelo sacrifício de algumas?
- É uma guerra contra os que desrespeitam as pessoas em defesa daqueles que estão sendo desrespeitados?
- É uma guerra contra os que dão mais valor aos ganhos econômicos ou territoriais do que à vida humana?
- É uma guerra de autodefesa contra um agressor estrangeiro?

Quando as implicações dos princípios de valores bíblicos são aplicadas a situações contemporâneas, surgem os princípios de valores para uma guerra justa.

Uma guerra justa é declarada e travada apenas pela autoridade adequada. Desde que Deus instituiu o governo, só este, e não os indivíduos ou grupos automeados, tem o direito de iniciar uma guerra contra outros governos. Como indivíduos, temos o direito de protegernos contra outros indivíduos (Êxo. 22:2). Mas não temos o direito de lutar contra nosso próprio governo. Deus deu a espada ao governo para este usá-la sobre os governados (Rom. 13:4) e não vice-versa. Devemos submeter-nos às autoridades e trabalhar para a reforma necessária por meio dos canais apropriados. Os filhos de Israel fugiram da opressão do Faraó, mas não lutaram contra ele (Êxo. 12).

Uma guerra justa é travada para proteção dos inocentes e libertação dos oprimidos. Abraão lutou contra os reis do vale para resgatar seu sobrinho Ló, que fora injustamente capturado (Gên. 14). Paulo apelou para Roma e aceitou a proteção militar contra homens perversos que queriam tirar-lhe a vida (At 22:23). As guerras de agressão não brotam do amor.

Uma guerra justa só é travada quando todos os meios pacíficos de alcançar justiça se esgotam. O caminho do amor é buscar a paz por todos os meios razoáveis. Jesus disse: "Bem-aventurados os pacificadores" (Mat. 5:9). Os israelitas receberam esta ordem: "Quando te aproximares de alguma cidade para pelejar contra ela, oferecer-lhe-ás a paz [...] Porém, se ela não fizer paz contigo, mas te fizer guerra, então a sitiárá" (Deut. 20:10,12). Os cristãos foram instruídos: "Se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens" (Rom. 12:18). "Segui a paz com todos" (Heb. 12.14).

Uma guerra justa é travada com a expectativa realista de vitória. Quando não há esperança de ganhar a guerra, ela não passa de um protesto que sacrifica mais vidas inocentes ao culpado do que se não tivesse havido guerra. O alvo da guerra justa é proteger os inocentes, e não sacrificá-los desnecessariamente. Envolver-se numa guerra que não pode ser ganha é suicídio em massa, e o sacrifício desnecessário de vidas humanas não é a atitude de amor a ser tomada.

Uma guerra justa é travada por causas justas. O povo de Deus no Antigo Testamento recebeu esta ordem: "Quando sitiare uma cidade por muito tempo, pelejando contra ela para a tomar, não destruirás o seu arvoredo, metendo nele o machado, porque dele comerás: pelo que não o cortarás [...] Mas as árvores cujos frutos souberes não se comem destruí-las-ás, cortando-as; e contra a cidade que guerrear contra ti edificarás baluartes, até que seja derribada" (Deut. 20:19-20). O princípio aqui é evitar destruição desnecessária, especialmente de coisas essenciais para a continuação da vida depois da guerra. O mesmo princípio aplica-se às vidas humanas durante a guerra. O pessoal civil não deve servir de alvo militar.

O amor nunca pede que vidas sejam extintas, mas algumas vezes exige sacrifício de vidas, morte misericordiosa, sacrifício misericordioso, pena de morte e guerra justa. Só há uma base sobre a qual o amor pode justificar o sacrifício de uma vida humana: a salvação de outras vidas humanas. O amor tem o maior respeito pela vida humana em toda a sua plenitude. O amor sempre insiste na preservação do que é humano, mesmo quando medidas duras tenham de ser tomadas para isso.

PERGUNTAS DIFÍCEIS E RESPOSTAS DIRETAS SOBRE QUESTÕES DE VIDA E MORTE

O controle da natalidade é errado, já que proíbe a vida humana?

Alguns cristãos acreditam que limitar deliberadamente, mediante anticoncepcionais, o número de filhos que uma mulher pode conceber, é uma espécie de assassinato à distância. Eles citam a soberania de Deus sobre a vida (Gên. 20:18; Deut. 32:30) e afirmam que o controle da natalidade é uma forma de substituir Deus no controle da vida. Todavia, há uma grande diferença entre impedir a vida antes que ela comece e tirar a vida após a concepção; assim como há uma diferença entre a decisão de um fazendeiro não cultivar certo campo e a decisão de esse mesmo fazendeiro envenenar, com um herbicida letal, colheitas que

acabaram de brotar (exceto, naturalmente, pelo fato de que matar uma criança é assassinato e destruir uma colheita não é).

A seleção voluntária quanto ao número de filhos não é mais pecaminosa do que decidir limitar o número de sementes cultivadas no jardim. Na realidade, a semeadura indiscriminada (entre plantas ou pessoas) pode ser mais danosa do que o cultivo seletivo. O excesso de população, resultando em pobreza e doenças para muitos, é menos desejável do que impedir propositadamente a concepção de alguns.

Se limitar a quantidade de pessoas nascidas, mediante anticoncepcionais, pode melhorar a qualidade de vida daqueles que estão vivos, não é moralmente errado fazer isso. O método de controle da natalidade, porém, não deve ser nenhum que tire a vida de um óvulo fertilizado – isso seria aborto – mas algo que simplesmente impeça a concepção.

Por que Deus ordenou a Israel que destruísse nações inteiras, matando homens, mulheres e crianças? A guerra da conquista de Canaã pelos israelitas não foi uma guerra de agressão?

Os cananeus estavam longe de ser inocentes. Os pecados deles são vividamente descritos em Levítico 18. Deus disse: "E a terra se contaminou; e eu visitei nela a sua iniquidade, e ela vomitou os seus moradores" (Lev. 18:25). Aquelas pessoas eram terrivelmente imorais, chegando até a sacrificar crianças (v. 21). Deus havia mostrado infinita paciência com elas, declarando a Abraão que não permitiria que Israel conquistasse a terra até que o pecado dos seus habitantes "enchesse a medida da iniquidade" (Gên. 15:16) – dando-lhes quatrocentos anos para se arrependerem! Quando Israel destruiu os cananeus, a perversidade deles merecia completa destruição.

O ataque de Israel contra os cananeus, dirigido por Deus, era uma guerra de retribuição e não de agressão. Os habitantes da Terra Prometida haviam desafiado e desobedecido ao seu longânimo Criador até o ponto de não poderem mais ser corrigidos. Em resposta à sua

incessante rebelião, Deus agiu finalmente em juízo, removendo a maldade da terra e provendo um lar para o Seu povo.

Quanto à destruição de crianças inocentes em Canaã, vários pontos devem ser notados. Primeiro, desde que a geração adulta estava completamente contaminada pelo pecado, os filhos, se deixados em seus próprios cuidados, não teriam possibilidade de evitar o mesmo destino. Segundo, ao destruir toda a população e não só os adultos, Deus poupou os filhos de uma vida sem os cuidados e a proteção dos pais. Terceiro, as crianças que morrem antes da idade da razão vão para o céu. Foi um ato de misericórdia por parte de Deus levá-las à Sua santa presença, tirando-as de um ambiente tão perverso. Quarto, Deus é soberano sobre a vida e pode ordenar o seu fim segundo a Sua vontade e para o bem supremo do indivíduo, que só é do conhecimento dEle.

QUANDO O AMOR NÃO ACONTECE

Alguns podem estar dizendo à esta altura: "Josh e Norm, sei que escreveram este livro para ajudar pessoas como eu, mas estou desanimado. Não tenho tanto amor por Deus e pelos outros como deveria. De fato, tenho sido indiferente em relação a algumas pessoas e às vezes tenho desprezado outras. Fui também magoado por indivíduos que me trataram cruel ou odiosamente – até mesmo por cristãos, que deveriam ser amorosos. Concordo com tudo o que disseram sobre o amor e a sua importância. Mas o que devo fazer quando o amor não acontece como deveria?"

Comprendemos e compartilhamos a sua preocupação. Na verdade, não existe um cristão vivo que não tenha sentido que falhou nos dois grandes mandamentos do amor. Vamos então deixá-lo com algumas diretrizes breves e práticas para lidar com essas ocasiões da vida em que o amor não acontece como seria de esperar.

QUANDO VOCÊ NÃO CONSEGUE AMAR OS OUTROS

Você teve um dia cansativo e entra pela porta da frente da sua casa, mais tenso do que uma mola esticada. Em vez de cumprimentá-lo alegremente, seus filhos começam na mesma hora a choramingar, empurrar um ao outro e dizer que estão com fome. "Vão já para o seu

quarto e deixem-me em paz!", você grita, zangado. Eles vão embora sem jeito e em lágrimas.

A conversa na hora do almoço acaba numa sessão de críticas ao seu chefe, ainda mais que ele não está presente para defender-se. Encorajado pela ousadia de seus colegas, você contribui com a sua parte, dizendo algumas coisas maldosas que sabe que são apenas parcialmente verdadeiras.

Sua vizinha tem câncer e só alguns meses de vida. Você sabe que deve fazer-lhe uma visita, oferecer-se para ajudá-la e compartilhar Cristo com ela. Está, porém, tão ocupado com seus próprios afazeres que vai adiando o compromisso. Antes que perceba, ela morre – e você nunca chegou a visitá-la como pretendia.

O que você faz quando descobre que não teve a atitude certa, que falou ou agiu de modo não-amoroso com as pessoas e, portanto, com Deus? Em vez de depreciar-se ou duvidar da presença de Deus em sua vida, tome rapidamente estas providências e volte a crescer como uma pessoa amorosa.

Confesse o seu pecado a Deus e receba o perdão dele. Há vários anos eu (Josh) sucumbi à tentação de correr na estrada e recebi uma multa por excesso de velocidade. Quando fui pagar a multa, o encarregado informou: "Se assistir a uma série de aulas sobre segurança no trânsito, não terá de pagar a multa". Fiz o curso e recebi um certificado de conclusão do instrutor. Quando apresentei o certificado à funcionária do tribunal, ela disse: "O seu registro está limpo". Quando voltei para casa naquele dia, pensei: *Que finda ilustração do que Cristo fez com os meus pecados. Eu era totalmente culpado, mas ele limpou meu registro na cruz.*

Jesus Cristo pagou o preço por todas as nossas palavras e atos carentes de amor. Quando confessamos essas palavras e atos, é da natureza de Deus perdoar o pecador arrependido. **Êxodo 34.6,7** diz que Ele é "compassivo, clemente e longânimo, e grande em misericórdia e fidelidade [...] perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado". Paulo

escreveu: "Ele (Deus) nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados" (Col. 1:13,14).

Nossa responsabilidade é confessar nosso fracasso em amar o próximo e receber o perdão de Deus conforme **1 João 1.9**: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça". A confissão e o perdão podem acontecer num instante. Uma vez que compreenda o seu erro, vá imediatamente a Deus e diga: "Eu errei, não amei como devia".

Se Deus fosse responder verbalmente à sua confissão, Ele poderia dizer algo como: "É verdade, você errou. Mas, por ter confiado em Meu Filho e confessado o seu pecado, está perdoado, o seu registro foi completamente limpo". O salmista nos promete: "Quanto dista o oriente do ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões" (Sal. 103:12). Isto inclui todo ato sem amor ou egoísta que confessarmos a Ele.

Perdoe a si mesmo. É surpreendente como alguns cristãos podem confessar seu pecado e agradecer a Deus num fôlego só e logo depois se desprezarem pelo seu fracasso: "Que coisa tola fiz. Como poderia ter agido com tamanho desamor? Que cristão você é? Como Deus poderá usá-lo depois do que fez? É bom refletir bem sobre tudo isso".

É insensato aceitar a morte de Cristo como base para o perdão de Deus e depois pensar que você precisa desprezar a si mesmo ou agir melhor para ser aprovado. Isto não só é ilógico, como também desonroso para Deus. É como afirmar que, nas vezes em que você erra, o sacrifício de Jesus é suficiente para Deus, mas não para você mesmo. Deixe de punir-se pelas suas falhas; Cristo já foi açoitado em seu lugar. Reconheça a suficiência do perdão de Deus, perdoando a si mesmo.

Acerte as coisas quando puder. Se as suas últimas palavras antes de apagar a luz foram insensíveis, iradas ou ferinas, confesse baixinho o seu pecado a Deus, depois se desculpe com seu cônjuge antes de dormir, pedindo-lhe perdão. Se ignorou o pedido de seu filho para ajudá-lo na tarefa de casa por estar "muito ocupado" assistindo à TV, confesse isso,

desligue a televisão, desculpe-se com ele e veja qual é o melhor meio de ajudá-lo. Tenha você ofendido um membro da família, amigo, colega, vizinho, membro da igreja, ou estranho, esforce-se para admitir sua culpa e busque perdão. Se a sua ofensa custou dinheiro à pessoa ou danificou uma propriedade, esteja preparado para fazer restituição. Ou, se as suas palavras pouco amorosas e maledicentes levantaram rumores sobre alguém, faça o possível para eliminar esses boatos e endireitar as coisas com todos os envolvidos.

Sempre que houver possibilidade, fale pessoalmente com o indivíduo a quem ofendeu, reconheça que procedeu de forma negativa e peça perdão. Se se encontrar com ele face a face não for conveniente, telefone, envie um bilhete ou escreva uma carta. É importante fazer tudo o que puder para acertar o problema no momento em que você perceber ter sido egoísta ou pouco amoroso em relação a alguém. Se tiver ofendido alguém com quem não tenha mais contato, peça a Deus que coloque essa pessoa no seu caminho pessoalmente ou por telefone, a fim de poder resolver a questão.

Esteja certo de que nem todos irão aceitar as suas desculpas e perdoá-lo pela sua atitude de desamor.

Certo dia, num restaurante, eu (Josh) disse algo que não devia ter dito perto de um irmão cristão. Não percebi o meu erro até que estava indo para casa e o Espírito Santo me convenceu do pecado, confessei-o a Deus e dei meia-volta, dirigindo-me novamente ao restaurante. Quando encontrei o homem, eu disse: "Cometi um erro no que disse esta noite. Desculpe-me por não ter demonstrado amor. você me perdoa?"

Ele respondeu: "Não. Não perdôo. Você nunca deveria ter dito aquilo". Espantado, repliquei: "Concordo cem por cento com você. Nunca deveria ter aberto a boca, mas abri e sinto muito. Você me perdoa?". Ele novamente recusou. Falamos mais um pouco sobre o assunto, mas o homem não mudou de idéia. Deixei o restaurante perdoado por Deus, mas não pelo indivíduo a quem ofendera.

Fiquei com pena de mim mesmo durante uns 45 minutos, rolando sobre as brasas e culpando-me pela obstinação dele. De repente pensei. *Isto é ridículo. Confessei meu perdão a Deus e Ele me perdoou. Desculpei-me da melhor maneira possível. Se ele não puder perdoar-me, sinto muito, o problema agora é dele, e não meu.* Endireitei os ombros e mudei de atitude na mesma hora.

Se você esperar que o indivíduo ofendido o perdoe antes que você mesmo se perdoe, estará mudando a base do perdão do sacrifício de Cristo para a atitude da pessoa ofendida. Se pedir sinceramente desculpas pelas suas palavras ou atos negativos, mas receber o mesmo tratamento que eu recebi no restaurante, não fique com raiva da pessoa em questão nem despreze a si mesmo. Deixe que Deus trate com a pessoa que não quer perdoar. Você fez a sua parte.

QUANDO OUTROS DEIXAM DE AMÁ-LO

Até as pessoas mais amorosas e bondosas em seu mundo são capazes de dizer e fazer coisas negativas. Em uma ou outra ocasião, você pode sentir a alfinetada de um colega, a promessa não-cumprida de um pai ou mãe, a infidelidade de um cônjuge, as palavras descuidadas de um amigo, o ato desagradável de uma criança, ou ressentimento de um estranho. Como deve reagir quando alguém quebra a lei do amor e você é a vítima dessas palavras ou atos?

Você deve reagir como o homem do restaurante não faria: deve perdoar. O perdão é uma decisão consciente para apagar o registro de todo juízo, para desistir de todo ressentimento, para libertar o ofensor da dívida do seu ato e para aceitar pessoalmente o preço da reconciliação.

O perdão é claramente um mandamento para o cristão, e não uma sugestão. Jesus disse: "E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, pala que vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas" (Mar. 11:25); "Porque se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não

perdoardes aos homens [as suas ofensas], tão pouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas (Mat. 6:14-15)". Paulo repetiu o mandamento de Cristo: "Antes sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus em Cristo vos perdoou" (Efés. 4:32); "Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade. Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós" (Col. 3:12-13). Desde que fomos perdoados por Deus, não podemos recusar perdão a outros, como ilustrado por Jesus na parábola do servo incompassivo em Mateus 18:23-25.

Vamos considerar algumas advertências sobre o perdão. Primeiro, o **perdão não é um sentimento**. Se você esperar até ter vontade de perdoar a mágoa que sofreu, talvez nunca perdoe. O perdão é uma decisão consciente de apagar o que ficou para trás, apesar do mal que você possa ter sofrido.

Segundo, **perdoar não significa fingir que a ofensa jamais ocorreu**, aprovar o mal cometido contra você, ou exigir que o seu ofensor mude de comportamento. Se a pessoa estiver fazendo algo moral ou legalmente errado, ela deve ser confrontada e responsabilizada pelos seus atos. Mas devemos perdoar quer o ofensor mude quer não de atitude.

Terceiro, **perdoar não é a mesma coisa que esquecer**. Você pode perdoar completamente alguém, mas continuar lembrando a ofensa. A memória irá diluir-se aos poucos com o correr do tempo, pelo menos é isso que se espera. É certo, porém, que você nunca esquecerá a ofensa se primeiro não perdoar.

Você talvez fique imaginando: "Se o perdão é tão vital para a ética do amor bíblico, por que os cristãos em geral relutam em perdoar os que os ofendem?"

Há várias razões para não perdoarmos:

- Gostamos de sentir-nos superiores aos outros. Em vez de procurar um alvo para as nossas críticas ou exaltar-nos à custa de outros, devemos fixar-nos no que é bom e positivo neles (Filip. 4:8).
- Gostamos, às vezes, de guardar ressentimento e piorar a situação. Mas temos ordem de livrar-nos de toda amargura, porque isso entristece o Espírito Santo (Efés. 4:30-32).
- Não podemos superar a ira. Todavia, Paulo adverte: "Irai-vos, e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira" (Efés. 4:26).
- Esperamos ser novamente magoados. Isto seria colocar limites no perdão, em lugar de perdoar ilimitadamente como Cristo ordenou (Mat. 18:21,22). É manter uma lista das ofensas sofridas, algo que o amor não faz (1 Cor. 13:5).
- Ficamos cheios de autopiedade. "Pobre de mim, fui tão machucado e não mereço isso", gememos. Em vez disso, devemos rejubilar-nos porque Deus pode extrair o bem de todas as coisas – até mesmo das palavras e dos atos faltos de amor de outros (Rom. 8:28).

Perdoar é uma expressão de amor e o amor toma a iniciativa de perdoar, mesmo que o ofensor não peça perdão. Ao perdoar rapidamente, estamos seguindo o exemplo de Deus. Ele estendeu-nos o perdão antes de sabermos que havíamos pecado: "Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores"(Rom. 5:8). "Nisto consiste o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou, e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados" (1 João 4:10). Devemos imitar a disposição de Deus em perdoar rápida e completamente.

Devemos estar também prontos para perdoar repetidas vezes aos que sempre nos ofendem. Nos dias de Cristo, o consenso entre os rabinos era que a pessoa deveria ser perdoada até quatro vezes pela mesma ofensa. Alguns dos professores mais generosos chegavam a perdoar até sete vezes. Foi esta a razão de Pedro ter perguntado a Jesus: "Senhor, até

quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes?" (Mat. 18:21). A resposta de Jesus mostrou que o nosso perdão deve ser ilimitado: "Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete" (v.22). Devemos perdoar toda ofensa e todo ofensor todas as vezes.

PODER PARA PERDOAR

Se você estiver pensando que perdoar pode ser difícil, tem razão. Onde encontramos o poder para perdoar quando, na verdade, somos tentados a ficar ressentidos, a buscar vingança ou a exibir a nossa superioridade? O poder vem de Deus, o grande perdoador.

Primeiro, **você pode perdoar porque tem a provisão e o exemplo de Jesus Cristo**. o perdão fez parte integrante do ministério terreno de Jesus, estendendo-se até os homens que O crucificaram (Luc. 23:34). O Seu sacrifício na cruz proveu o seu perdão e é a base para perdoar os outros. Estude o exemplo da vida de Cristo e reconheça que a Sua morte é o fundamento para você perdoar qualquer ofensa que venha a sofrer.

Segundo, **você pode perdoar porque tem o Espírito Santo habitando em seu coração**. Não está sozinho. Deus vive em você para efetuar os bons propósitos dEle na sua vida (Filip. 2:13). Esteja sempre cheio do Espírito Santo e confie nEle para ajudá-lo a perdoar.

Terceiro, **você pode perdoar porque tem a orientação da Palavra de Deus**. Preencha-se com as passagens bíblicas sobre o amor apresentadas neste livro. Memorize-as. Medite sobre elas. À medida que a Palavra de Deus se enraizar profundamente em seu coração e Sua mente, você vai descobrir que está disposto e capacitado a obedecer-Lhe (Col. 3:16).

Finalmente, **você pode perdoar porque tem o poder da oração ao seu alcance**. Faça desta oração parte da sua comunhão diária com Deus: "Pai celestial, obrigado por enviar Jesus Cristo para morrer na cruz a fim de que eu possa ser totalmente perdoado dos meus pecados. Ajude-me a confessar rapidamente minhas palavras e atos negativos de hoje. Dê-me forças para engolir meu orgulho e buscar o perdão de outros quando não

tiver mostrado amor. Mostre-me como perdoar a mim mesmo e tomar a iniciativa de perdoar aos que não me mostrarem amor. Peço convencimento quando precisar ser convencido, cura quando necessitar ser curado e consolo quando precisar ser consolado. Faça de mim um canal do Seu amor e perdão para o mundo hoje".

NOTAS

Capítulo 2

1. Josh McDowell e Bob Hostetler, *Right from Wrong* (Dallas, Word Publishing, 1995), pp. 81,82.

Capítulo 4

1. Citado em Max Anders, *30 Days to Understanding the Bible* (Dallas: Word Publishing, 1944), p. 120.

Capítulo 6

1. C. S. Lewis, *The Four Loves* (New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1960), p. 134.
2. Ibid., p. 98.
3. Ibid., pp. 91, 92.
4. Ibid., p. 176.
5. Ibid., p. 177.

Capítulo 7

-
1. C. S. Lewis, *The Four Loves*, pp. 13, 14.
 2. *Ibid.*, pp. 177, 178.